

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

PEREGRINOS DO PAI ETERNO:
os carreiros de Damolândia na Festa de Trindade – GO

Valéria Leite de Aquino

Rio de Janeiro
fevereiro, 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PEREGRINOS DO PAI ETERNO:
os carreiros de Damolândia na Festa de Trindade - GO**

Valéria Leite de Aquino

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia).

**Orientadora: Profa. Dra. Maria Laura Viveiros
de Castro Cavalcanti**

**Rio de Janeiro
fevereiro, 2007**

**PEREGRINOS DO PAI ETERNO:
os carreiros de Damolândia na Festa de Trindade - GO**

Valéria Leite de Aquino

Orientadora: Profa. Dra. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia).

Aprovada por:

Presidente, Profa. Dra. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti

Prof. Dr. Marco Antônio da Silva Mello

Prof. Dr. Emerson Alessandro Giumbelli

Profa. Dra. Márcia de Vasconcelos Contins Gonçalves

Prof. Dr. Marco Antônio Teixeira Gonçalves

Rio de Janeiro

Fevereiro, 2007

Aquino, Valéria Leite de.

Peregrinos do Pai Eterno: os carreiros de Damolândia na Festa de Trindade – GO / Valéria Leite de Aquino. – Rio de Janeiro: UFRJ / IFCS, 2007.

vii, 118f.: il ; 29,7 cm

Orientadora: Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti

Dissertação (mestrado) – UFRJ / IFCS / Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, 2007.

Referências bibliográficas: f. 126-130

1. Peregrinação. 2. Carreiros. 3. Divino Pai Eterno. 4. Família. 5. Carro de boi. I. Cavalcanti, Maria Laura Viveiros de Castro. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. III. Peregrinos do Pai Eterno: os carreiros de Damolândia na Festa de Trindade – GO.

AGRADECIMENTOS

A Lucélia, Valdson e Andréia Aquino, pelo apoio e incentivo nos momentos difíceis.

A professora Maria Laura Cavalcanti pelo enorme profissionalismo e dedicação a este trabalho, e pela paciência e amizade sempre tão acolhedoras.

Aos colegas Fábio Araújo, André Nunes e Aline Martins por compartilharem das alegrias e tristezas do dia a dia e do processo de construção desta dissertação.

Aos professores Marco Antônio Mello, Emerson Giumbelli, Márcia Contins e Marco Antônio Gonçalves pelos diálogos, palpites e questionamentos, por toda a contribuição e colaboração enriquecedora nos momentos de desenvolvimento e finalização desta pesquisa.

Aos carreiros de Damolândia, especialmente a família Silveira, que tão calorosamente me acolheu durante os dois anos de pesquisa, e que em muito colaborou para o desenvolvimento dela.

RESUMO

PEREGRINOS DO PAI ETERNO: os carreiros de Damolândia na Festa de Trindade - GO

Valéria Leite de Aquino

Orientadora: Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia).

Este trabalho é um estudo etnográfico sobre uma romaria de carreiros do interior de Goiás. Com o objetivo de abordar os processos de construção de identidade social no ritual de peregrinação, bem como de apreender os múltiplos significados de que essa experiência ritual se reveste para seus agentes, acompanho a trajetória dos romeiros carreiros do município de Damolândia (GO) em seus carros de boi rumo ao Santuário do Divino Pai Eterno, em Trindade (GO). Formadas por grupos familiares, as romarias carreiras são fortemente marcadas por relações familiares e de gênero, o que lhes confere um caráter singular de convívio que permite a expressão de valores e conflitos importantes na organização social desses grupos. Enquanto processo ritual a peregrinação dramatiza as relações sociais dos grupos, colocando-as em destaque, e por isso possibilita aos peregrinos refletir sobre essas relações ao mesmo tempo em que permite experimentar novas possibilidades de relacionamento, como o estado de *communitas* (Turner, 1974a), por exemplo. O carro de boi, hoje visto como um veículo rústico, se destaca ao tornar-se símbolo desses romeiros do Divino Pai Eterno, condensando inúmeros significados que dizem respeito aos valores e princípio da organização social bem como da história regional na qual esses grupos de peregrinos estão inseridos.

Palavras-chave: peregrinação; carreiros; Divino Pai Eterno; família; carro de boi

Rio de Janeiro

fevereiro, 2007

ABSTRACT

Pilgrims of “Pai Eterno” (Eternal Father): the oxcart drivers of Damolândia in the Party of Trindade - GO

Valéria Leite de Aquino

Orientadora: Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia).

This work is an ethnographic study on a pilgrimage of oxcart drivers of the Goiás country. With the objective of approaching the processes of construction of social identity in the pilgrimage ritual, as well as of apprehending the multiples meanings that that ritual experience is covered for their agents, I accompany the path of the pilgrims of the municipal district of Damolândia (GO) in their oxcarts heading for the Divino Pai Eterno's (Divine Eternal Father) Shrine, in Trindade (GO). Formed by family groups, the pilgrimages careers are marked strongly by family relationships and of gender, what checks them a singular character of conviviality that allows the expression of values and important conflicts in the social organization of those groups. While process ritual the pilgrimage dramatizes the social relationships of the groups, putting them in prominence, and for that it makes possible the pilgrims at the same time to contemplate about those relationships in that it allows to try new relationship possibilities, as the *communitas* (Turner, 1974a) state, for instance. The oxcart, today seen as a rustic vehicle, stands out when turning those pilgrims' of the Divine Eternal Father symbol, condensing countless meanings that concern the values and principles of the social organization as *well as of the regional history in the which those groups of pilgrims are immersed.*

Keywords: pilgrimage, oxcart drivers, Divino Pai Eterno, family, oxcart.

Rio de Janeiro

fevereiro, 2007

Lista de fotos

- Foto 1** – O medalhão de barro
- Foto 2** – Imagem cultuada no Santuário de Trindade, conhecida por “Imagem do Divino Pai Eterno”
- Foto 3** – O figueredo
- Foto 4** – Um carro boi com seis junta
- Foto 5** – Um carro de boi com duas juntas
- Foto 6** – Preparando a viagem
- Foto 7** – A Missa de Despedida (Damolândia)
- Foto 8** – “Rumo à Trindade”. Uma das réplicas da imagem do “Divino Pai Eterno”
- Foto 9** – Wilson, o carreiro dos Silveira
- Foto 10** – A carroça dos Silveira, com Tânia e Flávia
- Foto 11** – Crianças pegando carona no carro de boi
- Foto 12** – A montagem da barraca
- Foto 13** – A preparação da comida
- Foto 14** – Igreja Pe. Pelágio
- Foto 15** – As barraquinhas
- Foto 16** – O santo encoberto à espera do início da Romaria
- Foto 17** – Pe. Agnaldo Gonzaga na Romaria dos Carros de Boi (2005)
- Foto 18** – Carro de búfalos no Desfile dos Carreiros
- Foto 19** – Carro de cabritos no Desfile dos Carreiros
- Foto 20** – Desfile dos Cavaleiros
- Foto 21** – Carro de porcos
- Foto 22** – Missa dos Carreiros
- Foto 23** – Aprendendo a carrear
- Foto 24** – Jovem candeeiro
- Foto 25** – “Romeiro tem que comer poeira”
- Foto 26** – Homens e carros de boi
- Foto 27** – Chegando em Trindade. Ao fundo o Santuário do Divino Pai Eterno
- Foto 28** – Vista aérea do Santuário Novo
- Foto 29** – A Banda Municipal na Romaria/Desfile
- Foto 30** – Polícia Militar Mirim
- Foto 31** – Entrada do Carreiródromo
- Foto 32** – O candeeiro Remarco da Silveira
- Foto 33** – Preparando para voltar. Sônia (direita), Tânia (esquerda) e Remarco (dentro do carro de boi)
- Foto 34** – Colocando os bois no carro
- Foto 35** – Parte da família Silveira que realizou a peregrinação em 2005

Por que sou carreiro

*Sempre digo com respeito à razão porque foi,
que eu me tornei para sempre um romeiro,
um romeiro de carro de boi.
Eu nasci mesmo na roça em algum tempo passado
e vivia na fartura, por Deus era abençoado.
Mas eu não compreendia porque meu pai, já senhor de idade,
ia de carro de boi até a Festa de Trindade.
Um dia eu disse: papai, veja como o senhor tem sofrido
esse ano em Trindade o senhor vai junto comigo.
Deixe o seu carro de boi, na varanda aposentado,
o senhor não precisa mais disso, hoje o tempo ta de mudado.
Meu pai, de olhar tristonho, virou e me disse cansado
“Meu filho não faça isso, não mate o seu velho entrevado.
Eu e meu carro de boi, por esse solo benzido,
somos um sonho desgastado, somente por Deus protegido.
Quando deixei Minas Gerais, e pisei neste chão de cerrado,
fiz meu rancho, plantei roça, deixando o pasto formado.
Cada parte da nossa riqueza é pelo Pai Eterno abençoada,
e foi construída com este carro, que jamais nos cobrou nada.
Só peço uma coisa meu filho: quando eu partir para a eternidade
leve meu carro de boi ao Pai Eterno de Trindade.
E lembra que em silêncio, ouvindo o meu carro cantando,
eu estarei seguindo os seus passos, e por você meu filho, eu estarei rezando”.*

*Esta palavra de meu pai fez meu peito soluçar,
dei-lhe um abraço apertado e em prato ali comecei a chorar.
Depois disso, caro devoto, uma má sorte aconteceu
o meu pai, carreando na roça, dentro do carro morreu.
No mesmo carro que eu carreguei o meu papai falecido
hoje eu faço a romaria e por ele eu sou protegido.
Sinto até que meu velho pai, que me fez devoto por inteiro,
continua dentro do carro, tocando o seu boi Marinheiro.
E da mesma forma o meu filhinho, amanhã quando carrear,
me levará neste carro à Terra Santa para rezar.
Aí está romeiro amado, a razão porque foi
que eu me tornei para sempre romeiro,
romeiro de carro de boi.*

Pe. Agnaldo Gonzaga

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um estudo etnográfico sobre uma romaria de carreiros do interior de Goiás. Os romeiros carreiros são peregrinos que se deslocam em carros de boi até o Santuário do Divino Pai Eterno, também conhecido como Santuário de Trindade, por ocasião da Romaria do Divino Pai Eterno, ou simplesmente Festa de Trindade, que se realiza nos nove dias que precedem ao primeiro domingo de julho. O Santuário do Divino Pai Eterno se localiza na cidade de Trindade a dezoito quilômetros de Goiânia, e tem origem na segunda metade do século XIX (Silva, 2005).

O carro de boi é um veículo rústico, para o transporte de carga, muito utilizado no Estado de Goiás, assim como em outras regiões do país, até meados do século XX. Feito artesanalmente de madeira e puxado por bois ele é, nos dias de hoje, associado direta e exclusivamente à zona rural, e só utilizado na região para a peregrinação ao Santuário de Trindade.

Com o objetivo de abordar os processos de construção de identidade no ritual de peregrinação, o trabalho de campo se concentrou na trajetória dos romeiros carreiros de Damolândia, município de onde parte um dos 30 diferentes grupos de peregrinos carreiros que se dirigem à Trindade. O trabalho de campo, feito em 2005 e 2006, consistiu na realização da trajetória de peregrinação junto aos carreiros, assim como na permanência junto a eles durante o período de festa na cidade de Trindade.

O primeiro contato com os carreiros de Damolândia ocorreu em 2005 quando, buscando me aproximar desses peregrinos, visitei vários lugares durante a Festa de Trindade onde os grupos montavam seus acampamentos. A escolha por esse grupo se deu pela receptividade diante da minha aproximação e pela disponibilidade, por parte dos romeiros, em compartilhar a experiência da peregrinação. Em 2006, já familiarizada com o grupo, pude acompanhar a peregrinação desde o processo de preparação para a partida em Damolândia, todo o percurso em direção à Trindade, a permanência nos acampamentos, à volta para a cidade e o desfazer das malas. Minha participação na peregrinação junto aos carreiros, foi mediada pela família Silveira, que há mais de três gerações realiza a romaria em carros de boi, e que, além de me acolher durante todo o período da pesquisa, serviu como matriz para pensar

os processos de construção de identidades de que se reveste o ritual de peregrinação entre os romeiros carreiros e seus diversos significados¹.

Seguindo a sequência espaço/temporal sugerida pelo próprio movimento da peregrinação, e inspirada nos estudos clássicos de ritual, em especial os trabalhos de Victor Turner (1974a; 1974b; 1978; 2005), organizei os capítulos de forma a corresponderem a esse mesmo movimento de deslocamento do espaço profano de seus lares ao centro sagrado de peregrinação e a volta renovada do grupo para casa.

Tomando os rituais como momentos extraordinários que condensam aspectos da vida social e que individualizam fatos ou relações sociais colocando-os em foco através da dramatização (Turner, 2005; Da Matta, 1997), abordo a romaria dos carreiros como um ritual que condensa valores e princípios que organizam a vida social do grupo de carreiros focalizado neste estudo.

A partir do ritual de peregrinação chamo a atenção para a organização social dos romeiros carreiros destacando suas formas de relacionamento no contexto ritual e suas experiências de contato com o sagrado², ambas permeadas por valores sociais e morais próprios desses peregrinos.

Assim, o primeiro capítulo abarca o espaço/tempo percorrido de Damolândia à Trindade. Nele abordo a preparação para o início da peregrinação, as celebrações realizadas antes da partida dos peregrinos assim como as peculiaridades da caminhada e dos pousos na estrada. A partir dessa abordagem, focalizo a organização da romaria a partir dos grupos familiares que a compõem, destacando as situações sociais que dramatizam de forma notável as relações de gênero durante esse período, ressaltando valores relevantes inerentes ao grupo.

No segundo capítulo me detenho ao período de permanência dos romeiros em Trindade e ao percurso de volta à Damolândia, destacando as formas de sociabilidade marcadas pelo convívio familiar, pelos atrativos da festa e pelas experiências religiosas vividas durante a peregrinação.

No terceiro capítulo destaco o carro de boi como um símbolo dominante (Turner, 1957; 2005) da romaria dos carreiros, e analiso seus vários planos de significação.

¹ Reconhecendo a importância de possuir bons interlocutores, dispostos a estabelecerem diálogos qualitativamente significativos para o desenvolvimento da pesquisa, não posso deixar de destacar, entre os membros da família Silveira, Tânia da Silveira, a sexta filha de Manoel da Silveira, o patriarca da família. Tânia se tornou, no decorrer de dois anos de pesquisa, uma interlocutora privilegiada, com quem pude desenvolver uma saudável relação de amizade, e através da qual compartilhei de dramas familiares e pessoais. Experiência que se mostrou essencial para o desenvolvimento do trabalho.

² O sagrado é entendido aqui como um valor que indica situações respectivas. O sagrado e o profano são vistos como posições dinâmicas, onde os valores dessas posições são dados pela comparação, contraste e contradição, termos que ajudam a distinguir, separar e estabelecer significados (Van Gennep, 1978).

Trindade: uma cidade-santuário

Trindade, a 18 quilômetros de Goiânia, é sede do principal santuário goiano. Com aproximadamente 99.235 habitantes o surgimento da cidade está diretamente relacionado ao surgimento do santuário. Com uma economia baseada na indústria de transformação³, o turismo religioso ocupa o segundo lugar dentro da economia local.

De acordo com Camurça e Giovannini Jr. (2003) o turismo religioso introjetado “de fora, por forças econômicas e políticas interessadas no "desenvolvimento e integração regional", introduz uma nova forma de visualizar os bens de origem sagrada, secularizando-os enquanto objetos de consumo, em última instância, voltados para o lazer do turista”.

Contudo, vale observar que é problemática a distinção entre romeiros e turistas. Durante o desenvolvimento da pesquisa por inúmeras vezes os peregrinos expressaram abertamente que uma das motivações da peregrinação era seu caráter festivo. Wilson, por exemplo, que é o carreiro da família Silveira, quando lhe perguntei sobre a diferença da peregrinação em carros de boi para a Festa de Trindade e uma outra peregrinação realizada pelo mesmo grupo durante a Semana Santa, só que feita a pé, ele ressaltou o caráter festivo da Festa de Trindade e, de certa forma, da própria peregrinação em carros de boi: “na Festa de Trindade não vai por penitência né, a Festa agora, vai pra festá. Semana Santa é penitência, e a festa é festa né! É uma mesma tradição e festa” (Wilson, e.4).

Embora haja uma crescente investida do turismo, enquanto instrumento de forças econômicas e políticas, na esfera das festas populares de caráter religioso, as categorias romeiros e turistas não permitem traçar uma linha divisória nítida, como bem observou Steil (2003) em pesquisa feita no santuário de Bom Jesus da Lapa (BA):

Romeiros e turistas se confundem tanto em relação às suas motivações quanto aos seus comportamentos. (...) existe uma miscelânea de atos religiosos e turísticos praticados pela mesma pessoa, de modo que se torna muito difícil saber se estamos diante de um turista ou de um romeiro. (Steil, 2003)

Trindade é uma típica cidade interiorana que mantém estreitas relações com a zona rural de seu entorno, tendo características urbanas, como ruas asfaltadas, sistemas de esgoto e

³ Indústria de transformação é uma categoria utilizada pelo IBGE. Aqui ela se refere às indústrias de confecção. Fonte: IBGE, 2005.

saneamento, escolas e universidades, ao mesmo tempo em que ainda carrega algumas características rurais, como a utilização de animais como meio de transporte, e a dependência econômica de famílias inteiras daquilo que elas mesmas produzem no campo, embora habitem na cidade.

Suas construções mais altas não ultrapassam três andares, casas com grandes quintais são comuns e algumas não possuem sequer muros que separam a casa da rua.

Segundo narrativas oficiais da Igreja, também difundidas e aceitas entre os devotos, o Santuário do Divino Pai Eterno, ou simplesmente Santuário de Trindade como é popularmente conhecido, surge em meados do século XIX a partir de um medalhão de barro, de aproximadamente dez centímetros de diâmetro que teria sido descoberto por um casal de agricultores, na região aos arredores de Trindade que até então se chamava Barro Preto. A “imagem do Pai Eterno” contida no medalhão de barro retrata na verdade a Virgem Maria ao centro, cercada pela Santíssima Trindade: do seu lado direito está Jesus, do esquerdo está Deus personificado, e no alto de sua cabeça o Espírito Santo. (foto 1)

O medalhão, no entanto, não é exposto ao público, apenas réplicas da imagem contida no medalhão são expostas, de acordo com Pe. Vicente André:

O medalhão existe e está sob os meus cuidados. De acordo com a análise feita no Instituto Histórico de São Paulo, é provável que ele tenha mais de 250 anos e isso leva a crer que de fato é o medalhão original. Há o uso desta estampa da Santíssima Trindade em outros lugares. Pela história nós sabemos que no século XVIII houve uma grande exploração de ouro no Centro-Oeste goiano, principalmente por alemães e austríacos. Veja bem, esse medalhão pode ter sido trazido por algum deles e perdido por aqui, certamente na passagem pelo Barro Preto e que mais tarde foi encontrado. (*apud Deus, 2000*)

É a primeira reprodução da imagem, feita em madeira e exposta na Igreja Matriz, que atrai o maior número de peregrinos. (foto 2) Durante os últimos dias de festa, a fila do beijamento que se forma para que os fiéis se aproximem da imagem chega a ultrapassar três quarteirões⁴.

O casal que encontrou o medalhão teria iniciado o culto ao Pai Eterno fazendo orações em casa, e à medida que essas rezas atraíam um maior número de pessoas eles teriam construído uma capela para a imagem no local onde é hoje a Igreja Matriz.

⁴ De acordo com o relato informal de muitos peregrinos, o medalhão de barro havia sido roubado e após décadas de desaparecimento ele foi devolvido durante uma confissão. Justificando, assim, a sua não exposição.

De acordo com a historiadora Deus (2000) o informativo *Santuário de Trindade* de 1924 publicou a primeira versão oficialmente aceita do mito de origem da romaria:

Foi pelo anno de 1830 que entrou em Goyaz um mineiro de nome Constantino Xavier Maria. Era seu intento comprar terras e constituir família. Foi feliz. Na margem do córrego Barro Preto comprou terras, fez casa e as suas roças, casou-se com D. Anna Rosa de Oliveira, natural da banda de Padre Souza, perto de Pyrenópolis.

Toda a região era ainda sertão bruto. Existia desde 1843 a paróquia de Campinas, mas era pouco habitada, havia apenas uns quarenta batismos por anno. Em 1849 ainda baptisou o primeiro vigário de Campinas peto do Morro Feio alguns indiosinhos. Fora da Matriz havia somente uma “casa de oração” em louvor a Santa Rita de que não há mais vestígios. Onças e antas povoavam as matas onde hoje se levantam capellas, se estendem povoações e saúdam de longe casas bem construídas e caiadas.

O nosso bom mineiro não perdeu a coragem. Era um religioso da gemma trouxe da sua terra o “santo” de sua devoção. Era mais verônica de que imagem, representando as três pessoas da Santíssima Trindade coroando Nossa Senhora Maria Santíssima. Perante este seo thesouro religioso que ocupou um lugar de honra em sua casa, Constantino costumava rezar o terço. Isto chamou a atenção de vizinhos. Vieram assistir a estes actos de religião em tão grande número que o dono da casa se viu obrigado a construir um rancho para abrigar os devotos. Este rancho coberto de folhas de burity estava perto de córrego da estrada nova que vai a Palmeiras (...). o altar era um girao enfeitado de arco, colchas e flores. Nesta “casa de oração”, como rezam os primeiros livros de baptisados e casamentos de Campinas celebravam muitas vezes os actos da religião os vigários de então: Pe. Basílio de Santa Bárbara Almeida (1841 até 1854) e Pe. João Francisco de Nascimento (1854 a 1860) (...).

A estes dois amigos seus abriu Constantino o coração. Desejava construir uma capella em louvor da Santíssima Trindade e dar o patrimônio necessário, devia ouvir porém que conforme uma antiga disposição diocesana “não se podiam expor à veneração dos fiéis imagens que tinham menos de um palmo e imperfeitas”. Essa sem dúvida foi um dos motivos que fizeram-no ir à terra de sua mulher e encomendar uma nova imagem. O velho mestre Veiga, o velho artista, se encarrega disto e fez uma obra perfeita. Nem nos seos sonhos mais dourados podia prever que esta imagem um dia seria objecto de veneração de um povo inteiro rendendo elle homenagem às três Pessoas da Santíssima Trindade. Ou talvez Constantino quando trouxe de lá a nova imagem a pé – pois tinha até dado o seu cavalo arreado em pagamento – não teve um pressentimento de que na mesma estrada um dia milhares de romeiros passariam em rumo da Trindade que naquele tempo nem tinha nome nem meia dúzias de casas no novo patrimônio? Mas a capella estava prompta. Era pequena, coberta de sapé e sem assoalho, pois contam que “naquele tempo não sabiam asserar taboas”. Lá colocou seo thesouro e deo a sua missão neste mundo por finda. Pouco tempo depois morreu (1867?). tinha alcançado 65 annos de idade. Constantino Xavier Maria foi enterrado conforme o costume do tempo no pequeno largo da capella, de maneira que hoje seo túmulo se encontra um pouco fora da grade de comunhão do Santuário: aliás lugar de sepultura de leigos beneméritos da Igreja. Elle que tanto gostava de missas e rezas no seo rancho e depois na nova capellinha é também agora participante dos

tesouros espirituais do Santuário, e é ali que espera a sua ressurreição. (*Santuário da Trindade*, 1924, apud Deus, 2000)

Posteriormente, em 1958, o mesmo informativo publica a narrativa de forma comentada, e a partir dela pode-se notar discrepâncias e variações dos discursos sobre a origem do medalhão. Nesta reedição o redator comenta que moradores da cidade e freqüentadores da festa teriam dito que o medalhão havia sido encontrado pelo casal quando estavam roçando o pasto.

Essa versão que atribui a um sinal divino a presença e existência do medalhão é aquela atualmente aceita. O livro *O Divino Pai Eterno e o Santuário de Trindade* (2005) escrito pelo Pe. Antônio Gomes da Silva traz essa versão ao mesmo tempo em que serve como meio de reafirmá-la.

Há indicações de que tudo começou por volta de 1843. A história que conhecemos nos foi transmitida por tradição oral e por escritos posteriores. Relata-se que um homem chamado Constantino Xavier e sua esposa Ana Rosa, pessoas simples que viviam da lavoura, estavam cultivando a terra para plantar, quando de repente, depararam com um pequeno objeto. Tomados de certo espanto e admiração, passaram a analisar aquele artefato de barro cozido, com mais ou menos 10 cm de diâmetro. Nele estava gravada, em alto relevo, uma imagem que representava a Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, coroando a Virgem Maria. Os dois interpretando o achado como um sinal divino e, chegando em casa, trataram de reservar um lugar digno onde o medalhão pudesse ser reverenciado. No início, são os vizinhos os primeiros a freqüentar a casa de seu Constantino e de dona Ana Rosa. Naquele lar simples e aconchegante, eles participam de meditações e rezam o terço. Com o passar do tempo, mais pessoas são atraídas por aquela misteriosa imagem, que passa a ser conhecida como imagem do Divino Pai Eterno. (Silva, 2005:14)

Ainda que o Santuário de Trindade tenha na sua origem a figura da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria, a devoção popular se dirige ao Divino Pai Eterno, trata-se, de acordo com os próprios dirigentes do Santuário, do único santuário no mundo cujo padroeiro é o próprio Deus.

A história sobre o achado do medalhão, seguindo o surgimento das peregrinações e da própria cidade de Trindade é muito difundida entre os romeiros carreiros, no entanto, nenhum dos quais conversei arriscou dizer porque o culto é devotado ao Divino Pai Eterno, já que a imagem contida no medalhão de barro retrata a Santíssima Trindade e a Virgem Maria.

Embora o culto em Trindade seja direcionado a Deus, para os fiéis o Divino Pai Eterno ganha as características de um santo de devoção, se tornando muitas vezes duas figuras indistintas. Ou são em alguns momentos, confundido com o Divino Espírito Santo, devido à mesma nomenclatura “divino”⁵.

Ainda que deixem claro que o Divino Pai Eterno é um “santo” poderosíssimo, poucos se aventuram a igualá-lo a Deus. Alguns minutos dentro da Igreja Matriz, local onde fica exposta a primeira réplica de madeira feita da imagem contida no medalhão, são suficientes para perceber os deslocamentos de sentido entre Deus e o Divino Pai Eterno. Muitos peregrinos quando chegam à Trindade vão logo ver o “santo”, e lá, aos pés da imagem, dizem “graças a Deus e ao Divino Pai Eterno” como forma de agradecer a chegada ao santuário. Tânia, uma romeira de carro de boi, também expressa essa duplicidade do Pai Eterno, ao falar da experiência de peregrinação dizia que sentia um “alívio espiritual” quando retornava para casa e que só tinha a agradecer a Deus pela viagem, “nossa, graças a Deus eu fui lá no Pai Eterno” (Tânia, 2006 e.3).

A popular Festa de Trindade se inicia nove dias antes do primeiro domingo de julho, período que corresponde ao “tempo comum” do calendário litúrgico⁶. Atraindo cerca de 1,5 milhões de pessoas durante os dez dias de celebrações, o Santuário do Divino Pai Eterno possui um âmbito regional, agregando pessoas de todo o Estado de Goiás assim como de alguns estados vizinhos, como Minas Gerais e Bahia⁷.

A Festa de Trindade tem o caráter de festas de romaria. Brandão (2004) ao analisar as festas de santos nas comunidades rurais do Centro-Oeste, em especial o trabalho feito sobre a Festa do Espírito Santo na cidade de Mossâmedes (GO), diferencia os rituais de comemoração e festivos das cerimônias rituais de aflição, ou seja, das festas de romaria, por compreender que essas situações rituais carregam um maior peso de aflição, “uma esperança de uma solução para a aflição” que pode estar relacionada a problemas de saúde, de relacionamento interpessoal ou a problemas sociais como desemprego, moradia, etc (Brandão, 2004:131).

No entanto, chamo a atenção para o caráter aglutinador de características festivas e aflitivas encontrado na romaria dos carreiros. A peregrinação feita em carros de boi indica

⁵ Durante a pesquisa não presenciei essa confusão entre o Divino Pai Eterno e o Divino Espírito Santo. No entanto, além dela ser descrita, a partir do relato de uma peregrina, no trabalho de Deus (2000), durante a formulação inicial do projeto desta pesquisa eu mesma caí na armadilha desta nomenclatura, só percebendo o equívoco após realizar diversas leituras sobre as Festas do Divino Espírito Santo e constatar que em nada se assemelhavam à Festa do Divino Pai Eterno.

⁶ Fonte: <http://www.auxiliadora.org.br/liturgia/anoliturgico.htm>

⁷ Fonte: “Romaria do Pai Eterno” (2005/2006), folheto explicativo da festa distribuído pela prefeitura e Jornal O Popular, julho (2005/2006).

uma nova configuração ritual onde a situação de festa e de romaria se encontram justapostas e são passíveis de serem experimentadas por todos os peregrinos.

É necessário, antes de iniciar o primeiro capítulo, expor o quadro temporal abrangendo a peregrinação dos carreiros e a Festa de Trindade.

Acontecendo durante os nove dias que antecedem ao primeiro domingo de julho, o Domingo da Festa, a Festa de Trindade se inicia sempre em uma sexta-feira, terminando em um domingo e contabilizando ao final dez dias de festa. Os romeiros carreiros de Damolândia partem em peregrinação sempre no início da tarde, entre meio dia e treze horas, do primeiro sábado da festa, ou seja, um dia após seu início, chegam à Trindade sempre na segunda-feira, por volta do meio dia, permanecendo três dias e duas noites na estrada (sábado, domingo e segunda-feira). Em Trindade, eles permanecem sete dias: chegam em uma segunda-feira e partem na segunda-feira seguinte. E permanecem mais três dias e duas noites no caminho de volta, chegando em Damolândia sempre em uma quarta-feira, também entre meio dia e treze horas.

Segue-se abaixo o quadro temporal da Festa de Trindade e da peregrinação dos carreiros de Damolândia:

Cap. I - De Damolândia à Trindade: famílias em peregrinação

Neste capítulo tratarei da primeira parte da peregrinação que corresponde ao deslocamento espaço/tempo de Damolândia à Trindade. Com o objetivo de demonstrar como se configura a peregrinação dos carreiros discorro sobre as formas de organização, baseadas em grupos familiares, utilizadas pelos romeiros desde os preparativos preliminares à partida, passando pela caminhada propriamente dita para chegar aos acampamentos da estrada.

No decorrer do trabalho perceberemos que, nas famílias de carreiros, as relações de gênero são bem marcadas e que, embora se expressem no dia a dia desses peregrinos, durante o ritual de peregrinação elas se tornam mais evidentes. Essas relações de gêneros funcionam como uma forma de distinção entre os papéis sociais, onde o masculino e o feminino possuem valores e funções diferentes que podem ser percebidas a partir das práticas rotineiras durante toda a peregrinação.

Merece especial atenção o critério de distinção entre os diferentes grupos familiares a partir do nome de família (Abreu, 1980b) e o fato de o ofício de carreiro ser desempenhado apenas por homens. A categoria “grupos familiares”, que utilizo para descrever a forma de organização desses peregrinos, refere-se a conjuntos de famílias elementares. Cada grupo familiar pode ser formado por uma família elementar ou por várias famílias elementares, mas independente da quantidade de famílias elementares que constituem o grupo familiar, sua existência enquanto grupo unitário é expressa pelo nome de família. A categoria nome de família, por sua vez, trabalhada por Abreu (1980b), não se refere apenas a um sobrenome, ela constitui uma categoria capaz de distinguir famílias, possibilitando estabelecer comparações entre elas, tanto no âmbito moral quanto social. Diferente do sobrenome de uma pessoa, que é composto pelo nome de família de seu pai e pelo nome de família de sua mãe, o “nome de família” é constituído apenas pelo nome de família herdado por linha masculina, já que a mulher, quando se casa, ao adquirir o nome de família de seu marido, perde o de sua mãe e mantém aquele herdado de seu pai, fazendo com que a transmissão se perpetue por linha masculina.

É também por linha masculina que se transmite o ofício de carreiro. Geralmente passado de pai para filho, ou mesmo de avô para neto, a iniciação na lida com o carro de boi começa muitas vezes na infância, onde a criança desempenha uma função subalterna à do carreiro, que recebe o nome de candeeiro.

Assim, tanto o nome de família quanto o ofício de carreiro são herdados por linha paterna, indicando uma preeminência masculina na organização social dessa peregrinação.

Parte I

As famílias em Damolândia

Damolândia é uma típica cidade interiorana, à 73 km de Goiânia, com aproximadamente 2.560 habitantes, cuja maioria tira sua renda de algum trabalho ligado ao campo. Embora não possua grande destaque econômico seu chamativo está em suas “tradições culturais”. Os carreiros de Damolândia, como são conhecidos os romeiros em carros de boi que se deslocam até Trindade durante a Festa do divino Pai Eterno, já foram objeto de filmes documentários, de pesquisas acadêmicas, ou mesmo atrações televisivas⁸.

A chegada a Damolândia já indica que se trata de uma cidade de carreiros. Na praça localizada em uma de suas entradas, está exposto um carro de boi demonstrando a íntima relação da cidade com o veículo pouco utilizado atualmente.

Localizada na região central do Estado, e a 80 km de Trindade, de lá parte uma das maiores romarias em carros de boi que se dirigem ao Santuário do Divino Pai Eterno no final do mês de junho. Os “carreiros de Damolândia”, como é conhecido o grupo de peregrinos, é constituído por aproximadamente 40 carros de bois que partem em romaria oito dias antes do Domingo da Festa (1º domingo de julho), permanecendo três dias na estrada até chegar ao Santuário de Trindade. Tanto no percurso, quanto no santuário, os carreiros se acomodam em grandes barracas de lona montadas nas fazendas, quando se está na estrada, ou em grandes lotes vazios, quando se chega à Trindade⁹.

Embora o grupo de peregrinos seja denominado por “carreiros de Damolândia”, entre os carreiros há também outros peregrinos que fazem o percurso em tratores, carroças,

⁸ Entre os filmes documentários está “Ruídos da Fé: Damolândia a Trindade” (direção: Ângelo Lima, 2003, 11’), e entre pesquisas já realizadas cito “O carreiro, a estrada e o santo: um estudo etnográfico sobre a romaria do divino Pai Eterno” (Duarte, 2004).

⁹ Veiga (2002) ao analisar a festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis (GO) chama a atenção para um conjunto de ritos populares (folias, peregrinações, romarias e procissões) que “evocam o princípio do deslocamento pela fé”. Todos esses ritos são caracterizados pelo movimento e transitoriedade e compartilham do aspecto de circunscrição do sagrado.

automóveis e até em um veículo denominado “figueredo”¹⁰, demonstrando que se trata de um grupo heterogêneo¹¹. (foto 3)

Quando ali cheguei em 2006, para acompanhar a peregrinação desde o seu início, tive uma impressão bem diferente daquela de um ano atrás quando visitei a cidade pela primeira vez. A cidade estava muito movimentada para seu pouco mais de 2.500 habitantes, havia muitos veículos transitando nas ruas e uma grande quantidade de carros de boi dividia com os outros veículos as estreitas ruas de Damolândia. Toda a cidade parecia ser afetada pela peregrinação dos carreiros, havia um clima de expectativa no ar.

À medida que se aproximava o dia da partida, a cidade se enchia. Não apenas os carreiros que habitam a zona rural se dirigem para a cidade, ficando na casa de parentes, como nesse período Damolândia também recebe seus filhos desgarrados, em sua maioria jovens que vão para as cidades maiores em busca de melhores condições de estudo ou empregos.

Para aliviar a expectativa até o momento da partida, e claro, para distrair os visitantes, a prefeitura organizou nas duas noites anteriores à partida uma confraternização em praça pública, com apresentações de duplas sertanejas e concurso de mentiras em meio a uma dúzia de barraquinhas de petiscos e coisas afins para enganar o estômago.

Embora os dias que antecedem a partida sejam caracterizados por uma agitação explícita, a movimentação dos peregrinos se inicia dias antes, ao longo do processo de preparação para a viagem. A partida acontece sempre em um dia de sábado, oito dias antes do Domingo da Festa. Antes de partir é necessário preparar o carro de boi e os mantimentos que serão consumidos durante o período de peregrinação.

Trata-se de duas tarefas distintas, e já nelas encontramos uma característica marcante da organização social da romaria, que acompanhará toda a peregrinação: a divisão das tarefas de acordo com o gênero (Mead, 1988; Franchetto; Cavalcanti; Heilborn, 1980; Jelin, 1995)¹². Há uma nítida divisão sexual do trabalho, há trabalhos considerados masculinos, onde estão incluídas as tarefas relacionadas ao carro de boi, serviços braçais, ou seja, aqueles que exigem força física, e há trabalhos considerados femininos, onde se incluem tarefas ligadas ao âmbito

¹⁰ O figueredo é um veículo construído manualmente onde se utiliza o motor, os bancos dianteiros assim como as rodas de um fusca, e em lugar da lataria usa-se uma pequena carroceria de madeira coberta por um toldo igual aos usados nos carros de boi, de forma que o motorista e o passageiro fiquem expostos ao vento.

¹¹ Embora junto aos romeiros carreiros se encontrem peregrinos em tratores, carroças, automóveis ou “figueredos”, não havia na cidade peregrinos acampados em barracas que não mantivessem alguma relação com os romeiros em carros de boi, assim o acampar durante a peregrinação estava sempre relacionado aos romeiros carreiros. A presença do carro de boi nos acampamentos também é um símbolo identificador desses romeiros.

¹² Neste trabalho entendo gênero como uma construção social, onde o masculino e o feminino, embora estabeleçam entre si uma tensão, eles são complementares.

doméstico como a preparação de alimentos para a viagem, o cuidado das crianças, a preparação das mudas de roupas necessárias, bem como do equipamento na cozinha.

A tarefa masculina de preparação do carro de boi compreende, além da revisão e possível conserto das peças do veículo, o adestramento dos bois. Se, por acaso se tratarem de bois jovens, novilhos, que nunca puxaram um carro de boi, o adestramento se inicia meses antes da peregrinação. Caso se trate de bois já adestrados é necessário um treinamento mais breve, apenas para que eles - os bois – se acostumem novamente a puxar o carro, já que essa é uma tarefa realizada somente durante a peregrinação, uma vez ao ano. Cada carreiro costuma ter seus próprios bois, e muitas vezes preferem participar diretamente do processo de adestramento, embora alguns deixem esse preparo a cargo de algum subalterno. Mas, se por algum motivo, um carreiro chega ao período da peregrinação sem seus “bois carreiros”, ele pode conseguir alguns emprestados com amigos e conhecidos. Até carros de boi se pode conseguir emprestado, como deixa claro o carreiro Manoel quando lhe perguntei se para participar da peregrinação era realmente necessário ser proprietário do carro e dos bois: “Empresta, vende...você falando de vim, ele não precisa ter nem boi nem carro, ele arruma tudo emprestado, inclusive aqui no quintal tem nego com carro emprestado, boi emprestado, tudo” (Manoel, 2006 e.1).

Essa circulação de carros e bois parece ser bastante comum, inclusive a família com a qual realizei a peregrinação durante os dois anos da pesquisa, estava, no primeiro ano (2005) com carro de boi próprio, e já no ano seguinte, o carro de boi era emprestado. Mas durante esses dois anos os bois, além de serem os mesmos, eram de propriedade do carreiro, que não gostava muito da idéia de utilizar bois emprestados.

Esse é emprestado [o carro de boi utilizado em 2006]. Sempre nós tem carro de boi, é que vendeu aí não comprô outro né. Esse nós pegou emprestado.
 – Mas as pessoas emprestam?
 – Empresta. Vixi! Acha bom demais emprestar. Só os boi que é nosso. Os boi não tem como pegá não, né. Às vezes você pega uns boi ruim, uns trem que não presta, bravo. (Wilson, 2006 e.4)

Para evitar bois “ruins” ou “bravos”, o melhor é que o adestramento seja feito por aquele que irá “tocar” os bois, ou seja, pelo próprio carreiro. O adestramento é simples, como qualificou um dos carreiros, consiste em unir os dois bois pelos chifres, que juntos formam uma “junta”, a união é feita através de uma corda, de forma que eles fiquem lado a lado, emparelhados. E assim, emparelhados, cada junta permanece dias no pasto, até se

acostumarem a andar, comer e beber de forma sincronizada. Após essa primeira etapa, o próximo passo é colocar todas as juntas no carro de boi e fazer o treinamento em conjunto, andando com o carro de boi. A quantidade de juntas em um carro de boi não é fixa, elas variam normalmente entre três e seis juntas, mas se pode encontrar eventualmente carros com até dez ou mesmo duas juntas de bois. (foto 4 e 5)

Já a preparação dos mantimentos consumidos na peregrinação é uma tarefa feminina e que se realiza no âmbito doméstico. Para preparar esses mantimentos é comum às mulheres de uma mesma família se reunirem na casa de uma delas para preparar em poucos dias o que será consumido em quase duas semanas, ou ainda pode acontecer uma divisão das tarefas, ficando algumas responsáveis por algum tipo de alimento e outras por outro. Foi esse tipo de divisão que encontrei quando acompanhei os preparativos para a peregrinação da família Silveira em 2006. Entre as mulheres adultas que participariam da peregrinação, uma ficou responsável por preparar os quitutes doces, que eram roscas e nhoques, enquanto outras duas se responsabilizaram pelos biscoitos salgados: petas, broas, biscoitos e pães de queijo¹³.

A preparação dos alimentos pode também implicar a participação masculina, principalmente em se tratando de algum trabalho “pesado” como o abate de algum animal. Todos os carreiros com os quais conversei levam para a peregrinação praticamente todos os alimentos que são consumidos durante a estadia fora de casa, inclusive a carne. Esta, por sua vez, precisa ser conservada para se manter boa para o consumo durante tanto tempo. A conservação se dá por meio da salga ou através da banha de porco. Esse segundo modo de conservação implica a preparação da carne quase a ponto de ser consumida, depois de cozida e fritada ela é imersa na banha de porco quente e líquida e armazenada em latas alumínio, de forma que, quando a banha esfriar e voltar ao seu estado pastoso, a carne se encontrará em meio a ela. Esse tipo de carne, conservada na banha e mantida em latas, é conhecida por “carne de lata” e ainda é muito comum nas zonas rurais do interior de Goiás. O trabalho de preparação da carne de lata embora tenha a participação masculina, principalmente na hora do abate do animal, é ainda um trabalho feminino que pode levar um dia inteiro e por isso é geralmente feito em grupo.

A preparação da carne acontece dias antes do início da peregrinação. Por se tratar de um trabalho que demanda tempo e, dependendo do tamanho e quantidade de animais, disponibilidade de vários indivíduos, ele tende a ser realizado nos finais de semana ou em

¹³ Embora, no exemplo citado, a preparação dos quitutes tenha sido realizada apenas pelas mulheres que iriam participar da peregrinação, é bastante comum que os membros da família, que não irão peregrinar, colaborem nos preparativos da romaria.

algum momento em que os responsáveis pela preparação se encontrem todos disponíveis. De acordo com uma das romeiras que me descreveu sobre a preparação da “carne de lata”, esse trabalho geralmente é feito na fazenda de algum membro da família. Só em casos excepcionais ele é realizado na cidade, podendo, às vezes, acontecer uma divisão de trabalhos, onde a “carne de lata” se torna um item de responsabilidade de uma família nuclear. Esse tipo de divisão, no entanto, só acontece quando o grupo familiar que irá peregrinar é constituído de várias famílias nucleares. Grande parte da carne utilizada na preparação da “carne de lata” é de suínos, embora alguns romeiros utilizem carne bovina no preparo dessa iguaria, mas, independente do tipo de carne utilizada, a maioria dos animais abatidos para essa preparação são de criações dos próprios peregrinos.

Embora o consumo de “carne de lata” pelos carreiros seja quase unânime, não se pode dizer que eles não utilizam outras formas de conservação. Muitos levam geladeiras e frízeres para os acampamentos em Trindade para manterem os alimentos conservados¹⁴.

Com todos os alimentos e as malas prontas é hora de organizá-los dentro do carro de boi. Como eu já disse, o carro de boi é um veículo para o transporte de carga, assim, o leitor que até agora imaginou que os romeiros carreiros realizam a peregrinação dentro do carro de boi deve ser informado que o veículo é utilizado essencialmente para levar toda a bagagem necessária para os doze dias fora de casa. O peregrino, por sua vez, realiza o percurso caminhando. Quando o carro não está excessivamente cheio pode até sobrar espaço para algum passageiro, mas via de regra, os peregrinos seguem a pé junto aos carros de boi.

A preparação da bagagem é um trabalho masculino e não deve ser feito de qualquer maneira, existe uma ordem a ser seguida para acomodá-la no carro. Colchões, cobertores e malas de roupas são as primeiras coisas a serem colocadas dentro do carro de boi, trata-se de uma forma de proteger tais coisas da grande quantidade de poeira comum nas estradas goianas nessa época do ano. Uma das últimas coisas a ser colocada dentro do carro de boi é a chamada “caixa”. Feita de madeira é nela que se guardam muitos dos utensílios da cozinha. A lona usada para fazer a barraca dos acampamentos que pontuarão a viagem também é algo

¹⁴ Não apenas eletrodomésticos, mas também móveis e eletroeletrônicos, como camas, guarda-roupas, cômodas, televisões e aparelhos de som podem ser encontrados nos acampamentos de Trindade. Esses objetos, no entanto, não são transportados em carros de boi e só permanecem nos acampamentos de Trindade. São geralmente transportados em veículos motorizados, fretados ou não, como caminhões ou caminhonetes e levados até o acampamento da cidade por algum membro da família peregrina ou por alguém encarregado desse trabalho. Um exemplo foi o caso do romeiro Manoel da Silveira, patriarca da família Silveira, um “carreiro antigo” que devido à idade optou por ir à Trindade em um pequeno caminhão. Foi ele o responsável por levar muito dos utensílios, que não seriam utilizados durante o percurso na estrada, para o acampamento montado em Trindade: freezer, liquidificador, ferro de passar roupa, camas, mesas, bancos, guarda-roupas, entre outras coisas. Desse modo as barracas dos Silveira puderam manter o mesmo conforto que as dos outros romeiros, já que essa prática é bastante comum.

que deve ser colocado por último. Essa ordenação para colocar a bagagem dentro do carro de boi obedece a um critério que leva em conta o que será utilizado primeiro para montar o acampamento, por exemplo, quando se chega ao local do acampamento a primeira coisa a ser feita é montar a barraca e logo em seguida improvisar a cozinha. Daí a necessidade de a lona da barraca e da “caixa” com os utensílios da cozinha serem as últimas coisas colocadas dentro do carro de boi, pois serão as primeiras a serem retiradas. (foto 6)

No sábado, o dia da partida, Damolândia acordou cedo, não se podia perder a missa com a benção de despedida dada por um padre vindo de Trindade especialmente para a saída dos peregrinos. A saída é talvez o único momento em que se pode ver todos os peregrinos reunidos em um mesmo espaço. No mesmo local onde aconteceram os dois dias de confraternização prévia à saída, havia um grande lote ao lado de uma tenda armada para a celebração da missa. Era nesse lote onde os peregrinos e seus respectivos veículos se posicionavam para partir. A partida também possui uma ordenação, primeiro partem os carros de boi com seus condutores, carreiros e candeeiros, logo atrás partem os cavaleiros, em seguida as carroças, após elas os figueredos e por último partem os tratores.

A missa celebrada tinha a peculiaridade de ser direcionada especialmente aos peregrinos, embora dela participassem muitos que não iriam peregrinar. Trazia em seus cânticos o ritmo de músicas sertanejas e eram cantados por um coral (Coral Sertanejo N. S. da Abadia), vindo da cidade de Abadia de Goiás, que é próxima à Trindade, especialmente para a ocasião. Esse mesmo coral participa também da Missa dos Carreiros que acontece em Trindade no sábado antes do Domingo da Festa. (foto 7 e 8)

Entre as músicas usadas na celebração cito duas, a primeira foi cantada no momento do ofertório e alude à peregrinação e à caridade:

Ritmo: Chico Mineiro

Fazemos a nossa viagem
até aos pés do altar. Com
muita fé e amor, um
pouquinho podemos lhe dar.
Dever dos ricos e pobres, doar
um pouquinho de cada, o
pouco com Deus é muito, o
muito sem Deus é nada.

Senhor, aqui eu estou,
trazendo em minhas mãos. Eu
quero depositar, na mesa do vinho
e do pão. Receba a
minha oferta, que é feita em
comunhão. Eu sei que é muito
pouco, mas é de bom coração.
(Romaria dos carreiros, 2006)

Esse cântico chama a atenção por dois motivos, o primeiro é pelo seu ritmo sertanejo que alude a um estilo de vida caipira, o segundo diz respeito a seu conteúdo que conjuga peregrinação e caridade. A união dessas duas práticas se expressa também nos discursos de alguns peregrinos sobre o que é “ser romeiro”. Tânia, uma romeira de carro de boi, que se tornou durante a pesquisa minha principal interlocutora, e de quem muito irei falar, me disse inúmeras vezes que “romeiro que é romeiro tem que fazer caridade”. A caridade de que ela falava, no entanto, não implicava apenas doações materiais à Igreja ou aos necessitados durante o período de festa, ou de romaria, tratava-se da caridade que podia ser feita no dia a dia, no cotidiano e àqueles que estivessem mais próximos, uma conversa com aquele que estivesse passando por uma aflição ou uma visita a um doente, práticas que não implicassem necessariamente uma doação material.

Cavalcanti (1983) em seu estudo sobre o espiritismo kardecista, destaca a caridade como um meio de alcançar a “evolução espiritual”. No catolicismo, assim como no espiritismo kardecista, ela é entendida como uma forma de manifestação do “amor ao próximo”. Mas diferente do espiritismo, a caridade na cosmologia católica, além de ser um dos mandamentos¹⁵, é também um dos meios para conquistar a salvação da alma. Assim, tanto no espiritismo que visa a “evolução” do espírito, quanto no catolicismo que busca a salvação da alma, o “amar ao próximo” não se configura numa prática livre de compensação, embora essa compensação se realize em um plano transcendental.

O segundo cântico, cantado ao fim da missa, enfatiza a figura do carreiro:

¹⁵ Ver: Mat 22, 34 – 40.

O vai e vem do carreiro

Carreiro vai, carreiro vem,
beirando matas, cordilheiras
campos e espigões.
Na estrada azul, nos matagais, lhe
acompanham os
passarinhos vindos dos sertões.
No peito seu, eu sei que tem, seis
bois puxando o carro triste do seu
coração.
É a saudade emparelhada com a
esperança, desespero e solidão.

(refrão)

Carreiro vai, carreiro vem,
rodando só pelo sertão
cantando assim
Carreiro vai, carreiro vem, na

estrada de paixão que não
tem fim.

Carreiro vai, carreiro vem,
para
bem longe do filhinho que
ficou no lar.
Bem cedo sai, e à tarde vem,
deitar nos braços de Chiquinha
sempre a lhe esperar
Solta seus bois, lá no curral,
quando no morro surge o claro
raio de luar
Pega na viola pra cantar sua
poesia quando fora a brisa
fria, vem com ele duetar.
(Romaria dos Carreiros, 2006)

Cantado após a benção final, esse cântico marca o início da partida dos peregrinos. Não possuía, no entanto, nenhum caráter religioso, mas expressava em seu conteúdo a prática carreira no cotidiano, algo que não é mais encontrado na região, já que os carros de boi só são utilizados para a peregrinação.

A partir desses dois cânticos, e da própria celebração da missa, que tem o sentido de uma benção dada aos peregrinos que irão partir, fica explícita a aproximação da Igreja Católica com práticas do catolicismo popular, como as peregrinações. Para que a celebração litúrgica possa se aproximar dessas práticas populares do catolicismo, a Igreja lança mão de símbolos reconhecidos pelo grupo quando utiliza ritmos sertanejos nos cânticos religiosos, ou quando enfoca uma figura representativa do grupo, o carro de boi. O que remete a um passado longínquo de práticas que mesmo não sendo vivenciada atualmente, traz à memória de uns uma experiência vivida, e de outras histórias já ouvidas.

Outro destaque que ainda deve ser dado nesta celebração de partida diz respeito a uma leitura bíblica de Jó feita durante a missa, que é a seguinte:

Então, do seio da tempestade, o Senhor deu a Jó, esta resposta: ‘Quem fechou com portas o mar, quando brotou do seio maternal, quando lhe dei as nuvens por vestimentas, e o enfaixava com névoas tenebrosas; quando lhe tracei limites, e lhe pus portas e ferrolhos, dizendo: Chegarás até aqui, não irás mais longe; aqui se deterá o orgulho de tuas ondas?’ (Jó 38, 1.8 – 11)

O texto bíblico de Jó expressa uma das principais características do deus judaico-cristão, a onipotência, ao mesmo tempo em que destaca a relação assimétrica entre o homem e sua divindade, que se baseia no caráter onipotência/impotência. Esse trecho lido durante a missa, destaca a limitação da condição humana diante de Deus, ao mesmo tempo em que proclama qual modelo de relação entre os homens e Deus deve ser adotado. Nessas relações não cabe ao homem julgar o modo divino de proceder, mas aceitar o que Deus julga oportuno (Fortes, 1997)¹⁶.

Essa leitura bíblica sacraliza o percurso a ser iniciado e os peregrinos, ao mesmo tempo em que os introduz nos preceitos cristãos que, embora devam ser vividos no cotidiano de todo bom católico, durante a peregrinação ganham maior ênfase. A missa prepara os peregrinos para a caminhada, ela destaca aquilo que deve ser apreendido e vivido durante a peregrinação, a humildade perante Deus, a caridade. Tudo isso é permeado por elementos que fazem parte da história e do cotidiano do próprio grupo tal como o estilo musical e objetos que se referem ao carro de boi como guias - as varas utilizadas para tocar os bois - e miniaturas dos próprios carros. A bênção do padre é o início da sacralização tanto do caminho quanto dos peregrinos.

Após a missa se inicia a jornada de viagem, soltam-se fogos para anunciar a partida dos romeiros. Para a peregrinação partem em média quarenta carros de boi, constituindo uma das maiores romarias carreiras que se dirigem à Trindade. A saída é um verdadeiro desfile

¹⁶ Meyer Fortes em *Édipo e Jó na África Ocidental* faz uma análise antropológica da cultura Tallensi a partir do texto bíblico de Jó e da tragédia grega de Édipo. No modelo da tragédia, o destino é uma força impessoal, que independe da vontade humana, e é superior a deuses e homens. Nele cada pessoa nasce com determinada quantidade de bens e males pelos quais deverá passar ao longo da vida. No modelo bíblico, o destino não é uma força impessoal, ao contrário, o bem e o mal que cada homem experimenta são entendidos como recompensas ou castigos determinados por um Deus onipotente e personificado. Nesse modelo, ao contrário do anterior, o homem surge como um ser livre para escolher entre o bem e o mal, enquanto é Deus que determina recompensas ou castigos. O texto bíblico de Jó é entendido como um modelo de relações entre homens e deuses cujo princípio se concentra na noção de Justiça Sobrenatural. A relação entre homem e Deus, a principal divindade cristã, é concebida como uma relação hierárquica e assimétrica onde Deus é onipotente e está além do questionamento humano e cabe ao homem ter submissão absoluta, uma “atitude de humildade filial e fé nos pais poderosos” (1997:246). Meyer Fortes utiliza esses dois paradigmas para compreender o conjunto dos elementos presentes na relação pai/filho entre os Tallensi. No caso dos romeiros de Damolândia, o trecho bíblico lido durante a missa de despedida não pode ser mais exemplar para expressar a forma de relacionamento submissa que os peregrinos devem manter com a divindade cultuada no santuário, o Pai-Eterno.

desorganizado, muitas pessoas permanecem nas calçadas para ver a passagem dos romeiros, e é ali, em meio à movimentação do início da peregrinação, que muitos se despedem com abraços rápidos e promessas de retornar brevemente.

Famílias em peregrinação

Os peregrinos que partem de Damolândia são em sua extrema maioria, grupos familiares com até três ou quatro gerações. A prática da peregrinação “vem de família”, como me disse Tânia certa vez. No entanto, distinguir os grupos familiares durante a pesquisa não se mostrou uma tarefa fácil, já que uma família está sempre ligada à outra, mantendo algum grau de relação de parentesco, são todos uma grande família, no sentido mais amplo desse termo. Mas é preciso distinguir: a distinção familiar que utilizo na pesquisa me foi fornecida pelo próprio grupo, que a faz a partir do “nome de família”. O nome de família é passado sempre por linha de descendência masculina (Abreu, 1980b), dessa forma os nomes estão relacionados, salvo raras exceções, ao patriarca da família peregrina. Ligado ao nome de família há também um universo de valores morais. Funcionando como um emblema do grupo, o nome de família correlaciona característica do “sangue”, categoria que é entendida como uma substância capaz de transmitir qualidades físicas e morais, com a posição ocupada na hierarquia social.

Embora haja proeminência do masculino no nome de família, o feminino desempenha um importante papel na sua constituição enquanto categoria sócio-moral. Enquanto, no âmbito masculino, o critério de influência na constituição do nome de família se dá no plano da conduta nos “negócios”, por ser associado ao domínio público, ficando assim responsável pela posição na hierarquia social que o nome de família ocupa, no âmbito feminino o critério se dá no plano moral. O feminino aparece referido ao doméstico, à família e ao lar, e sua influência está intimamente ligada à honra da mulher, que é herdada através do “sangue” da mãe e é avaliada a partir de sua conduta doméstica moral/sexual. Dessa forma é o feminino o elemento responsável pela posição moral da família. Embora o masculino transmita o nome de família, que expressa sua posição social e demonstra que a honra masculina é avaliada no plano econômico, é o feminino o responsável por assegurar a continuidade moral desse nome. Assim o masculino e o feminino se complementam na constituição do nome de família enquanto categoria sócio-moral (Abreu, 1980a:100-104).

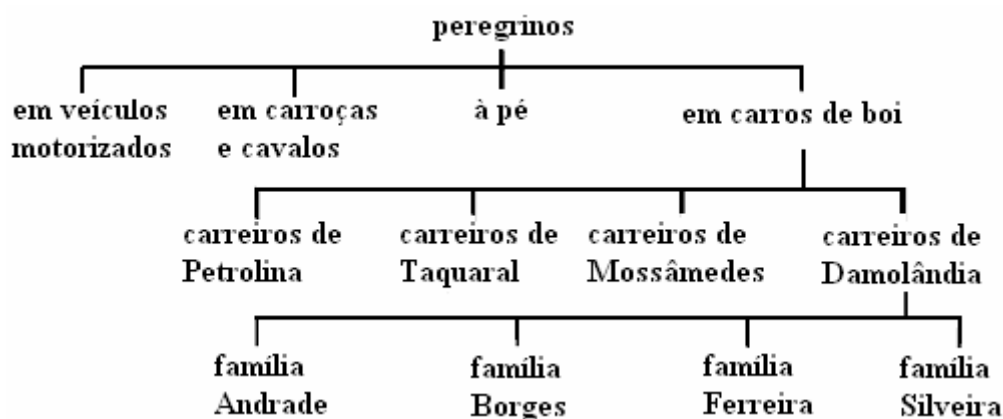
Há, no entanto, uma outra forma de classificação dos romeiros carreiros que é mais abrangente e se refere à região de origem da romaria. Os romeiros carreiros do município de

Damolândia, por exemplo, são conhecidos por “carreiros de Damolândia”, os que partem do município de Taquaral, são os “carreiros de Taquaral” e assim por diante.

As classificações dos carreiros a partir das regiões de origem e dos grupos familiares, através dos nomes de família, são classificações que se correspondem e se relacionam. Essas duas formas levam em conta certo grau de afinidade, seja no que diz respeito ao parentesco consanguíneo, no caso da família, ou no “parentesco” social, no caso da região, afinal de contas não é muito raro ouvir dizer que tal pessoa é filha de tal lugar.

A classificação dos carreiros a partir do lugar de origem, embora utilizada por eles, é mais explícita na exterioridade do grupo, principalmente nos momentos coletivos da festa, como missas e desfiles. Nesses momentos coletivos, onde se encontram todos os tipos de peregrinos, há sempre uma referência ao lugar de origem dos romeiros, não apenas daqueles que vão de carro de boi, mas também daqueles que vão a pé ou em veículos motorizados. Já a classificação a partir do nome de família é um fenômeno interior ao grupo que muitas vezes perde sua eficácia se utilizado fora dele.

O organograma a seguir expõe as formas de classificações utilizadas com relação aos peregrinos e aos carreiros especificamente:



Aqui temos primeiramente oposições a partir da forma com que os peregrinos realizam a peregrinação, os que vão em carros de boi se opõem aos que vão à pé e em veículos motorizados, e em carroças ou à cavalo, dentro da categoria “carreiros” tem-se oposições a partir do município de origem dos peregrinos, os carreiros de Damolândia se opõem aos carreiros dos outros municípios, e, por fim, dentro da categoria “carreiros de Damolândia” as oposições se dão a partir do nome de família, aqui são as famílias que se opõem umas às outras. Se fizermos o caminho inverso na leitura do gráfico, indo agora a partir de sua base, veremos que a categoria “carreiros de Damolândia” abrange todas as

demais categorias do interior do grupo, ao mesmo tempo em que se opõe aos carreiros dos outros municípios. Na linha superior do gráfico temos os peregrinos “em carros de boi” em cujo interior se dissolvem as oposições dos carreiros a partir do local de origem, já que eles se fundem para constituírem outras oposições com aqueles que vão ao santuário à pé, em veículos motorizados, em carroças ou à cavalo. Essas quatro categorias, por sua vez, se fundem para formar a última categoria situada no alto do gráfico, a de peregrinos.

A família, designada a partir de seu nome de família e constituída de até quatro gerações, é tomada como a unidade organizacional básica entre os peregrinos de Damolândia.

Dessa forma, participei junto à família Silveira de todo o ritual de peregrinação, e a tomei como grupo familiar de referência para pensar as formas de organização da romaria. Dentro desse universo familiar me posiciono junto à segunda geração. Considerando a maior ocorrência de grupos familiares com três gerações, é junto à segunda geração que busco construir diálogos para o desenvolvimento dessa pesquisa¹⁷.

No início da peregrinação essa configuração familiar não é muito nítida, ela toma forma à medida que a peregrinação se desenrola. Passada a agitação inicial da partida pode-se perceber com mais clareza os grupos familiares que compõem a romaria. Cada família peregrina possui ao menos um carro de boi, mas se a família for grande, constituída por várias famílias elementares fazendo a peregrinação, é também comum que cada família elementar possua seu próprio carro de boi. No entanto, o fato de um grupo familiar possuir mais de um carro de boi não faz com que ele seja percebido como famílias elementares independentes daquelas com as quais possui laços consangüíneos e/ou de afinidade. Não são os carros de boi, e a quantidade deles, que diferenciarão uma família da outra, como já disse a discriminação se dá pelo nome de família enquanto emblema do grupo social mais amplo que agrupa um ou mais carros de boi sob sua égide.

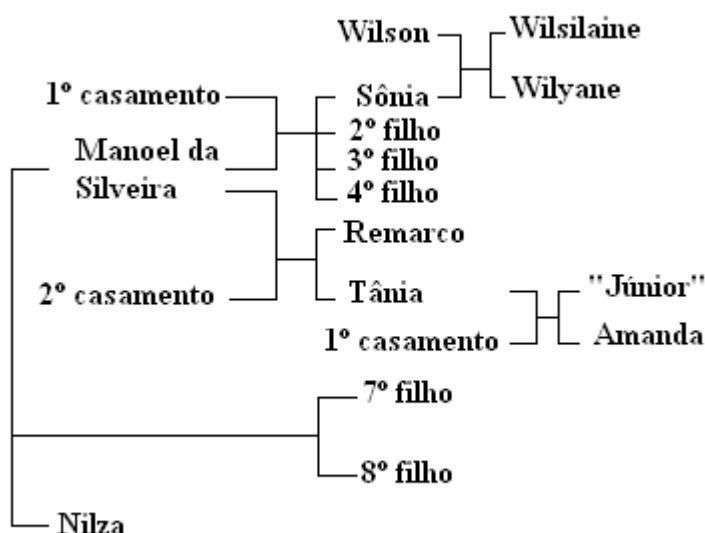
A família Silveira é constituída pelo casal Manoel e Nilza, e oito filhos (frutos de três diferentes casamentos de Manoel) que são ou já foram casados, e todos com filhos. Nessa família nem todos vão de carro de boi, na verdade nem todos vão à Trindade, dos oito filhos, dois não participam da peregrinação ou da festa. Dos que participam, apenas três vão de

¹⁷ Para a idéia de geração estou considerando-a como etapas da vida, onde cada uma é marcada por perspectivas diferentes da realidade social devido à idade e à própria experiência de vida. Há que ressaltar ainda que embora haja diferentes classificações das fases da vida a partir das distintas formas de sociabilidade, interação social, valores e faixas etárias, nas diferentes gerações coexistem diferentes estilos de vida e visões de mundo.

carro de boi, os outros cinco integrantes, três filhos, Manoel e Nilza, vão de caminhão, e às vezes comparecem ao acampamento, mas não acompanham a peregrinação.

Os três filhos que vão em peregrinação são: Sônia, Tânia e Remarco. Desses três apenas Sônia vai com seu marido, Wilson, e suas duas filhas, ou seja, há aqui apenas uma família elementar completa. Tânia é divorciada e possui um casal de filhos, sendo que a filha a acompanha, já o filho costuma seguir com o pai na mesma peregrinação, mas em outro grupo familiar. Remarco muitas vezes é acompanhado de uma de suas duas filhas, já sua esposa e sua filha mais velha dizem não gostar da romaria à Trindade, mas quando possível comparecem nos acampamentos da estrada. A família Silveira, portanto, durante a peregrinação é constituída por aproximadamente oito pessoas, no entanto, esses números e parte dessas pessoas podem variar de ano para ano.

Segue-se abaixo, o quadro genealógico aproximado da família Silveira:



Mas há aqui uma pessoa que não pode faltar sem por em risco a continuidade da família Silveira na romaria de carros de boi, é Wilson, o carreiro. (foto 9)

Embora Wilson seja o carreiro da família Silveira ele não é um Silveira “legítimo”. Pode-se perguntar, então, porque, sendo ele quem exerce a função de carreiro, porque ele adota o nome da família Silveira? Porque não usar o seu próprio nome de família, já que este deriva da linha masculina de parentesco? Para responder a essa questão precisamos saber um pouco mais sobre Wilson.

Wilson não é natural de Damolândia, nasceu e viveu até seu casamento em um município próximo chamado Ouro Verde, cidade de onde também partem peregrinos em

carros de boi rumo à Festa de Trindade. O ofício de carreiro e o hábito de ir à Trindade em carro de boi, Wilson adquiriu muito antes de conhecer Sônia, sua esposa. Com o casamento ele então se mudou para Damolândia, ficando longe de sua família e passando a conviver diariamente com a família de Sônia, a família Silveira. Como já possuía o hábito de ir à Trindade em carro de boi, não foi difícil manter o costume já que seu sogro também era um dos carreiros que ia ao santuário com seu carro de boi¹⁸.

A mudança de domicílio de Wilson expressa uma tendência à residência uxorilocal. Morando a poucos metros da casa de seu sogro e de seus cunhados e cunhadas, ele mantém intensa relação de vizinhança com a família Silveira, e é “englobado” pela família da esposa. Abreu (1980b) fez pesquisa na cidade de Araxá (MG), região próxima que compartilha de um universo de valores muito familiares àqueles encontrados no município de Damolândia, e de onde provieram muitos carreiros, hoje já idosos. No caso por ele analisado, embora ocorra uma atração do homem para o cotidiano da família da mulher, a transmissão do nome de família se dá por linha masculina, e nessa lógica de englobamento expressa pelo nome é a mulher e seus descendentes que entram para a família do marido. Então porque Wilson, durante a peregrinação, leva o nome da família Silveira?

Acredito que o fato de sua família ser de outra região contribui para essa postura, agregado a isso está o prestígio da família Silveira na região de Damolândia. Como bem coloca Abreu (1980a) “o nome de família funciona (...) como um operador que correlaciona o indivíduo com a família, como um operador de comparações entre famílias e como mediador da passagem da condição de indivíduo à de pessoa” (1980a: 100). Assim, o nome de família permite avaliar a posição do indivíduo e da família em um conjunto de famílias. Sendo a família Silveira uma família de influência na região, muito conhecida e possuidora de bens¹⁹, e sendo a família de Wilson uma família pouco conhecida, por não ser da região, a adoção do nome da família Silveira, em alguns momentos, pode ser tomada como estratégia para demarcar sua posição social. Onde seu nome de família não tem reconhecimento social, ele pode lançar mão da sua relação de parentesco por afinidade com a família Silveira, utilizando esse nome de família para se qualificar nesse novo meio social²⁰.

¹⁸ Manoel da Silveira, hoje com 71 anos, mora há 59 anos em Damolândia, e há mais de 50 anos participa da Festa de Trindade. É conhecido por todos e embora atualmente ele não faça o percurso em carro de boi, ele faz questão de permanecer, durante a festa, no acampamento onde ficam a maioria dos peregrinos de Damolândia.

¹⁹ Manoel possui, além de fazendas, granjas de aves e imóveis residenciais e comerciais em Damolândia. A maioria de seus bens é administrada pelos seus dois filhos mais jovens, frutos de seu casamento com Nilza, algo que é fonte de conflito entre os irmãos Silveira.

²⁰ É possível que à medida que sua família elementar se torne cada vez mais autônoma, econômica e socialmente da família Silveira, Wilson passe a usar seu nome de família. No entanto, a preservação do nome

Há ainda uma questão que prevalece. Entre aqueles da família Silveira que fazem a peregrinação em carro de boi, há um filho consanguíneo de Manoel, o Remarco, ele, no entanto, não é o carreiro da família. Porquê?

Tânia certa vez havia me dito que, caso Wilson não fosse de carro de boi para Trindade, ninguém da família ira. Buscando entender essa lógica que associa o carreiro ao nome de família durante a peregrinação, perguntei então a ela porque se ele, Wilson, não fosse, Remarco não poderia ir guiando os bois, já que ele também sabe exercer essa função. A justificativa estava na inconstância de Remarco, não se podia contar com ele todos os anos na romaria de carros de boi. O motivo de sua inconstância? A esposa que, por não gostar da peregrinação, não gosta também que seu marido participe freqüentemente dela. Ainda de acordo com Tânia, a romaria de carros de boi já foi motivo de muita discórdia entre marido e mulher, então, para evitar brigas, Remarco se tornou um romeiro pouco assíduo da peregrinação.

Não é à toa que a família elementar de Wilson é a única dos Silveira que participa integralmente do percurso da peregrinação. Percebe-se aí a importância da participação da família, especificamente da família elementar, para a realização da peregrinação. Esta parece ser idealmente a unidade sociológica e simbólica básica para garantir a realização do ritual. Wilson assim teria a seu favor também suas qualidades pessoais – a constância – e o fato de ser o chefe de uma família elementar coesa.

Não se pode, porém, descartar a existência de peregrinos que vão de carro de boi sem suas famílias, mas são exceções, e acontecem eventualmente, geralmente por alguma ocasional impossibilidade de participação da família. Eles são, no entanto, fonte de comentários por parte dos outros peregrinos, nunca passam despercebidos, demonstrando que não se trata de um hábito freqüente.

Foi em tom de sussurro que Sônia da Silveira, passando por um senhor já de idade no acampamento do primeiro dia, me dizia que ele estava peregrinando sozinho em seu carro de boi. Perguntei se era algum tipo de promessa que ele havia feito, já que fazer todo o percurso sem a presença da família, ou ao menos da esposa, lhe acarretava todas as responsabilidades com os animais, com a barraca e com a comida, era um grande sacrifício. Sônia, no entanto, disse que não se tratava de promessa alguma, ele ia sozinho porque após se tornar viúvo, além de optar por não se casar novamente, não podia contar com o apoio e participação dos filhos na peregrinação em carros de boi, pois estes não se interessavam. Ou seja, o velho

de família de Wilson está, de certa forma, fadado a dissolver-se, já que ele possui apenas duas filhas que quando se casarem herdarão o nome de família do marido.

carreiro, nos próprios termos de Sônia, havia sido “abandonado” pela família, passando a depender da boa vontade dos outros companheiros de caminhada, seja na lida com os bois na estrada ou no pasto, ou mesmo nas noites nos acampamentos, onde ele ficava de barraca em barraca, um dia jantando com um, outro dia com outro.

Tânia, ao falar da peregrinação de carros de boi, deixa bem claro essa relação entre o carro de boi e a família:

Pra te falar a verdade, Valéria, ir pra Trindade, isso já vem de família, de família que no meu tempo, família tinha seis filhos, oito filhos. Meu pai mesmo teve oito, então hoje nós é oito, cada um já é casado, então a gente não deixou de ir. Ir para aquela romaria, com aquele tanto de povo que ta ali embarracado, você pode contar nos dedos as pessoas ali que não têm família ali, ou já tem um irmão ou outro irmão, ou que tem um tio que já tá bem de idade e o sobrinho já tá acompanhando ele, vai com a barraca dele, com a família dele. Romaria, carro de boi, e ficar lá acampado é família. A maior parte, 90 % daquele povo ali é família, inclusive nós [do município de Damolândia] foi em 44 carros parece, e ali só tinha família mesmo. Igual eu mais meu outro irmão [Remarco], nós não foi de carro separadinho, mas nós era quatro que tava ali naquele carro que eram irmãos. Você vê que se a gente tivesse condição, se eu não fosse viúva (risos) [Tânia é divorciada, mas por brincadeira se diz “viúva”] eu tinha o meu carro ali (...). O compadre Remarco mesmo, se a esposa fosse (...), certamente ele tava no carro dele. Então você vê que a gente é família mesmo. Cada carro daquele ali, se ele tiver ali com certa família maior é três carros de cada família. É família, aquela romaria. Você sair daqui e por tudo dentro do carro é família. (Tânia, 2006 e.3)²¹

Por fim, cabe uma última ressalva sobre o papel de Wilson como carreiro da família Silveira. Como foi colocado anteriormente, Wilson pode, durante a peregrinação, usar o nome de família Silveira para qualificar sua posição social dentro do grupo, mas por outro lado, atualmente a permanência do nome da família Silveira na peregrinação depende dele. Trata-se de uma relação mútua entre Wilson e a família Silveira, onde não apenas a permanência do nome de família na peregrinação está em jogo, mas também o reconhecimento social do papel dessa família no ritual.

A partir da família Silveira se pode perceber a importância da família como valor moral e unidade social, expressa através do nome, entendido como emblema, na organização social do grupo e também o lugar central ocupado pelo ofício de carreiro na continuidade dessa peregrinação. “Romaria, carro de boi, e ficar lá acampado é família” (Tânia, 2006 e.3). É então difícil pensar a romaria dos carreiros sem a participação da família e, obviamente,

²¹ Nota-se aqui que Tânia fala de quatro irmãos, quando na verdade foram apenas três, o quarto, acredito que seja seu cunhado Wilson, por quem ela preserva grande estima.

dos carreiros, essas duas idéias estão intimamente relacionadas para a persistência da peregrinação. Assim como o nome de família, o ofício dos carreiros é também passado por descendência masculina, ambas as coisas dependem do masculino que, no entanto requer a complementaridade do feminino para sua existência eficaz, e de sua inserção num universo social organizado a partir das “famílias” para continuarem a existir.

Parte II

A peregrinação

A) Contratemplos que organizam a caminhada

O percurso de Damolândia à Trindade será percorrido em três dias e duas noites, comportando portanto duas pausas e dois acampamentos até a chegada que ocorre sempre no quarto dia da Festa (segunda-feira).

Assim que se inicia a peregrinação não se pode ter uma idéia clara de quem são aqueles que realmente vão e quem são os que irão ficar, muitos chegam a acompanhar a romaria até poucos quilômetros após sair da cidade, ou mesmo até o primeiro “pouso”, o acampamento onde se passa a noite.

Durante as primeiras horas de viagem, os peregrinos mantêm relativa ordem na peregrinação, seguindo a ordenação da saída. Essa ordenação, no entanto, causou descontentamento em muitos carreiros, já que a maioria deles costuma ter, junto ao carro de boi, uma carroça onde se leva a bebida e a comida consumida durante a caminhada, e por isso preferem que a carroça siga sempre atrás do carro de boi. Mas a ordem estabelecida pelos organizadores, em especial a prefeitura, impossibilitou que as carroças seguissem junto a seus respectivos carros.

Embora, em princípio esse fato pareça ser algo banal, podendo se resolver com o deslocamento das carroças em direção aos carros de boi logo após a partida, no desenrolar dos acontecimentos as coisas não se mostraram tão simples assim. A estrada estreita impedia, na maioria das vezes, que qualquer veículo, carro de boi, carroça ou figueredo, ultrapassasse o outro durante a maior parte do percurso, causando irritação em muitos carreiros que desacompanhados de suas carroças ficavam desprovidos de água e comida. No entanto, é a partir desse fato aparentemente banal e imprevisível, que a configuração

específica desse momento ritual toma seus primeiros contornos. Cria-se uma situação liminar.

É Victor Turner (2005) quem, dentro dos estudos antropológicos modernos, dedicou especial atenção à teoria de Arnold Van Gennep (1978) sobre rituais de passagem e elaborou principalmente a noção de *liminaridade* que caracteriza o período de margem ou liminal.

De acordo com Van Gennep os ritos de passagem se caracterizam por três fases: separação, margem e agregação. A separação significa o afastamento, simbólico ou espacial, do indivíduo, ou de um grupo, de uma posição anteriormente fixa na estrutura social, ou de condições culturais específicas, ou ainda de ambas as coisas. Durante a margem, ou período “liminar”, o sujeito ritual se encontra em uma zona neutra onde possui poucos ou nenhum dos atributos do passado ou do futuro. Já a fase de agregação é onde se completa a passagem, o sujeito ritual volta a um estado estável, mas dentro de outra posição social.

Turner (*op.cit.*) em seu trabalho sobre os rituais Ndembu, no centro-sul da África, desenvolveu a idéia de que os atributos de liminaridade ou de pessoas liminares são ambíguos já que esta condição significa um “estar fora” da rede de classificações, que é onde se determinam os estados e posições dentro do espaço cultural. Ele então encara o período de margem ou “liminaridade” como uma situação interestrutural, um estar dentro e fora da estrutura social, onde as entidades liminares estão *betwixt and between*, nem cá nem lá.

Para Turner nos fenômenos liminares pode-se perceber uma mistura de “submissão e santidade, de homogeneidade e camaradagem” e o comportamento do sujeito liminal é classificado como “normalmente passivo e humilde” (1974b:118). Muito do que era limitado pela estrutura social é, dentro do contexto de liminaridade, “liberado”, e é aqui que os sentimentos de camaradagem e comunhão, ou *communitas*, ganham maior visibilidade²².

A *communitas* é entendida como um modelo de relacionamento humano que surge de maneira mais evidente no período liminar, é o modelo “da sociedade considerada como um “comitatus” não-estruturado, ou rudimentarmente estruturado e relativamente indiferenciado, uma comunidade, ou mesmo comunhão, de indivíduos iguais que se submetem em conjunto à autoridade geral dos anciãos rituais” (1974b:119). A *communitas* expressa o reconhecimento de um vínculo social que era geral e não existe mais, a não ser de forma fragmentada em múltiplos laços estruturais, ela é a consciência de que pessoas e grupos estão interconectados uns aos outros, consciência do laço social e o desejo de trabalhar em prol desse “universal”. A consciência e o desejo de pertencimento mútuo é a *communitas*.

²² É necessário destacar que a noção de *communitas* não surge, na obra de Turner, em seus primeiros trabalhos. Ela foi desenvolvida posteriormente, fruto de seu desenvolvimento intelectual, quando o autor ganha ambições comparativas mais amplas, passando a se interessar por rituais de sociedades complexas.

Mas é necessário esclarecer que a *communitas* é anti-estrutural o que não significa dizer que seja oposta à estrutura. A estrutura é a “moldura” onde acontece a *communitas*, esta não está fora daquela, por isso ela é entendida como um modelo de oposição complementar. *Communitas* e estrutura estão invariavelmente relacionadas no processo sociocultural.

(...) para os indivíduos ou para os grupos, a vida social é um tipo de processo dialético que abrange a experiência sucessiva do alto e do baixo, de *communitas* e estrutura, homogeneidade e diferenciação, igualdade e desigualdade. A passagem de uma situação mais baixa para outra mais alta é feita através de um limbo de ausência de “status”. Em tal processo, os opostos por assim dizer constituem-se uns aos outros e são mutuamente indispensáveis. (Turner, 1974b:120)

Turner distingui entre três tipos de *communitas*, são elas: *communitas* espontânea, que é entendida como uma oposição à estrutura, praticada por aqueles que experimentam o sentimento de humanidade como uma comunidade homogênea, livre e não-estruturada; *communitas* normativa, que é a tentativa de capturar e preservar a *communitas* espontânea dentro de um sistema de preceitos éticos e de normas legais; e por fim a *communitas* ideológica, que é a formulação de um projeto utópico, para a reforma da sociedade, a partir da lembrança de atributos pertencentes à experiência da *communitas*.

Todas essas idéias convergem para a análise proposta pelo autor dos processos de peregrinação. A peregrinação é vista por Turner (1974b) como um rito de passagem que apresenta o período de margem, ou liminar, bem desenvolvido, como um fenômeno liminal que permite perceber, além dos aspectos espaciais da liminaridade, qualidades da *communitas* expressa nas relações sociais dos peregrinos.

Ora, nesse início da peregrinação dos carreiros de Damolândia rumo à Trindade criou-se ali, durante o percurso, um momento propício para expressar relações amistosas e de companheirismo que emergiam nesse novo momento ritual: aqueles que possuíam água e comida compartilhavam com os que não tinham, e assim as pessoas iam se entrosando e um novo ambiente ganhava forma.

Essa foi a primeira demonstração do companheirismo que é desenvolvido na peregrinação e também foi expresso em outros momentos de pequenas crises que acabavam por afetar parte do grupo. Como o percurso do primeiro dia era feito em grande parte em estradas estreitas, impedindo que uns ultrapassassem os outros, quando aconteciam pequenos problemas com o carro de boi que exigiam uma parada, esse fato obrigava todos aqueles que

vinham atrás a parar também, e logo surgia alguém disposto a ajudar a resolver o incidente para que a peregrinação voltasse ao seu curso normal.

Eram, no entanto, essas eventuais paradas do carro de boi que colaboravam na forma de organização dos peregrinos. Quando um carro parava, obrigava os que estavam atrás a parar também, mas o que estava na frente seguia viagem, fazendo com que ao fim do dia os romeiros estivessem fragmentados em grupos menores. Essa fragmentação gradativa só acontece no primeiro dia de peregrinação, já que é apenas no início da romaria que os peregrinos partem todos juntos. Nos outros momentos de partida, seja de um pouso ou quando partem de Trindade de volta a Damolândia, os peregrinos já se encontram fragmentados em pequenos grupos.

É aqui, na divisão dos grupos menores que se expressa a relativa liberdade de escolha dos carreiros de quem vai com quem. Os critérios são variados, valendo questões de amizade, simpatia ou simplesmente objetivos em comum: chegar mais rápido ou ir sem pressa.

B) Para frente é que se anda: duas regras para peregrinar

Logo no primeiro dia de peregrinação descobri duas regras básicas para peregrinar com os carreiros. A primeira é nunca recusar comida quando te oferecerem, a segunda é nunca fazer o caminho contrário da peregrinação, afinal de contas “pra frente é que se anda” como me disse Tânia. Embora não se tratem de regras prescritas pelo grupo, há um estrito consenso em relação a elas.

A primeira e principal é não recusar a comida oferecida. Essa regra básica da sociabilidade carreira eu descobri por conta própria e da pior maneira possível. Durante os dias de peregrinação, é comum encontrar pessoas pelo caminho que distribuem alimentos, geralmente pães, refrigerantes, biscoitos e água; ou quando se passa pelos dois municípios que estão na trajetória da peregrinação, é comum encontrar recepções com alimentos à espera dos romeiros. Foi em uma dessas recepções, quando manifestei meu pouco apetite, recusando a comida que me ofereciam, que Tânia me repreendeu dizendo ser uma falta de consideração recusar a comida e que mesmo sem fome eu devia comer, já que várias pessoas haviam se ocupado na preparação daqueles quitutes e não comer deles seria uma grande desfeita. Essa postura, de sempre aceitar a comida que era oferecida, parecia ser adotada por

todos os peregrinos, já que em nenhum momento presenciei algum deles recusando o alimento²³.

Por várias vezes, durante os três dias de peregrinação, fomos surpreendidos por esse tipo de recepção. Embora surpresa não seja a palavra mais adequada, já que muitas dessas recepções já se tornaram “tradicionais” na romaria dos carreiros. Muitos peregrinos sabem quais os pontos do percurso são mais propícios a esse tipo de recepção, criando inclusive certa expectativa na medida em que eles se aproximam.

Conversando com as irmãs Silveira, Tânia e Sônia, sobre a implicação que teria a não aceitação dessas ofertas de comidas, comuns durante a peregrinação, Sônia me explicava que muitos daqueles que se dispõem a oferecer comida aos carreiros durante a caminhada estão na verdade pagando alguma promessa, a comida oferecida passa então a ter um outro significado, assim como a oferta dela. A comida passa a ser entendida como uma oferenda sacrificial, ela é consagrada e deve ser consumida, destruída, para que o objetivo do sacrifício seja alcançado, não aceita-lá é colocar em risco a realização do sacrifício e, conseqüentemente do sacrificante, pois “no sacrifício, (...) a consagração irradia-se para além da coisa consagrada; alcança entre outras a pessoa moral que faz os gastos da cerimônia” (Hubert e Mauss, 2001:147). E peregrinos, durante o consumo da comida, desempenham o papel de sacrificadores. Consagrados desde o início da peregrinação, eles são os agentes visíveis da consagração do sacrifício da comida, estão no “limiar do mundo sagrado e do mundo profano e os representa simultaneamente” (*op.cit.*:160) são os intermediários com o mundo sagrado.

Aceitar a comida também é uma forma de expressar compaixão ao ato daquele que a oferece, trata-se não apenas de evitar uma desfeita, mas também de realizar uma espécie de caridade ao aceitar a oferta. Como não se sabe quando a comida é ou não parte de uma oferenda sacrificial deve-se aceitar a todas.

A prefeitura de Damolândia também oferece, durante os dois primeiros dias de peregrinação, almoço e dois lanches diários aos peregrinos. Mesmo não sendo esse ato da prefeitura parte de uma promessa, não se deve também recusá-la. Toda a comida oferecida na peregrinação possui, acima de tudo, atributos especiais, independente se são parte de promessas ou não, a comida se torna sagrada pela sua simples inclusão nesse sistema ritual.

²³ Essa regra da peregrinação nos remete ao caráter obrigatório da dádiva (Mauss, 2003). A hospitalidade apresentada por aqueles que oferecem a comida implica um convite obrigatório aos romeiros, que não deve ser recusado, pois “recusar dar, negligenciar convidar, assim como recusar receber, equivale a declarar guerra; é recusar a aliança e a comunhão” (Mauss, 2003:202).

A segunda regra é nunca, a não ser em casos excepcionais, fazer o caminho inverso à peregrinação. Essa regra me foi exposta primeiramente por Tânia, quando no caminho do primeiro dia eu e ela nos responsabilizamos por encontrar a carroça em que vinham nossa água e comida, e que estava muito distante do carro de boi dos Silveira, devido à forma de organização da saída. Ela então afirmou que o melhor a fazer seria ficarmos paradas, esperando até que a carroça chegasse ao ponto onde estávamos, não devíamos voltar. De acordo com ela, na romaria só se anda para frente, aconteça o que acontecer, no máximo o que se faz é esperar.

Isso nos ajuda a esclarecer porque, em caso de necessidade, a ajuda sempre virá do grupo que vem atrás. Não são raros os momentos em que os grupos de carreiros passam por algum contratempo, obrigando-os a interromper a caminhada por alguns minutos. Quando se trata de algum imprevisto que o próprio grupo não consegue resolver, convém pedir auxílio a um outro grupo de carreiros. No entanto, quando esses imprevistos acontecem, o pedido ou a oferta de auxílio está sempre relacionada ao grupo que segue atrás, e nunca ao que está na frente, este, por sua vez, prossegue viagem. Em algumas situações, quando percebíamos que o grupo que vinha atrás do nosso havia parado, indicando algum contratempo, falavam-se coisas do tipo “fulano vem logo atrás, ele ajuda”, demonstrando que não se espera prestar ajuda ao grupo de trás, ou recebê-la do grupo da frente, não se ajuda aquele de quem se recebe ajuda.

Quando os carreiros partem, seja dos acampamentos na estrada ou de volta à Damolândia, eles se organizam em seus pequenos grupos, sempre mantendo um intervalo de uma partida para outra. Buscam manter certa distância entre os grupos de forma que um pequeno imprevisto não atrapalhe a caminhada de outros grupos que seguem atrás. Mas, por outro lado, é sempre aconselhável que essa distância não seja muito grande, ela deve ser suficientemente grande para permitir que o grupo da frente resolva qualquer e eventual problema, mas suficientemente pequena para que o grupo de trás possa prestar socorro em caso de necessidade.

Assim, nessa dinâmica um grupo ajuda ao que está na frente, o da frente recebe ajuda do grupo de trás e retribui a um terceiro grupo que vai mais à frente. Esse sistema de prestação e contraprestação de ajuda segue o mesmo sentido da peregrinação, consiste em dar, da parte de uns, e receber, da parte de outros, de forma que o sentido dessa dádiva nunca seja o sentido contrário ao da peregrinação.

Acredito que essa regra tenha um aspecto prático, permitindo o desenrolar da peregrinação sem grandes atrasos ou contratempos que poderiam colocar em risco a

conclusão da jornada. Ela ganha, entretanto também fortes conotações simbólicas, pois o importante é andar para frente, rumo ao encontro com o Pai Eterno em Trindade.

Caminhando até Trindade

De Damolândia a Trindade são aproximadamente 80 quilômetros de estradas de terra e muita poeira. As estradas que cortam fazendas parecem estar em perfeita harmonia com o ritmo do carro de boi, elas, antes silenciosas, rompem com seu sossego para dar passagem aos cantantes veículos. O zunido do carro de boi de tão constante parece triste, parece ser complacente com o verde desbotado marcado pela estiagem dos meses de junho e julho no centro-oeste brasileiro.

O inverno goiano nesses meses é assinalado por dias quentes e noites frias, tardes sem vento e ar sempre seco. É nesse clima, paisagem, em meio a muita poeira, que os peregrinos de Damolândia seguem viagem para chegar ao Pai Eterno.

O primeiro dia de peregrinação é, se comparados aos outros, o mais dinâmico, e o mais agitado. Toda essa agitação se deve, em grande parte, à euforia e à expectativa acumulada na véspera da partida, e também ao grande número de peregrinos andando juntos e ainda pouco organizados em seus grupos. Mas esse entusiasmo tão explícito vai se acalmando no decorrer da caminhada. Na verdade, ele encontra outra forma de se expressar, da euforia festiva da partida se torna uma ansiedade devota almejando a chegada ao santuário.

Essas mudanças no comportamento acompanham toda a trajetória dos peregrinos até a volta à Damolândia, e se deve em grande medida à sacralização dos próprios romeiros que progride conforme progride o percurso. O próprio comportamento dos peregrinos, com a aproximação do santuário, o lugar sagrado por excelência, expressa, e dessa forma institui, a sacralidade do espaço. E a euforia festiva da saída se transforma em uma alegria mais contida, centrada nas motivações que os levaram até ali. O conteúdo sagrado da peregrinação se acentua categoricamente com a aproximação do santuário²⁴.

²⁴ A sacralização dos romeiros e do espaço percorrido no movimento da peregrinação nos remete à idéia da rotatividade do sagrado (Van Gennep, 1978). De acordo com Van Gennep o sagrado e o profano devem ser entendidos como posições dinâmicas, onde os valores dessas posições são dados pela comparação, contraste e contradição, termos que ajudam a distinguir, separar e estabelecer significado. Compreendendo o sagrado como um valor que indica situações respectivas, pode-se dizer que os romeiros são sacralizados à medida que progridem na realização do ritual e se aproximam do santuário, o lugar consagrado. É esse movimento dos peregrinos que institui a sacralidade do espaço, à medida que eles se afastam de casa o percurso vai se tornando cada vez mais sacralizado em um nível e cada vez mais secularizado em outro.

Durante os três dias de viagem, os carreiros de Damolândia passam por dois municípios, Brazabrantes e Goianira, respectivamente. Essas passagens são marcadas, em um primeiro momento, pela recepção com quitutes e afins, que já se tornaram “tradicionais” nesses dois municípios, e pela oportunidade de, uma vez em perímetro urbano, comprar algumas coisas para o prosseguimento da caminhada. O que geralmente se compra nessas passagens são gelo e bebidas, como refrigerantes, cerveja e pinga, mas a peregrinação não pára, os carreiros seguem continuamente a caminhada, encarregando apenas alguns pela tarefa. Geralmente o encarregado é aquele que segue na carroça, já que é aí onde as bebidas permanecem dentro de caixas térmicas, mesmo que a caixa ainda não esteja vazia não se pode perder a oportunidade de garantir bebida suficiente para a caminhada, o(a) carroceiro(a) no entanto deve ser rápido para não ficar para trás. (foto 10)

Uma romaria de carreiros em um perímetro urbano não passa despercebida. Ao passarmos pelo município de Goianira era necessário realizar a travessia da GO-070, estrada de muito movimento que liga Goiânia à Cidade de Goiás, exigindo atenção redobrada dos peregrinos. Qualquer descuido que pudesse assustar os animais que estavam no acostamento do asfalto podia resultar em acidente. Para que a travessia fosse feita com o máximo de segurança possível, juntaram-se alguns grupos que estavam mais próximos para que pudéssemos seguir juntos nesse trecho urbano.

A passagem por Goianira durou quase três horas, e chamou a atenção tanto dos moradores da cidade quanto daqueles que passavam pela estrada, muitos tiravam fotos, caminhões buzonavam, e alguns veículos chegavam a diminuir a velocidade para perguntar de onde aquela romaria havia partido. Apesar da romaria dos carreiros chamar a atenção de todos por onde ela passa, não creio que haja alguém que se impressione mais com ela e com os carros de boi do que as crianças. Seja no perímetro urbano ou na zona rural, as crianças parecem fascinadas por esse veículo rústico tão pouco visto nos dias de hoje. É esse sentimento de quem descobre algo diferente que não lhes permite resistir a entrar no carro de boi e dar uma “voltinha” nele. (foto 11)

“Andar dá uma fome!”, dizia Tânia de cima da carroça, enfiando a mão em uma lata de nhoque doce. Realmente peregrinar abre o apetite, e por isso as latas de bolos são tão bem vindas. Vira e mexe alguém se aproxima da carroça em busca de algum biscoito ou de alguma bebida. Peregrinar também dá sede, mas nem sempre a água é a bebida mais requisitada para molhar a garganta. É grande o consumo de álcool durante toda a peregrinação, cerveja e pinga são as preferidas. Dizem que a primeira é para esfriar, a

segunda para esquentar, e entre uma variação térmica e outra, lá se vão muitas latas de cerveja e vários litros de pinga.

Durante a peregrinação, o principal passa-tempo é realmente a conversa, a caminhada cria boas oportunidades para ouvir e falar sobre a vida alheia, seja a dos próprios romeiros ou de outras pessoas e parentes próximos a eles. Muitas fofocas são “colocadas em dia” durante a andança, mas até aqui iremos encontrar algumas normas que regem inclusive os assuntos conversados.

A fofoca, como coloca Elias (2000), é muitas vezes uma forma de entretenimento:

As notícias sobre uns e outros, sobre todas as pessoas publicamente conhecidas, tornavam a vida mais interessante. Assim, excetuadas as fofocas depreciativas, referentes sobretudo a pessoas de fora, e as fofocas elogiosas, que traziam fama para o próprio indivíduo e seu grupo, o fluxo das fofocas continha simples itens de uso do grupo interno, notícias sobre amigos e conhecidos que eram interessantes em si mesmas. (Elias, *op.cit.*:122)

No entanto, essa forma de comunicação, serve também para criar e intensificar um sentimento de cumplicidade entre aqueles que caminham juntos, ela cria um laço social entre os interlocutores.

Os homens estão sempre acompanhando os carros de bois, mesmo aqueles que não exercem a função de carreiros ou candeeiros. Já as mulheres possuem maior liberdade de deslocamento, mesmo quando é uma mulher a responsável por guiar uma carroça, ela possui certa independência que lhe permite, quando possível, se distanciar relativamente do carro de boi, e conseqüentemente do seu marido. As conversas femininas, aquelas mais longas onde se podem ouvir várias histórias quase ao mesmo tempo, ou aquelas de cunho particular que exigem certa tranqüilidade para se ouvir e contar, são na maioria das vezes conversadas longe dos carros de boi. Se você indagar a uma mulher o porquê desse distanciamento para conversar, ela provavelmente te responderá que é devido ao barulho do carro de boi, que por ser alto não permite uma conversa “calma”.

Claro que o barulho do carro de boi muitas vezes dificulta uma conversa, mas seria ingênuo acreditar que é essa a única motivação para que as mulheres se afastem para conversar. É longe de seus maridos que elas se sentem livres para falar abertamente de assuntos e opiniões que muitas vezes não poderiam ser expressos da mesma forma na presença deles. Quais assuntos dominam o universo feminino durante a peregrinação? Posso

afirmar com toda a certeza que são as relações familiares, principalmente os conflitos entre parentes próximos, como irmãos, e as traições masculinas²⁵.

É, muitas vezes, longe da presença física constrangedora dos maridos que as mulheres compartilham seus problemas domésticos e familiares, e suas opiniões sobre esses mesmos problemas. Caminhando um pouco à frente dos seus grupos de carreiros, elas mantêm certa distância, mas sem perder de vista seus maridos.

Esse “deslocamento” também é utilizado quando se quer falar sobre familiares que estão na peregrinação. Tânia, por exemplo, quando queria me falar sobre seus desentendimentos em família ou sobre problemas nesse âmbito, sempre me chamava para “ir na frente”, e o convite passava a funcionar como uma espécie de código para uma conversa particular.

A peregrinação se torna então um momento propício para dividir e discutir os problemas do dia a dia com outras mulheres, algo extraordinário para muitas delas, já que a maioria se ocupa com as obrigações domésticas, um trabalho diário que deixa pouco tempo para esse tipo de sociabilidade e que implica o convívio intenso com os familiares.

Mas não são apenas as mulheres casadas que buscam se distanciar dos seus maridos, as filhas e filhos também buscam em muitos momentos se distanciar dos pais. A peregrinação também é um momento favorável às paqueras e namoros longe da força constrangedora física e moral dos pais. Os jovens, incomparavelmente mais que as mulheres, aproveitam dessa mobilidade e permanecem horas seguidas longe de suas vistas.

Há ainda uma ressalva a ser feita aqui. Os homens solteiros quando são filhos de romeiros carreiros tendem a permanecer junto ao carro de boi desempenhando a função de candeeiro, que é aquele que segue na frente dos bois e, hierarquicamente, é uma função subalterna à de carreiro, mas, quando há vários homens solteiros na família, o desempenho da função pode ser revezado entre eles, permitindo momentos de sociabilidade longe do olhar dos pais²⁶.

Os acampamentos da estrada: as pausas no percurso

²⁵Para um aprofundamento no tema da traição, masculina e feminina, ver Goldenberg (2006).

²⁶A função de candeeiro, como bem coloca Nogueira (1980) em seu poético livro *Mestre Carreiro: uma saga nos gerais goianos*, é um degrau no processo de formação do carreiro. Entre os carreiros de Damolândia, todos, com os quais conversei, haviam iniciado o aprendizado de lida com os bois carreiros desempenhando essa função.

Os acampamentos da estrada são montados em fazendas próximas às estradas por onde os carreiros passam, e são previamente negociados com os proprietários das fazendas. Paga-se um aluguel, e a cobrança se dá a partir do número de bois de cada família. Cobra-se em média 1,5 reais por cada cabeça de animal (bois e cavalos). Esse valor é pago assim que os animais entram no pasto onde passarão a noite. Essa forma de cobrança, que privilegia a estadia do animal e não das pessoas, salienta a economia agropecuária característica do grupo, onde o sustento está ligado ao trabalho no campo, os animais são bens preciosos e também fonte de renda.

Os carreiros de Damolândia passam por dois acampamentos até chegar à Trindade, há um certo hábito de montar acampamento sempre na mesma fazenda, em alguns há inclusive uma infra-estrutura, com duchas e sanitário, para receber os peregrinos. O espaço onde se montam as barracas são geralmente lugares que servem de pasto para os animais ou mesmo se plantam lavouras nas outras épocas do ano. No primeiro acampamento, por exemplo, se percebia nitidamente que ali fora uma lavoura de milho, devido à palhoça encontrada quando chegamos.

Nos dois primeiros dias de peregrinação, os romeiros cessam a caminhada por volta das 16 horas, o sol ainda está alto, mas é preciso montar as barracas, tomar banho e preparar a comida antes do anoitecer. Para esses trabalhos, montar as barracas e preparar a comida, a divisão sexual é a primeira regra. Os homens se encarregam de “levantar” a barraca, que é feita, na maioria das vezes, de lona plástica (mas ainda há uns poucos que utilizam a lona de pano), já a estrutura da barraca é feita de bambu, e cada família encarrega-se de levar seus bambus já prontos para montar.(foto 12)

Rocha (2005), ao analisar a montagem do circo como um processo ritual, chama a atenção para seu significado cosmológico. Em sua análise a lona ocupa um lugar importante, pois é ela que define o espaço cosmológico, além de ser um elemento de mediação entre a natureza e a cultura, pois é um símbolo da vida nômade. A barraca dos romeiros também apresenta dimensão semelhante.

Após dois anos acompanhando os carreiros de Damolândia, e especificamente a família Silveira na peregrinação em carros de boi, pude perceber que as barracas eram sempre montadas nos mesmos locais. O primeiro acampamento, por exemplo, era um grande retângulo e possuía o terreno inclinado. As barracas eram montadas, na maioria das vezes, de maneira que se formassem três fileiras: uma do lado esquerdo, uma no centro e outra do lado

direito²⁷. A barraca dos Silveira era sempre montada na fileira do meio e na parte mais alta do acampamento, era na verdade a primeira barraca da fileira do meio.

O hábito de montar as barracas sempre nos mesmos lugares não é adotado apenas nos acampamentos da estrada, também no acampamento em Trindade essa prática é realizada:

Já fica marcado o lugar. Ninguém monta no meu lugar nem no lugar de outro não, tudo respeita pro ano que vem (...). Ninguém mexe no meu lugar. Porque se eu fazer a barraca no lugar do outro, amanhã ele vem e eu to lá com a barraca, e como é que faz?! Então já é combinado. (Manoel, 2006 e.1)

Enquanto os homens montam as barracas, as mulheres se preocupam com o banho, na verdade essa é a primeira preocupação feminina assim que se chega ao acampamento. O banho, por sua vez, pode ser feito em banheiros fornecidos pelo proprietário da fazenda ou, quando o proprietário não fornece essa infra-estrutura básica, a prefeitura de Damolândia busca fornecer condições mínimas de higiene aos peregrinos. Essas condições mínimas, no entanto, se referem apenas aos locais de banho. No primeiro acampamento, o proprietário disponibilizou aos peregrinos apenas o espaço, e a prefeitura de Damolândia havia construído, com autorização, dois banheiros para banho. Não havia sanitários ali, obrigando os romeiros a defecarem nas proximidades do acampamento, e fazendo com que qualquer um que se aventurasse a andar além dos limites dele, corresse o risco de se deparar com excrementos humanos. Mas isso não tirava a disposição dos peregrinos, em nenhum momento ouvi reclamações a esse respeito, inclusive, entre as mulheres, as incursões “no mato” eram feitas às vezes em pequenos grupos de duas ou três pessoas.

Enquanto as mulheres tomam banho, os homens montam as barracas. Cada família monta a sua, e à medida que as mulheres retornam do banho e organizam precariamente as malas e colchões dentro da barraca, já se inicia a preparação da “janta”. Essa é uma tarefa exclusivamente feminina, que pode ser feita ocasionalmente em conjunto com outras famílias, elementares ou amplas, mas em geral cada grupo familiar amplo se responsabiliza pela preparação de sua própria comida. (foto 13)

Após a refeição muitos peregrinos passam parte do tempo, antes de dormir, em rodas de conversa feitas ao redor de fogueiras, que são utilizadas mais para aquecer do que para

²⁷ Embora a organização das barracas adquira esse formato de fileira, ela não é uma regra rígida, podendo qualquer peregrino montar sua barraca onde bem entender.

iluminar. Mas há também em alguns acampamentos festas ou bailes de forrós promovidos para distrair os peregrinos.

No dia em que chegamos no segundo acampamento, na fazenda Arrozal, havia uma arena de rodeio montada no meio dele, no entanto ela estava cercada com placas de madeira indicando que essa seria a atração da noite, mas que seria paga.

A Fazenda Arrozal já é conhecida nas redondezas por reunir um grande número de romeiros carreiros na época da Festa de Trindade. Ela já se encontra no município de Trindade e a poucos quilômetros da cidade. Diferente do primeiro acampamento, ali estavam acampados peregrinos vindos de outros municípios que, percorrendo outro trajeto, desembocavam também naquela fazenda. Sabe-se também que, todos os anos, há ali algum evento, nem que seja um baile de forró, pois a estadia dos carreiros nunca passa em branco. Dessa forma, quando a noite chega, várias pessoas da redondeza, assim como muitos familiares dos peregrinos, se dirigem ao acampamento, fazendo com que o acampamento adquira um ar de festividade.

A Fazenda Arrozal já possui uma infra-estrutura básica para receber os peregrinos, há sanitários e banheiros de água fria, mas para o banho também existem outras opções: uma bica d'água e um córrego. Na bica d'água se concentram principalmente as mulheres que tomam banho em grupos exigindo um bom grau de desinibição, uma vez que o banho é feito a céu aberto, havendo apenas uma proteção, feita às vésperas, que dificultava a visão de quem passasse por perto.

Os homens também costumam tomar banho em grupos, e também tomam banho na bica. Sabendo disso as mulheres sempre ficam atentas para qualquer aproximação masculina e volta e meia se podia ouvir um “vem aqui não que tem mulher tomando banho” ou “vem não que é mulher que tá aqui”.

Embora os homens também tomem banho na bica d'água, grande parte deles prefere o córrego que passa próximo ao pasto dos bois, mas há ainda uma outra opção para homens e mulheres, é o banho quente disponibilizado na casa do caseiro da fazenda ao custo de 2,50 reais por pessoa, já para usar apenas o sanitário o preço era de um real.

Há, também após a janta, uma “reza de terço” feita sempre na barraca de uma mesma família. A reza, às vezes, conta com a presença de um representante clerical, um padre ou mesmo seminarista mas, independente da presença ou não da Igreja, os peregrinos, ou parte deles, sempre se mobilizam para o momento de oração que, por se realizar há alguns anos na barraca de uma mesma família, dispensa o trabalho de mobilização dos romeiros anunciando

o início da oração. Como me esclareceu a romeira Sônia da Silveira, todos já sabem onde se realiza a oração do terço, quem se interessar pela reza comparecerá na barraca²⁸.

De acordo com Pe. Agnaldo Gonzaga, em entrevista concedida durante a festa de 2006, a presença da Igreja é sempre solicitada pelos romeiros carreiros. Ele, que é coordenador da Pastoral dos Carreiros e de uma equipe chamada “Nossa Senhora dos Carreiros”, que realiza as visitas nos pousos dos peregrinos, atribui o início do trabalho de visita aos acampamentos ao desejo, expresso pelos romeiros, de que houvesse a presença de algum representante da Igreja:

A origem do trabalho, como eu te disse, surgiu da exigência deles. Estando lá presentes eles pediam pra rezar (...). Em geral, às vezes a gente chega nos pousos, o pessoal lá tá tomando cerveja, nos pousos maiores, tomando cerveja, batendo papo, acolhendo visitas, e quando a gente fala, “vamos rezar”, é tranqüilo. O pessoal deixa tudo e vai lá rezar. E tem solicitado muito a nossa presença. Não é necessária a presença do padre, mas de alguém da igreja, pra rezar com eles. (Pe. Agnaldo, 2006 e.2)

Mas Pe. Agnaldo também acredita que a presença da Igreja nesse momento ritual é importante, demonstrando que não se trata apenas de uma questão de satisfazer o pedido dos peregrinos.

Estar presente é fundamental. Então vamos nas barracas, batemos papo, almoçamos, jantamos, contamos piadas, declamamos poesia. De acordo com o ambiente. É comum a gente convidá-los pra fazer uma oração, em volta de uma fogueira, às vezes um lampião ou lamparina, né. A gente canta alguns cantos populares. Não temos tido a preocupação de celebrar missa lá [nos acampamentos]. Geralmente fazemos uma celebração da palavra, em que eles partilham a caminhada, como que tá indo, as dificuldades, as alegrias, alguém que tá meio estropiado, com o pé machucado ou alguém tá feliz da vida porque cumpriu uma promessa e faz uma declaração de que vai continuar todo ano vindo. Alguém que agradece por 20, 30, 40, 50, 60 anos que já tem de caminhada, participando dessa romaria, nesse mesmo caminho, com muitas daquelas pessoas lá. (Pe. Agnaldo, 2006 e.2)

²⁸ As romeiras não puderam precisar há quanto tempo as rezas eram feitas na barraca de uma mesma família, mas ficou claro que as orações não se tratavam de uma iniciativa exclusiva dessa família, que funciona aqui apenas como uma anfitriã para os outros romeiros.

A participação da Igreja, como ficou claro, não se limita apenas à realização de orações, busca também uma aproximação com os peregrinos participando da rotina dos acampamentos e compartilhando das experiências da estrada.

A Igreja, no entanto, não costuma participar da jornada de peregrinação. A participação se limita a visitas nos acampamentos, a conversas com os peregrinos e às orações em grupo. Embora Pe. Agnaldo expresse que um dos objetivos do grupo Nossa Senhora dos Carreiros seja estar mais presente junto aos peregrinos durante a jornada de viagem, esta postura ativa não é aprovada por todos da Igreja.

Eu particularmente tenho insistido nisso [em estar mais presente na peregrinação], mas temos encontrado muitas dificuldades. Nem todos os padres acham que isso é necessário (...). Alguns acham que eles têm o ritmo deles, é preciso deixá-los caminhar livremente e que nossa preocupação deve ser celebrar aqui, acolhê-los bem aqui, na Igreja. Eles ficam acampados, né...então eu e alguns colegas temos insistido nisso, mas nem todos concordam e alguns ainda acham que não deveríamos fazer esse tipo de trabalho. (Pe. Agnaldo, 2006 e.2)

Apesar de todas as dificuldades encontradas para garantir a presença de um representante da Igreja junto aos peregrinos, as visitas a alguns acampamentos acontecem, e esses momentos da romaria, onde as pessoas rezam e compartilham suas aflições e experiências relacionadas à peregrinação, se tornam uma ocasião de aprendizado propício a mudanças e renovações.

Durante a estadia dos carreiros na Fazenda Arrozal, o segundo acampamento, Pe. Agnaldo apareceu por lá com o objetivo de realizar um momento de oração no meio do acampamento. Ele estava acompanhado de um grupo de internos da Vila São Cotelengo, localizada em Trindade, que realizaria após a oração uma apresentação musical. A Vila São Cotelengo é uma casa de tratamento para deficientes mentais, e é para lá que se destina boa parte das doações feitas pelos romeiros carreiros: arroz, feijão, roupas, sapatos e alimentos de uma forma em geral.

Antes de dormir alguns, principalmente os mais jovens, ficam a passear pelo acampamento. Na família Silveira havia quatro adolescentes entre quatorze e dezessete anos, e seus passeios eram de certa forma regulados pelos pais. Sempre perguntavam aonde iam e com quem estavam, mas se tratava de uma supervisão branda se comparada a que é feita em Trindade, lá para um passeio pela cidade é preciso da permissão dos pais, algo que não

aconteciam nos acampamentos já que a maioria se conhecia e o espaço de circulação era relativamente limitado.

Sobre as formas de lazer experimentadas nos acampamentos se podem encontrar muitas opiniões divergentes. Alguns peregrinos se mostram contrários aos eventos com caráter festivo, como o rodeio, ou os forrós, por acreditarem que eles possibilitam o surgimento de situações depreciativas para romaria, como, por exemplo, o consumo de bebidas alcoólicas de forma exagerada, resultando, muitas vezes, em brigas que podem colocar em risco as relações do grupo e sua relativa unidade. Essas idéias vêm corroborar a visão de que a diversão não condiz com a imagem de “sacrifício” e “obrigação” que geralmente acompanha as peregrinações religiosas, mas apesar disso, elas acontecem e acabam funcionando como meio de interação do próprio grupo.

À medida que a noite avança o acampamento vai se silenciando, e cada um procura sua maneira de se acomodar dentro da barraca em meio aos colchões colocados no chão. Mas se engana aquele que pensa que não há uma ordenação na hora de dormir. Há um arranjo específico dos colchões e das pessoas na barraca, que obedece a uma divisão por gênero e por estado civil.

A preparação, ou arrumação, dos colchões é feita pelas mulheres, essa também é uma função desempenhada por elas, e os colchões são ordenados de forma que os homens solteiros fiquem juntos em um dos extremos da barraca, uns ao lado dos outros formando uma fila, e as mulheres solteiras ficavam organizadas da mesma forma no outro extremo da barraca, já os casais são colocados nas “pontas” das fileiras de colchões. De forma que, o casal, se colocado na fileira feminina, o homem deve ser o último da fila, tendo ao seu lado apenas sua mulher, e se colocado na fileira masculina a mulher deve ser a última, tendo ao seu lado apenas seu marido. Essa divisão também vale para pai e filha, ou mãe e filho. Remarco, por exemplo, que estava acompanhado de sua filha foi posicionado na fileira feminina tendo ao seu lado apenas sua filha.

Essa divisão, de acordo com Tânia, é necessária devido à ausência de cômodos separados nas barracas montadas nos acampamentos da estrada. Essa ausência, por sua vez, é atribuída ao caráter passageiro desse acampamento, a permanência de uma noite não parece justificar o trabalho e o tempo gasto na separação dos cômodos. Como, em suas próprias palavras, “não é bom misturar homem solteiro e mulher solteira”, a separação em fileiras de acordo com o gênero e estado civil parece dar conta da função que, no acampamento de Trindade, é atribuída à divisão do espaço em cômodos. Mas o que está por trás dessa divisão, que leva em conta o gênero mais que o estado civil, já que não é menos aceitável uma

mulher casada ao lado de um homem solteiro ou vice versa, é a questão moral. A barraca, durante a peregrinação, é a casa de uma família, e é em alguns momentos denominada como tal. A família é uma “pessoa moral”, nela há fronteira e limites bem definidos e é necessário proteger suas fronteiras, principalmente as morais. A barraca, então, assim como a casa não é apenas um lugar físico, mas moral, onde os indivíduos ocupam lugares específicos marcados por hierarquias e divisões que são mantidas durante a peregrinação.

Quando o sol começa a anunciar o início de um novo dia, muitos carreiros já estão no pasto em busca dos bois. A caminhada começa logo cedo e antes dela há muito o que fazer, é preciso “levantar acampamento”. Enquanto os homens buscam os bois, as mulheres organizam as malas, colchões e vasilhas, de forma que, quando os homens retornarem, só falte a barraca para desarmar e todas as malas para guardar, já que esse é um serviço “pesado”.

No entanto, antes de finalizar as tarefas, é preciso tomar um café da manhã reforçado, e como “saco vazio não para em pé” muitos preferem comer o que restou da janta do dia anterior a fazer um lanche com café e biscoitos. Com tudo pronto a caminhada recomeça.

Família e gênero: dois pontos principais

Neste último tópico quero chamar a atenção para dois temas, família e gênero que acompanham de forma enfática toda a peregrinação²⁹. No entanto, não se trata apenas de um realce proporcionado por esse momento ritual, esses dois temas são muito significativos no próprio cotidiano dos peregrinos.

Nas famílias de carreiros, famílias que mantêm uma estreita relação com o meio rural, já que é desse meio que provem a maior parte da renda familiar, as relações de gênero se configuram como um meio de distinção entre os papéis sociais. O masculino e o feminino possuem valores e funções diferentes, e estas são bem marcadas a partir das práticas cotidianas (Jelin, 1995).

Durante todo o período da pesquisa, as diferenças entre os gêneros estiveram muito presentes, tanto nas tarefas cotidianas no período da peregrinação quanto nos espaços, assim como havia tarefas masculinas e femininas havia espaços masculinos e femininos. Acreditando que essas distinções se baseiam em um sistema de valores do grupo, que

²⁹ No universo desse trabalho associado aos temas família e gênero, está também o tema geração. Este, no entanto, não será abordado aqui, ficando esse aspecto da romaria para um futuro desenvolvimento.

determina os devidos lugares de cada sexo, seria interessante observá-las para melhor compreender o próprio sistema de valores que constitui essas famílias peregrinas.

Nesse primeiro momento, apenas irei apontar para as diferenças de papéis observados até agora, à medida que o texto segue sua trajetória acompanhando o tempo/espaço da peregrinação haverá outras oportunidades para abordar a relação família/gênero.

Desde os preparativos para a peregrinação é possível perceber as divisões das funções a partir do gênero, as mulheres são as encarregadas da preparação dos mantimentos que serão levados para a romaria. Nessa preparação, a figura feminina de cada família elementar, que constitui o grupo familiar mais amplo, pode se encarregar de uma parte do trabalho, ou elas podem formar grupos de duas ou três pessoas para essas tarefas. Na família Silveira, por exemplo, na preparação da romaria de 2006, Tânia da Silveira ficou responsável pela confecção dos quitutes doces (nhoques e roscas), enquanto Sônia, sua irmã, e uma de suas cunhadas prepararam os salgados (petas, broas, biscoitos e pães de queijo). Na preparação da carne de lata elas se reuniram, embora contassem com a colaboração masculina no abate dos animais (porcos, especificamente) a ajuda se limitou ao trabalho “pesado”.

Tem-se aqui um importante critério de discriminação do trabalho feminino e masculino. Embora o trabalho no âmbito doméstico esteja diretamente relacionado ao feminino quando ele é considerado “pesado”, ou seja, que exige grande disposição física (força) ou quando é necessário empregar meios “cruéis” no abate animal, principalmente para os de grande porte, esse trabalho passa a situar no âmbito masculino. São de responsabilidade das mulheres apenas os trabalhos classificados como “leves” que privilegiem a manifestação da sensibilidade, fragilidade e amor à família, expressões que são associadas ao pólo feminino do universo familiar.

Durante a peregrinação, as tarefas desempenhadas tanto pelas mulheres quanto pelos homens são homólogas às desempenhadas no dia a dia dos peregrinos. As mulheres são as responsáveis pela preparação das refeições, pela organização e limpeza das barracas, pela recepção das visitas e pelo cuidado dos filhos, cria-se, durante o período ritual liminar do percurso, uma nova espécie de cotidiano, já que essas tarefas são diárias.

Na caminhada propriamente dita, as mulheres possuem maior mobilidade e opções de escolha, elas podem seguir à frente dos grupos de carreiros, mantendo certa distância dos seus maridos e/ou pais, ou quando cansadas de caminhar podem optar por seguir dentro do carro de boi ou da carroça. Por serem compreendidas como seres frágeis e sensíveis, é

aceitável que a caminhada provoque maior desgaste físico se comparado aos homens³⁰. Já esses possuem menor mobilidade por estarem sempre ao lado dos carros de boi desempenhando as funções de carreiros ou candeeiros, momento também propício para reafirmar valores masculinos como a resistência física, já que seguem sempre caminhando sem a opção de descanso, e habilidade no ofício de carreiro.

Embora durante a caminhada os homens possuam menor mobilidade em relação às mulheres, essa situação se inverte quando se chega à Trindade. Lá as mulheres continuam desempenhando suas funções domésticas enquanto os homens, livres do trabalho cotidiano, ganham maior mobilidade.

O masculino surge na peregrinação dos carreiros como uma categoria ligada ao trabalho “pesado” e ao nome emblema de família. O ofício de carreiro está historicamente associado ao trabalho, o carro de boi, além de um meio de transporte, foi por muito tempo utilizado em Goiás como ferramenta de trabalho no campo. A cozinha está para o feminino tanto quanto o carro de boi está para o masculino. Assim, cabe ao homem toda e qualquer atividade a ele relacionado, como sua preparação para a peregrinação, o conserto de suas peças, a doma dos animais e o cuidado com eles durante a romaria. Além de ser um ofício ligado ao trabalho, ele é também um ofício passado de pai para filho, assim como o nome de família.

Tanto a herança do nome de família quanto o ofício de carreiro por linha paterna indicam uma preeminência masculina na romaria dos carreiros, já que, além de ter o carro de boi como símbolo dominante do grupo, eles se utilizam do nome de família como critério de diferenciação entre os diversos grupos de romeiros. A complementaridade entre masculino e feminino é, entretanto essencial, e a “família” entendida como universo social e moral emerge então como a totalidade a englobar esses dois pólos que estabelecem entre si uma tensão complementar.

³⁰ Muitas mulheres, que preferem se deslocar até Trindade em veículos motorizados, enquanto parte da família realiza o percurso em carros de boi, atribuem como motivo de sua escolha o desgaste físico provocado pela caminhada e o desconforto dos acampamentos da estrada, indicando que práticas que exijam algum preparo físico ou que impliquem ambientes precários, com poucas condições de higiene, por exemplo, são vistas como mais toleráveis para homens.

Cap. II – Os carreiros na Festa de Trindade

Neste capítulo me detenho no período de permanência dos romeiros carreiros em Trindade e ao percurso de volta à Damolândia. Aqui veremos desde a chegada dos peregrinos ao santuário, passando pelo dia em que eles se despedem dele, até a jornada de volta para casa, seguida dos rituais preparados para recepcioná-los. Nesta parte busco destacar as formas de sociabilidade desses peregrinos marcadas pelo convívio familiar, pelos atrativos da festa e pelas experiências religiosas vividas durante a peregrinação.

A chegada dos carreiros em Trindade e a preparação do novo acampamento

O último dia de peregrinação dos carreiros de Damolândia parecia exigir um pouco mais de vaidade, principalmente entre as mulheres. A proximidade de Trindade prescrevia um maior cuidado com a aparência, vale lembrar que o segundo e último acampamento se localiza a poucos quilômetros dela, ninguém queria chegar à cidade mal arrumado, e principalmente com as roupas demasiadamente sujas. Como o excesso de poeira nas estradas não isenta ninguém da sujeira, muito menos aqueles que vão caminhando, para evitar a utilização de roupas de forma desnecessária, já que se sabe que estarão sujas nas primeiras horas de caminhada, é comum, entre homens e mulheres, usarem a mesma calça durante os dois primeiros dias de peregrinação. Mas no último dia ninguém quer chegar em Trindade vestindo uma roupa já usada, por isso praticamente todos fazem questão de colocar uma “troca” de roupas limpas. No entanto, quando se chega à cidade, a primeira visita ao santo deve ser feita ainda com a mesma roupa da chegada, “tem que ir sujo mesmo”, como disse Tânia. As roupas aqui servem também para expressar a posição de peregrinos que os carreiros ocupam. Na escolha das roupas do último dia se escolhem roupas limpas para a chegada na cidade mas, quando se fala na visita ao santo, a roupa deve estar suja, como se a sujeira fosse uma maneira de dizer não só ao santo, mas também aos “outros”, que se trata de romeiros carreiros vindos à cidade em sua forma própria de peregrinação.

Mas porque a importância da roupa suja na visita ao santo e da roupa limpa na chegada à cidade? A sujeira funciona aqui como um símbolo diacrítico capaz de diferenciar os carreiros dos outros peregrinos, mesmo moradores da cidade quando vêm alguém muito sujo andando pelas ruas logo o associam a um carreiro. Durante a chegada os carreiros estão acompanhados de seus carros de boi, não é necessário a roupa para identificá-los, já na visita ao santo ela é um dos elementos que irá diferenciá-los e por isso deve estar suja de poeira.

Não eram onze horas da manhã do último dia de peregrinação quando da estrada avistamos o Santuário de Trindade, mais algumas horas e já estaríamos nas “mangueiras”, como é conhecido o acampamento onde a maioria dos carreiros de Damolândia permanece, e que fica a um quarteirão da Igreja Matriz, ou Igreja Velha como também é conhecida. (ver anexo II)

A chegada dos carreiros à Trindade não é algo que passa despercebido. A chegada de uma romaria de carreiros é identificada pelo barulho produzido pelos carros de boi, no linguajar do carreiro “eles cantam”. Esse barulho característico dos carros acaba por chamar a atenção dos moradores das ruas por onde eles passam. Curiosos, todos saem à janela ou mesmo param nas ruas para apreciar esse espetáculo que acontece anualmente.

Assim que chegam à Trindade, os carreiros de Damolândia se dirigem aos acampamentos, a maioria permanece no acampamento “das mangueiras”, e uns poucos vão para outros acampamentos ou mesmo para casas alugadas.

O acampamento “das mangueiras” se localiza em um quintal de esquina na rua Cel. Valdir das Neves com a Alameda Wilson Torrano, próximo ao centro de Trindade. Possuindo grandes pés de mangueira que proporcionam sombra durante todo o dia, o lugar já é conhecido na cidade. Quando se pergunta a um habitante local onde acampam os carreiros de Damolândia, logo te respondem “lá nas mangueiras”, demonstrando que se trata de um local já estabelecido por esses carreiros. Pelo lado da Alameda Wilson Torrano, o acampamento é cercado por um muro, já pela rua Cel. Valdir das Neves há uma cerca de arame farpado que delimita os limites do acampamento. Embora possua duas entradas, ambas na rua Cel. Valdir das Neves, a primeira, que fica ao lado de um bar improvisado todos os anos dentro do acampamento, e que se localiza exatamente na esquina das ruas, é a mais utilizada para o trânsito de pedestres. A segunda entrada possui um fluxo menor de pessoas e é mais utilizada para a entrada ou saída de veículos ou animais por ser maior.

A maioria dos peregrinos que acampam nas mangueiras inicia a preparação de suas barracas dias antes de partir em romaria. De acordo com Manoel da Silveira, o patriarca da família Silveira, um dos “carreiros antigos” de Damolândia, é necessário montar a estrutura das barracas previamente. Por se tratar de uma barraca que será utilizada por sete dias é fundamental que ela seja bem feita, seus bambus precisam estar bem firmes no chão, além de ser necessário dividir os cômodos, e isso demanda tempo e disposição. Como os peregrinos chegam cansados no último dia de viagem, a maioria prefere ir a Trindade dias antes de iniciarem a peregrinação e montar a estrutura das barracas, e aqui, como no acampamento da estrada, os peregrinos tendem a montar as barracas todos os anos nos mesmos lugares.

Quando perguntei a Manoel se apenas ele montava sua barraca no mesmo local todos os anos, já que ele parecia se orgulhar de fazer isso há mais de vinte anos, disse que esse hábito já havia se tornado uma “tradição”: “Não, não é só eu não, os outros tudo. Ali, igual tem debaixo ali, aqueles meninos. Eles vêm, se eles vêm primeiro marca o lugar deles, se eu venho primeiro marco o lugar e fica reservado. Ninguém mexe no meu lugar” (Manoel, 2006 e.1).

Embora Manoel enfatize que há respeito dentro do grupo pelo lugar que cada família costuma montar sua barraca, ele diz também é preciso “marcar o lugar”, assim ele ficará reservado, demonstrando que, embora exista um consenso que rege o respeito pelo “costume” da cada família, ele pode ser quebrado, obrigando os peregrinos a utilizarem outros meios, como a demarcação prévia do acampamento, para garantir o que Manoel considera tradicional.

O acampamento, durante os sete dias em que os peregrinos permanecem em Trindade, se torna uma pequena aldeia, e cada barraca é a casa de um conjunto de famílias elementares ou de apenas uma família elementar. Mesmo quando um grupo familiar é constituído por várias famílias elementares que optam por ter cada uma a sua barraca, elas são sempre feitas próximas, umas ao lado das outras.

O local onde a “casa” é feita se torna uma “propriedade” temporária, cria-se um certo tipo de vínculo com aquele lugar, e a ocupação dele por outra família, durante o período da festa, é um desrespeito, quase uma invasão de propriedade, como Manoel deixa claro: “Mas no meu lugar tem um ponto a mais assim que eu falei pro dono aqui: ‘se por uma ventura eu não vim, deixa meu lugar vago que eu pago o aluguel a mesma coisa’ ” (Manoel, 2006 e.1).

A fala de Manoel explicita que não se trata apenas de garantir *um* lugar no acampamento, não é qualquer lugar que lhe serve, ele paga pelo *seu* lugar, o que lhe dá o direito sobre aquele espaço, mesmo que ele não o utilize. Na verdade Manoel, nesse caso, não paga apenas pelo direito de usar ou não usar o espaço, ele paga também para que os outros peregrinos *não* tenham o direito de utilizar o mesmo espaço que ele sempre utiliza, uma vez que ele se encontra vazio.

Não se deve esquecer aqui, que existe a questão de garantir *seu* lugar no acampamento, e a não permanência anual nele abre espaço para que outra família o ocupe e passe a ter o “direito” de acampar ali todos os anos, assim, pagar por uma vaga que não será usada permite assegurar o “direito da tradição”.

Os carreiros de Damolândia chegam à Trindade por volta do meio dia de uma segunda-feira, o quarto dia da Festa. Assim que chegam é preciso organizar a barraca, soltar

os bois e preparar o almoço. Nesse momento, há uma pequena mudança na divisão das tarefas. As mulheres, que antes não participavam da montagem da barraca, aqui colaboram ativamente nessa preparação. São elas as responsáveis por ordenar e organizar o que deve ser colocado em cada lugar, onde ficará o fogão, a mesa, os bancos, onde será o quarto de cada família ou casal. Trabalham também em alguns serviços pesados que antes eram atribuídos apenas aos homens, ajudam a fazer as “paredes” da barraca, que são feitas de pano ou lona, e a descarregar o carro de boi, embora os objetos mais pesados seja ainda uma responsabilidade masculina.

A ajuda feminina neste trabalho braçal, que até esse momento da peregrinação era exclusivamente masculino, permite minimizar o tempo gasto na preparação da barraca, ao mesmo tempo em que possibilita a alguns homens se encarregarem de outras responsabilidades como soltar os animais no pasto.

No que se refere aos animais há duas opções, deixá-los no pasto cedido pela prefeitura ou alugar pastos privados. A maioria dos peregrinos opta pela segunda opção e a justificam dizendo que o pasto da prefeitura é insuficiente para a quantidade de animais que se costuma colocar nele, além de haver também muitos problemas com furtos, daí a preferência pelos pastos alugados que contam com um vigia para os animais.

A visita ao “santo” e algumas programações da festa

Após preparar a barraca e acomodar os animais, muitos peregrinos vão cumprir a primeira grande tarefa do dia, a visita ao “santo”. Alguns preferem fazer a visita antes mesmo do almoço, mas o que importa é que ela seja a primeira coisa a se fazer na cidade. “A primeira coisa. Chegamos, ajeitou, deixamos as mercadorias, e antes de tomar banho é ir falar com o Divino Pai Eterno, que passou o ano tudo certinho, né, e fazer uma prece lá. Isso é todo ano, ninguém toma banho antes de ir nos pés do santo” (Manoel, 2006 e.1).

Tânia é mais enfática:

Ah! Nossa Senhora! A gente já sai daqui “visitando o santo”! Misericórdia! Toda hora a gente já pensa nisso aí né... Chega lá todo mundo... Isso aí é hábito do romeiro mesmo. O romeiro vai no pé do santo é sujo de poeira, o romeiro de verdade não tem vontade de sair de lá de perto do santo não. Entendeu?! Se você não fizer isso, não é um ato de romeiro... tem que ir sujo mesmo... Todo mundo chega e vai é a família. Hoje em dia tá muito assim né, o povo tá muito desligado assim, mas quando papai ensinava nós e chegava lá... meus irmãos ia de carro de boi primeiro, que a gente era

pequeninim. Depois ele pagava um fusca pra levar nós, que era mais pequeno, nós chegava e nós ia de fila, sabe Valéria? Todo mundo, nós era oito né, e a madrinha. Nós ia os oito e a madrinha... Agora hoje a gente não consegue fazer isso, porque você mesmo sabe, o Junim [seu filho mais velho que fez a peregrinação com a família do pai] já foi na frente né, e a Amandinha já foi depois. ‘Amandinha você foi no pé do santo?’ né e tal. E essa visita aí é a primeira. É a primeira! E eu faço ela a primeira, eu faço, eu faço ela umas cinco vezes (...) a visita no pé do santo é ato de romeiro... Romeiro que não vai no pé do santo ele não fez o serviço direito. (Tânia, 2006 e.3)

Tânia, além de enfatizar a importância de “ir aos pés do santo” como um ato que legitima o que é ser romeiro para ela, chama a atenção também para mudanças percebidas por ela nessa prática. O que antes era algo feito em família atualmente encontra dificuldades para permanecer da mesma forma. Tomando o próprio caso de Tânia e seus filhos como exemplo a visita aos pés do santo em família se torna difícil quando não há a unidade familiar.

Contrapondo o caso da família elementar de Tânia com a família elementar de Sônia percebemos que a observação de Tânia é relevante. Sônia, Wilson e as filhas, na primeira oportunidade se reuniram para ir aos pés do santo, um hábito que a própria organização dessa família permitia preservar.

Embora para muitos essa visita é, ou deveria ser, feita com a família reunida, durante os dias que as romarias carreiras chegam à Trindade se pode notar que alguns carreiros se organizam de forma diferente para esse momento. Um grupo de carreiros, por exemplo, vindos da cidade de Taquaral se reuniu assim que chegou à Trindade, antes mesmo de desfazer as malas, para a visita ao santo. Nesse grupo, no entanto, não havia famílias, apenas os carreiros que, portando suas guias (varas utilizadas para tocar os bois), foram em fila aos pés do Divino Pai Eterno.

Levar a guia na primeira visita ao santo é, aliás, uma prática muito comum entre eles. Porque levá-las?

Pra benzê uai. E pra falá que é dos carrero né. Se não o povo pensa que não existe os carrero né? Aí cada um tá com uma vara daquela na mão, ai fala “Oh os carrero lá”. Cê pode vê que quando ocê tá na estrada e o cabra que tá com uma vara na mão, fala “Oh um carrero ó”, não é? (Wilson, 2006 e.4)

Levar a guia ao pé do santo além de ser uma forma de sacralizá-la, funciona também como um símbolo diacrítico, em meio a tantos peregrinos, assim como a roupa suja, principalmente para aqueles que não levam guias, se trata de uma maneira de reafirmar uma determinada prática característica daquele grupo social.

Programações religiosas

Quando se chega a Trindade poucos são aqueles que se preocupam em saber quais as programações do ano, pois elas praticamente não variam de um ano para o outro, e toda mudança é sempre anunciada nas missas. Assim a melhor forma de começar a estadia em Trindade é participar de suas programações religiosas.

Durante os dez dias de festa, ocorre às cinco horas da manhã um toque de despertar conhecido por “Alvorada festiva”, feito com queima de fogos, toque de sinos e orações transmitidas por alto-falantes espalhados em diversos pontos de toda a cidade. A Alvorada além de marcar o dia como um dia especial, anuncia também que logo se iniciará a procissão que parte da Igreja Matriz em direção ao Santuário Novo, e esta se inicia às cinco e meia da manhã e acontece durante todos os dias de festa. A Procissão da Penitência, como é conhecida essa procissão matinal, se desloca apenas pela rua Dr. Irany Ferreira (ver anexo II), rua que liga diretamente as duas principais Igrejas da cidade.

O interessante de destacar é que nessa procissão não há a presença de padres, ela é iniciada por algumas leigas vestidas com roupas brancas, num total de cinco jovens onde quatro carregam uma tocha de fogo e a quinta leva uma bandeira onde está pintada a mesma imagem contida no medalhão, a Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria, que é conhecida apenas por “Divino Pai Eterno”. Durante a procissão ocorre a oração do terço, que é iniciada por um padre que se encontra no Santuário, e a transmissão é feita através de alto-falantes³¹. É comum encontrar, durante a procissão, pessoas carregando pequenos bancos para serem usados durante a missa, a primeira do dia que acontece logo após a chegada da procissão ao Santuário Novo.

A Procissão da Penitência seguida da missa é uma das programações diárias preferidas pelos carreiros, muitos participam dela diariamente até o fim da festa, e ela se torna o ritual para iniciar o dia.

³¹ Esse mecanismo de transmissão consiste em alto-falantes fixados em pequenas varas que lembram cabos de vassouras, que são carregados por algumas pessoas. Estes alto-falantes permanecem ligados a pequenos rádios portáteis, sintonizados na Rádio Difusora AM, rede católica de rádio que faz a cobertura da festa instalando-se no Santuário nesse período.

(...) mas o dia que já aconteceu de eu não conseguir ir... Ah, mas aí eu fico contrariada o dia todim. Eu fico contrariada e se eu for noutra missa parece que eu não sinto aliviada, igual se eu levantasse cedo e í pra procissão né! Eu, eu já tenho quatorze anos que eu consigo num faltar nenhuma. (Tânia, 2006 e.3)

Embora a procissão da Penitência seguida da missa seja uma celebração diária que conta com a participação dos carreiros, ocorrem também diariamente no Santuário Novo e na Igreja Matriz ao menos sete missas e cinco novenas, que também contam com a presença dos carreiros. É necessário, no entanto, diferenciar a procissão matinal seguida da missa das outras missas e novenas que ocorrem no decorrer do dia. Ainda que os romeiros carreiros participem de missas e novenas que acontecem ao longo do dia, a procissão e a missa matinal ocupam um lugar de destaque nas preferências desses peregrinos. É, para eles, aceitável que não se participe das missas que acontecem durante todos os dias e das novenas, estas últimas tidas como muito cansativas, mas não participar da Procissão da Penitência e da primeira missa do dia, que acontece logo em seguida, ao menos uma vez durante toda a estadia em Trindade é quase um pecado.

A importância dada à assiduidade nessa peregrinação matinal é algo que muito me chamou a atenção. Assim como é comum ouvir os carreiros falarem sobre o tempo que participam da peregrinação a Trindade sem faltarem um ano sequer, o mesmo acontece com a Procissão da Penitência.

O dia a dia em Trindade: passeios e conversas

Durante os sete dias de permanência dos peregrinos de Damolândia em Trindade, pois, embora a festa dure dez dias, quando os carreiros partem em romaria ela já se iniciou, cria-se uma rotina específica dentro de um momento extraordinário. O dia começa com uma rotina indiferenciada, durante a manhã geralmente toda a família vai à procissão seguida da missa. Só quando retornam da missa, os afazeres se diferenciam de acordo com o gênero. As mulheres se encarregam de arrumar as barracas, dobram os colchões e cobertores, e a varrem o chão de terra. Em seguida começa a preparação do almoço, que geralmente acontece às onze horas da manhã. Enquanto esperam o almoço, os homens geralmente se reúnem em pequenos grupos para ‘jogar conversa fora’, seja na cozinha da barraca, enquanto é preparado o almoço, ou em rodas feitas em espaços livres dentro do acampamento. Muitas

vezes, nessas rodas de conversa, são improvisadas churrasqueiras, e o bate-papo se anima na companhia de carne assada, pinga e cerveja.

Durante o restante do dia, após o almoço, muitos romeiros se ocupam com passeios pela cidade, com as missas, ou em visitas a parentes e amigos que habitam em Trindade ou que também estão de passagem por ali. A Festa de Trindade é para alguns o momento de encontrar familiares que não são vistos durante todo o ano, como os carreiros costumam montar suas barracas sempre nos mesmos lugares é fácil encontrá-los durante a festa.

Aí reúne a família né? As vezes tem família lá daqueles mundo que tem muito tempo que você não vê, na Trindade eu encontro. Família junta tudo. (...) quando tem família que você passa o ano inteiro sem vê ele uai, aí encontra lá né?! Aí chega lá você encontra com eles e passa o resto do ano, 'Ê gente eu quero ir lá vê fulano', mas não vai, espera a Festa de Trindade, nós vê lá. (Wilson, 2006 e.4)

Durante a estadia em Trindade, há lugares e eventos que são entendidos como obrigatórios, entre eles está a fila do beijamento, a sala dos milagres, a Vila São Cotolengo, a Procissão da Penitência, que acontece todas as manhãs, da qual se deve participar ao menos uma vez durante a festa, a Missa dos Carreiros, a Solene Procissão, que acontece no Domingo da Festa, antes da Celebração de Encerramento e a própria Celebração de Encerramento. Há assim, uma espécie de “agenda” de participação dos carreiros durante a Festa de Trindade. Esses eventos e lugares que requerem uma presença e/ou participação “obrigatória” dos carreiros podem ser interpretados como momentos rituais onde são transmitidos o conhecimento, valores e as normas da cultura desse grupo, momentos cruciais no aprendizado e na experiência social desses sujeitos. Esses eventos não são entendidos como passeios, no sentido de divertimentos *strictu sensu*, mas também como obrigações. Os passeios considerados de puro divertimento são as visitas aos parentes, o passeio pelas barraquinhas, e os atrativos noturnos: os shows de música (gospel ou sertaneja); boates; barraquinhas de jogos, bares e parques de diversões.

Durante a maior parte do dia, os peregrinos permaneciam no acampamento, e quando se queria fazer algum passeio, seja ele “obrigatório” ou não, geralmente programava-se com alguma antecedência e eram feitos em pequenos grupos de três ou quatro pessoas, ora organizados a partir do parentesco, ora através dos laços de amizade, ou mesmo por meio do gênero e/ou geração. Nesses passeios, feitos após o almoço, se procurava percorrer em uma

mesma tarde o maior número de lugares possíveis, esse era, de acordo com Tânia, um “passeio de romeiro”.

Um “passeio de romeiro”

Saindo do acampamento das mangueiras, eu, e as romeiras Tânia da Silveira e “Tiniza”, uma “tia social” de Tânia, fomos em direção ao Santuário Novo, no caminho discutíamos qual seria o percurso daquele passeio, quais os lugares que seriam visitados, etc. Não havíamos programado o roteiro do passeio, apenas que aquele seria o dia de passear pela cidade, como não chegamos a nenhuma conclusão fomos para o Santuário Novo que era naquele momento uma espécie de ponto de referência para o passeio. “Vamos até a Igreja Nova e lá a gente decide” disse Tânia, que parecia não se importar muito com a sequência dos programas desde que nós fôssemos, naquele dia, à Vila São Cotelengo.

A Vila São Cotelengo foi fundada em 1938 com o nome de Vila dos Pobres, era inicialmente uma casa de hospedagem mendicante. A partir de 1970 ela abandona seu caráter hospitaleiro para se tornar uma casa de abrigo para portadores de deficiências físicas e mentais, que são muitas vezes abandonados pelas famílias. Administrada pela Congregação Redentorista, a mesma que administra o Santuário, ela conta com a ajuda de muitos romeiros que, quando estão em Trindade, passam pela Vila para depositarem suas doações e para visitar os internos³².

Iniciamos o passeio nos dirigindo para ao Santuário Novo. Após uma rápida parada em frente a imagem de uma santa que não sabíamos qual era, localizada aos arredores do Santuário, fomos então à Vila São Cotelengo. Chegando lá nos dirigimos para a capela da instituição. Tânia e Tiniza rezaram de joelhos por aproximadamente dez minutos, após suas orações ficamos mais alguns instantes observando a decoração do lugar. A capela era praticamente toda branca, com exceção do piso que era feito de pedras quadradas de mármore branco intercalado com mármore preto, com aspecto de um tabuleiro de xadrez. Havia também duas pilastras redondas, que iam do chão ao teto, localizadas cada uma em

³² A Congregação Redentorista, ou Congregação do Santíssimo Redentor, é uma ordem religiosa de padres e irmãs fundada em 1732 na Itália, por Afonso Maria Liguori. Os primeiros redentoristas vieram para o Brasil no início de 1894, e já no final deste mesmo ano chegou a Goiás o grupo, originários da Baviera (Alemanha), que se responsabilizaria pela administração do Santuário do Divino Pai Eterno. Atualmente, no Brasil, os padres redentoristas administram diversos santuários, sendo conhecidos por alguns comentaristas como “especialistas em santuários” (Deus, 2000; Gomes, 2005). Entre os santuários administrados pela Congregação Redentorista está o Santuário Nacional de N^o S^a Aparecida (Aparecida do Norte – SP); Santuário N^o S^a do Perpétuo Socorro (Curitiba – PR); Santuário Estadual de N^o S^a do Rocio (Paranaguá - PR); Santuário do divino Pai Eterno (Trindade – GO) e o Santuário de Bom Jesus da Lapa (Bom Jesus da Lapa – BA).

uma das extremidades do altar que, por sua vez, era retangular. No fundo do altar havia somente um crucifixo preto, não havia nenhuma imagem dentro da capela.

Após a visita à capela e a posterior doação em dinheiro, feita por Tânia e Tiniza, fomos andar no interior da Vila para, como Tânia disse, “visitar os internos”. Enquanto andávamos Tânia além de me falar sobre a Vila, dizia também que, em todos os anos que ela ia à Trindade, fazia questão de ir até à Vila São Cotelengo, mesmo que ela não possuísse meios de contribuir com a instituição, seja através de dinheiro, roupas ou comida, compreendia que somente a visita aos internos era uma forma de caridade. De acordo com ela, muitos internos são abandonados por suas famílias que vêem na instituição uma forma de se livrar de familiares que necessitam de maiores cuidados e atenção.

Tânia via a ajuda ao próximo como algo que estava intrinsecamente ligado à sua prática enquanto romeira, essa idéia já havia sido expressa em outros momentos quando ela dizia que “romeiro que é romeiro tem que ajudar ao próximo” ou ainda que “quem vai à Festa de Trindade e não vai à Vila São Cotelengo é como se não fosse”. Em suas visitas anuais à Vila São Cotelengo, Tânia pôde desenvolver algumas relações com os internos. Durante todo o tempo em que estivemos na Vila ela procurava por um interno de nome Alexandre, e fazia questão de procurar aos próprios internos sobre onde Alexandre poderia estar. A procura de seu amigo era motivo para conhecer outros internos. Nesse processo de aproximação dos internos, o contato físico parecia ter uma função específica de conhecimento do outro, tanto por parte de Tânia quanto por parte dos próprios internos, estes queriam tocar, sentir, pegar naqueles que deles se aproximavam.

Tânia parecia conhecer aquele ambiente, sabia se locomover ali, identificava possíveis mudanças na estrutura física e me explicava o que era e como se dividiam os internos que ela classificava como os que eram mais ou os que eram menos dependentes de cuidados.

Saindo da Vila São Cotelengo avistamos a chegada de uma romaria dos carreiros do município de Orizona, ficamos observando a chegada desses romeiros. Enquanto a romaria passava Tânia e Tiniza teciam comentários sobre os bois da romaria, falavam de aspectos que para muitos passariam despercebidos. Classificavam, por exemplo, as juntas de boi como bonitas ou feias de acordo com padrões específicos. Para Tânia uma “junta” bonita era aquela em que os bois eram “pareados”, ou melhor, parecidos, tanto no tamanho quanto na cor do pêlo. Mas o tamanho dos bois também era um critério de avaliação, eles deveriam ser grandes. Esses critérios de beleza foram demonstrados enquanto Tânia, ao ver a chegada da romaria, comparava os bois e/ou as “juntas” dessa romaria, dizendo quais eram mais bonitos,

também os comparava aos bois dos romeiros de Damolândia. Para ela os bois para ela não deveriam ser pequenos ou muito novos, quando encontrava algum animal com essas características logo dizia que se parecia com um bezerro, enfatizando que um carro de boi deveria ser puxado por bois e não por bezerros, entendendo que estes por serem mais novos são também mais fracos e se desgastam muito durante a viagem.

Após a passagem da romaria fomos em direção à Igreja Padre Pelágio. Tânia e Tiniza se mostravam ansiosas para irem até lá, já que se tratava de uma Igreja recém inaugurada, e elas haviam ouvido comentários de que era muito bonita, e que lá estavam enterrados os restos mortais de Pe. Pelágio. (foto 14)

O Pe. Pelágio foi um padre muito popular que trabalhou em Trindade por 49 anos, entre 1912 e 1961 aproximadamente. Seus despojos se encontram dentro de um memorial construído nessa Igreja, que abriga também os restos de outros padres que ali trabalharam. Atualmente a Congregação Redentorista tem levantado e documentado passagens da vida de Pe. Pelágio, assim como outros relatos que alimentem o processo de canonização que se encontra instaurado em Roma.

Chegando à Igreja, Tânia e sua tia manifestaram o mesmo comportamento expresso na capela da Vila São Cotolengo, fizeram o sinal da cruz e se dirigiram a um dos bancos da Igreja para ali se ajoelharem e fazer suas orações. Essa Igreja, diferente da capela que havíamos estado horas antes, possuía várias imagens, tanto no altar quanto aos arredores dela. Após as orações fomos visitar o sepulcro de Pe. Pelágio que ocupava uma sala em uma das laterais da Igreja. Essa sala era separada daquela onde estavam os restos mortais dos outros padres redentoristas que faziam parte do corpo eclesial do Santuário, enquanto o túmulo de Pe. Pelágio possuía uma sala exclusiva e sua lápide se localizava no centro da sala, já os restos mortais dos outros padres ocupavam uma única sala, e haviam sido colocados nas paredes, uns por cima dos outros, como se fosse em gavetas.

Em um determinado momento, como estávamos com sede, Tânia nos chamou para irmos até uma sala em que ela havia visto um bebedouro. Todas nós saciamos nossa sede, mas só após beber a água percebi que havia um cartaz acima do bebedouro com os seguintes dizeres: “água benta”. Intrigada com aquela situação, por acreditar que a água benta havia sido colocada ali para outros fins que não o de saciar a sede, indaguei Tânia sobre a veracidade do cartaz, e ela rindo disse “é, é água benta”. Parecia não haver entendido o meu

espanto com a situação ou, o que é mais provável, compreendia que a água benta poderia ter outras finalidades que não correspondesse apenas ao seu caráter sagrado³³.

Saindo da Igreja fomos novamente em direção ao Santuário Novo, já estávamos cansadas, no caminho iríamos passar em frente à casa de alguns parentes delas, poderia ser um bom momento para rever familiares e conhecidos. Mas havia um problema, o ex-marido de sua tia possuía fortes laços de amizade com os tais parentes que seriam visitados. Sempre que ele, o ex-marido, ia a Trindade, se hospedava naquela casa. Sabendo que ele se encontrava em Trindade, Tiniza sentiu-se apreensiva com aquela visita, já que corria o risco de se encontrar com o ex-marido. Depois de alguns minutos de conversa onde Tânia tentava convencê-la de que não havia nenhum problema naquela visita, mesmo que o ex-marido estivesse lá, já que eles estavam separados e por isso não possuíam mais vínculo algum, e que, de qualquer forma, os parentes eram “delas” e não “dele”. Ficou combinado que, se ao passarmos em frente à casa víssemos o carro do ex-marido de Tiniza estacionado na porta, então não faríamos a vista. Caso contrário, se o carro não estivesse ali, a visitar seria feita.

Como o carro não estava, passamos então na casa dos tais parentes. Fomos recebidos com um lanche da tarde que acabava de ser preparado. Permanecemos ali por mais de duas horas, tempo suficiente para descansar e colocar as novidades em dia, saber como estavam aqueles familiares não vistos há tanto tempo, etc. Era o momento também para falar da festa, tecer comparações com a festa do ano anterior, relembrar momentos de outras festas, e combinar futuros encontros, seja no período da festa ou fora dela.

Saindo de lá passamos, novamente, em frente ao Santuário Novo e fomos à Sala dos Milagres localizada neste Santuário. Passeando pela sala, Tânia e Tiniza encontravam fotografias de conhecidos ou de pessoas que elas já haviam ouvido falar, pessoas que receberam “as graças do Pai Eterno” e que estavam ali para provar a validade de sua fé. O passeio pela Sala dos Milagres é feito várias vezes durante o período da festa, Tânia disse que ao fim da festa contabiliza mais cinco visitas à sala, demonstrando que esse passeio é, de certa forma, assim como a procissão e missa matutina e a vista ao santo, um momento para a renovação da fé que deve ser repetido constantemente, neste caso uma renovação que se dá a partir do contato com “provas concretas” da eficácia daquela crença.

Ainda que Tânia acredite nas graças do Pai Eterno, concedidas através de promessas, ela mesma disse nunca ter feito promessas de ir à Trindade ou de deixar algum ex-voto na Sala dos Milagres, sua peregrinação era, de acordo com ela, “só pela fé”, e a visita à Sala era

³³ A ingestão da água benta se aproxima aqui da comunhão (administração da hóstia), e por estar disponível em um bebedouro indica sua finalidade. No entanto, o consumo dessa substância sagrada não implica, como durante a comunhão, a participação de um padre como mediador entre o sagrado e o profano.

uma forma de revigoramento. Após a visita, retomamos o caminho do acampamento, nosso passeio estava chegando ao fim, pois já era hora de preparar a janta.

Embora muitos peregrinos, principalmente os mais idosos, justifiquem a participação na festa como uma prática motivada somente pelo religioso, como é também o caso de Manoel, pai de Tânia, quando lhe perguntei o porque de ir à Festa de Trindade e o que ele mais gostava nela, respondeu-me:

Tradição. Fé mesmo, só a fé mesmo. Eu não venho aqui por rancho, por barraca, por ilusão nenhuma, eu venho por conta da Igreja. Eu tenho testemunha aqui que vê, eu vou na Igreja, volto pra barraca, vou na Igreja, volto na barraca. Toda vida é assim. Não é hoje porque tô véio não, já vim novo e nunca fui iludido com coisa aqui não. (...) Eu gosto de ir na Igreja. É o que eu to falando pra você e repito: o meu passeio aqui é na Igreja. (Manoel, 2006 e.1)

Existem porém, outros atrativos que funcionam como coadjuvantes nas motivações que levam os peregrinos à Trindade. O intenso comércio e as atrações noturnas da festa também concentram a atenção dos romeiros. Andar pelas barraquinhas, que tomam conta de todo o centro da cidade e dos arredores do Santuário Novo é tido também como um passeio bastante agradável, principalmente para o público feminino. Mesmo quando se tem pouco dinheiro, esse é um passeio que permite aos peregrinos entrar em contato com uma variedade infinita de mercadorias muitas vezes não encontradas em suas regiões de origem, e poucos voltam sem comprar alguma coisa.

Vai sim, todo mundo vai. Até eu mesmo já fui, todo ano, esse ano que vou trazer isso, esse ano eu vou trazer isso. Todo romeiro sai daqui com essa idéia. (...) É panela grande, é negócio de barro, é essas coisas assim sabe, é quadro de santo, ... é tudo, assim, essas coisa que a gente né, não tem. Não vai aqui lá na loja e compra né?! É um banquinho que fecha, é tudo isso, um tapete bonito, fala 'Nossa lá em Trindade é barato'. Todo mundo sai, ninguém vem sem comprá nada. (Tânia, 2006 e.3)

No entanto o consumo não pode ser visto como algo com um fim em si mesmo, mas como um meio em que, através dos bens, se desenvolvem diversas formas de comunicação. Ele “usa os bens para tornar firme e visível um conjunto particular de julgamentos nos processos fluidos de classificar pessoas e eventos” (Douglas e Isherwood, 2004:115). O

consumo deve ser compreendido então também, como uma atividade ritual, um código simbólico, onde através dele são traduzidas relações sociais. O fascínio pelo diversificado comércio demonstrado pelos peregrinos, expressa o desejo de entrar em contato com as novidades industrializadas, e assim experimentar, mesmo que por pouco tempo, a sociedade de consumo, já que para a maioria das famílias de carreiros o consumo no cotidiano se limita apenas ao essencial, e as compras em Trindade se encaixam na idéia de um comércio extraordinário. (foto 15)

Um caso interessante que merece destaque me foi contado por Tânia quando lhe perguntei se ela costumava guardar dinheiro no decorrer do ano para ir à Festa de Trindade. Ela, que desde o início da peregrinação, havia me dito que não iria comprar nada em Trindade, em determinado momento se sentiu “obrigada” a comprar um dos inúmeros banquinhos de madeira dobráveis, muito usados durante as missas.

Ô Valéria, guardar não tem jeito. Dinheiro, eita trem custoso! Mas se eu tiver eu vô, se eu não tiver tem quem me arruma dinheiro. Ficar por causa de dinheiro eu não fico, sabe. (...) Se você comprar as coisas de comer é diferente do dinheiro que você leva, né, porque **você tem que ter os dois dinheiro, aquele da obrigação e aquele da diversão** (...). Eu falei que eu não ia gastar dinheiro, te contei essa história né. Na última hora eu falei, “Gente, mas não é possível, eu fiz as caridades que eu fiz né, São Cotolengo, doei lá, fui na Igreja Nova, Igreja Véia... Os barraqueiros sofrem tanto aqui né, e eu não vou comprar nada deles?” Eu passava, você mesmo lembra, eu nem olhava, mas o banquinho não teve jeito, eu falei “Gente eu não consigo assistir a missa em pé, eu vou em tempo de desmaiar no meio daquele povo lá, eu com cinco real, que que custa, eu dá cinco real pra esse homem que vende esses banquinhos aqui.” Tão custoso né?! Eu me pus no lugar dele, porque eu vivo de vender as coisas. Juro por Deus, Valéria, foi desse jeito que eu pensei, “Eu já sei, vou comprar esse banquinho porque ele vai servir pra mim na missa”. Pois eu não precisei dele na missa, eu não sentei. A Tiniza falava assim: “Tânia senta!”, eu: “Não Tinizia pode ficar sentada”. Apareceu um menininho, eu te contei, um menininho apareceu, sentou, sentou. Aí eu falei: “Não é possível que eu não vou sentar nesse banquim gente!”, o trem vai ficar alguma explicação. Pois, foi desse jeitinho, eu tive que comprar. Então não adianta você falar assim, “Eu não quero dar lucro pra ninguém”, e você tem que dar um lucro também. Faz sentido isso aí, e com o tempo eu vou saber direito o significado que teve isso aí, porque eu vou lembrar, todo dia eu vou cortar milho nele, sou pamonheira, todo dia agora, todo dia...(...). Mas não adiantou, eu levei o dinheiro, a Amanda gastou o dinheiro, eu mesmo acabei tendo que gastar o dinheiro. (Tânia, 2006 e.3)

A fala de Tânia revela, em um primeiro momento, a separação que ela faz entre os “dois dinheiros”, o da obrigação e o da diversão. O da obrigação se refere não apenas aos gastos com comida e com os acampamentos, a caridade também está neste âmbito. Quando ela fala que não iria gastar dinheiro algum, ela está se referindo ao “dinheiro da diversão”, pois é apenas esse que se “gasta”, já o outro, o da obrigação, se doa ou se paga alguma coisa essencial para a estadia ali. Assim, à medida que Tânia hierarquiza as prioridades dos gastos, onde a obrigação vem antes da diversão, ela deixa claro a separação do dinheiro de acordo com sua finalidade.

Porém, em seguida, ela associa caridade com a compra nas barraquinhas, misturando “obrigação” e “diversão”. Ela diz: “eu fiz as caridades que eu fiz né, São Cotolengo, doeí lá, fui na Igreja Nova, Igreja Velha... Os barraqueiros *sofrem tanto* aqui né, e eu não vou compra nada *deles?*” (Tânia, 2006 e.3). Nesse momento Tânia não parece se importar com o que ela poderia comprar, comprar alguma coisa, independente do que seja, parece ser mais importante que o objeto a ser comprado, justamente porque os “barraqueiros sofrem tanto”, e sua compra poderia estar de certa forma amenizando, ou ao menos, compensando o sofrimento deles.

Ver a compra nas barraquinhas como uma forma de caridade, de ajuda ao outro, dá a essa prática de consumo um caráter que a aproxima do religioso, ao mesmo tempo em que pode ser usada como justificativa para o consumo. Falar que não vai comprar nada *deles* é diferente do que se ela dissesse que não iria comprar nada para ela, Tânia coloca o outro em primeiro lugar para só depois pensar em um fim próprio que essa prática poderia adquirir. Aqui, além do caráter da caridade está impresso também o caráter consumista onde é preciso comprar algo, mesmo que não sendo esse algo realmente necessário de um ponto de vista estritamente utilitário.

Pura diversão

Os atrativos noturnos durante o período de festa também conquistam a atenção de grande público. Durante todas as noites, a avenida Manoel Monteiro, uma das maiores da cidade em termos de extensão e largura, se torna o *point* noturno. Nela estão concentrados os bares e boates da cidade e nela, durante o período de festa, instalam-se barraquinhas improvisadas de jogos e bebidas.

A maior parte do público que frequenta a avenida Manoel Monteiro é constituído de adolescentes e jovens adultos, alguns inclusive saem de cidades vizinhas, como Goiânia, por

exemplo, apenas para participarem da agitação noturna da Festa de Trindade. É durante a noite que o caráter profano das festas religiosas se torna mais explícito, de acordo com uma moradora da cidade “durante a noite, na Festa de Trindade, é igual carnaval: todo mundo beija todo mundo”. A avenida Manoel Monteiro é o local mais propício às paqueras, lá os jovens, romeiros ou não, se encontram em busca de diversão.

Tendo consciência do caráter lúdico de toda festa religiosa os organizadores da festa (Igreja e prefeitura) promovem também shows de música sertaneja e música gospel, que são realizados na Praça do Santuário ou no Carreiródromo, situado em uma parte periférica da cidade, em um espaço conhecido como “Cidade do Carro de Boi”.

Durante o tempo em que os carreiros permanecem no acampamento, a melhor forma de passar o tempo é “jogar conversa fora”, “colocar as fofocas em dia”. As visitas de uns nas barracas dos outros são constantes e a cozinha, principalmente para as mulheres, mas não somente para elas, é o melhor local para se conversar. As conversas no acampamento, assim como aquelas tecidas durante a caminhada, giram em torno principalmente dos relacionamentos familiares, claro que assuntos sobre a festa estão sempre presentes, mas esses parecem se esgotar quando comparados aos assuntos sobre a família.

Entre os assuntos envolvendo relacionamentos familiares o que mais me chamou a atenção foi o interesse nos relacionamentos conjugais, e dentro deles no tema traição. A traição dentro do casamento é muito censurada, principalmente se for praticada pela mulher, o que não quer dizer que ela seja aceita quando praticado pelos homens, mas, enquanto para as mulheres ela é sempre muito criticada dentro do casamento, no caso dos homens a censura tende a se intensificar proporcionalmente ao tempo de casados. Assim quando um homem casado há vários anos comete uma traição, ele sofrerá maior reprovação do que se a traição fosse cometida nos primeiros anos do casamento.

Um outro ponto importante a ser destacado é que, quando se conversava sobre traições masculinas dentro do casamento, a condenação sempre recaía de forma enfática sobre as amantes. Eram elas que surgiam como as principais culpadas pela traição, e por isso casos de esposas traídas baterem nas amantes de seus maridos eram muito comuns³⁴.

Durante as conversas sobre traições, a mulher/amante surgia sempre com aquela possuidora da maior parcela de culpa, expressando bem a idéia que associa do sexo feminino

³⁴ Sobre esse assunto vários casos me foram contados, alguns pelas próprias autoras das surras. Nesses casos o que mais me chamou a atenção foram as estratégias usadas para a concretização da ação, algumas mulheres arquitetam planos para levar a amante até suas casas, outras aguardam apenas um momento qualquer de encontro com elas, seja na rua ou em outro lugar. Outras chegam a reunir parentes e/ou amigas, sempre do sexo feminino, para baterem na amante. Entre todos os casos ouvidos o mais interessante foi o de duas mulheres, cujos maridos possuíam a mesma amante, que se uniram para juntas baterem na terceira mulher.

às tentações masculinas, incontroláveis, diga-se de passagem, e que por isso isenta os homens da maior parte da culpa. Mas quando as mulheres eram as traidoras a culpa não recaía sobre os amantes, nesse caso a traição se dava devido ao pouco caráter delas, ou como diziam os próprios carreiros, na “falta de vergonha” dessas mulheres.

A responsabilidade atribuída às mulheres nos casos de traições, tanto masculinas quanto femininas, expressa sua influência quanto à preservação da família. Quando se trata de traições masculinas são as amantes as responsabilizadas pela desintegração da família, e cabe às mulheres que não traem, e que atribuem a culpa da traição de seus maridos às amantes, a responsabilidade de conservar a unidade da família elementar.

Levando em conta que os romeiros carreiros são constituídos por grupos familiares, o interesse no tema “traição”, demonstrado nas conversas, se deve principalmente ao fato da traição se constituir como uma ameaça à própria família, à sua permanência e unidade.

Domingo da Festa – o dia da despedida

Por fim chega o último dia da festa, o Domingo da Festa. Tudo nesse dia tende a ser *mais* em relação aos outros, *mais* especial, *mais* movimentado, *mais* exuberante em seus momentos religiosos, afinal de contas é o Domingo da Festa, dia de se despedir.

Nesse dia, a Alvorada Festiva, que despertava toda a cidade com fogos e sinos, se inicia com meia hora de antecedência, às quatro e meia da manhã, anunciando que o último dia de festa começa mais cedo, e se era o último, era preciso aproveitá-lo ao máximo. A Procissão da Penitência se inicia então às cinco horas, saindo da Igreja Matriz em direção ao Santuário Novo. Embora comece mais cedo, o percurso, que antes levava meia hora, nesse dia leva aproximadamente uma hora. O número de pessoas participando da procissão dobra se comparado aos outros dias, a rua Dr. Irany Ferreira, se torna muito estreita para o número de devotos.

A procissão caminha lentamente, pessoas se espremem tentando acompanhar a bandeira, que nesse dia é levada por um padre. Muitos devotos levam velas acesas, o que demanda certa habilidade em meio a tanta gente.

A procissão, que nos outros dias é feita apenas na rua Dr. Irany Ferreira, no último dia ganha um percurso maior. Chegando até a entrada do Santuário, ela percorre as ruas paralelas a ele e se dirige à Praça do Santuário, localizada atrás do mesmo, pois o espaço interno do Santuário no último dia de festa já não comporta o número de fiéis. A celebração

da missa é feita sem nada que a diferencie das outras realizadas após a procissão, talvez porque ocupe um lugar secundário dentro das celebrações do dia.

A primeira celebração especial que acontece no Domingo da Festa, após a Alvorada e a primeira missa do dia, é a chamada “Missa Solene da Festa”, presidida pelo arcebispo de Goiânia, e se inicia sempre às oito horas da manhã. Muitas pessoas, nesse dia, fazem questão de, após participarem da procissão seguida da missa, participarem também da Missa Solene, realizando, nas primeiras horas do dia, uma verdadeira maratona religiosa.

A Missa Solene além de trazer a mais alta figura do cenário católico de Goiás, o arcebispo de Goiânia Dom Washington Cruz, traz também figuras importantes do cenário político regional, a presença do governador do Estado e do prefeito da capital é sempre garantida, além de outros políticos locais e regionais. Transmitida integralmente por um canal televisivo regional, a Missa Solene atrai mais de 200 mil pessoas, e tem, aproximadamente, duas horas de duração³⁵.

Nela se pode perceber claramente a importância também política e não apenas religiosa da Festa de Trindade no cenário regional. A presença de figuras políticas demonstra que participar da Festa não é apenas uma questão de crenças religiosas, é também um ato público e político.

No Domingo da Festa, a cidade se encontra congestionada de pessoas, inclusive as ruas mais afastadas do centro não são poupadas, quando não são ocupadas por pessoas são ocupadas por carros estacionados, já que o trânsito nas ruas do centro fica proibido. Trindade se transforma em um verdadeiro formigueiro humano, uma cidade com menos de cem mil habitantes comporta em apenas um dia mais de seis vezes o número de sua população, é necessário muita paciência para se locomover em suas ruas.

No início da tarde, às 17 horas, acontece a última procissão da festa, a “Solene e Majestosa Procissão”, que além de atrair um grande número de devotos é encabeçada por um carro-andor que leva uma das réplicas da imagem do Divino Pai Eterno.

A última procissão da festa mobiliza não só a maioria dos carreiros, mas também grande número de peregrinos e da população da cidade. Antes do início da procissão, o acampamento dos carreiros se encontra em uma singular agitação, não se trata apenas de um vai e vem de pessoas, é um vai e vem de pessoas que se preparam para fazer a mesma coisa, uma atividade ritual por excelência, ir à Solene e Majestosa Procissão. Após a procissão ocorre a “Celebração de Encerramento”, um ritual de despedida muito aguardado por todos os tipos de peregrinos, onde todos participam.

³⁵ Fonte: jornal O Popular, julho de 2005/2006.

Nessa procissão a família Silveira se encontrava em peso, do mais velho ao mais novo, todos estavam presentes. Em cima do carro-andor, que é um caminhão que sai sempre muito enfeitado levando a imagem do divino Pai Eterno e várias crianças vestidas de anjo, vai também um padre que segue rezando o terço e é acompanhado na reza pelos devotos que vão caminhando atrás do carro.

Aproximadamente 40 mil pessoas participam dessa procissão³⁶. Crianças, adultos e idosos, todos juntos se espremem para acompanhar o carro-andor. Para participar da última procissão da festa além de ser preciso de muita habilidade para levar as velas acesas, muita disposição para permanecer em meio a tantas pessoas e muita paciência para caminhar tão lentamente, é preciso, acima de tudo, na visão dos peregrinos, de muita, muita fé.

Antes mesmo que a procissão chegue à Praça do Santuário, ela já se encontra repleta de pessoas à espera do início da Missa de Encerramento. As ruas nos arredores do Santuário ficam repletas de carros e ônibus de turismo, indicando que muitos haviam chegado ali apenas para participarem das últimas celebrações.

Por fim, quando o carro-andor chega a missa se inicia. Com quase duas horas de duração ela reúne aproximadamente 600 mil pessoas³⁷, assim como a Missa Solene, a Missa de Encerramento é celebrada pelo arcebispo de Goiânia. Muitos participaram dela com velas nas mãos, alguns, como sinal de devoção, assistem à solenidade de joelhos. Essa é a hora de se despedir, de renovar os votos prometendo estar ali novamente no ano seguinte. É um momento mais de agradecer do que de pedir, algo perceptível pelo próprio discurso da missa. Para finalizar a missa ocorre sempre uma queima de fogos marcando oficialmente o fim da Romaria do Divino Pai Eterno e da Festa de Trindade.

Voltando para casa: a saída dos carreiros do Santuário do Divino Pai Eterno

Com o encerramento da Festa de Trindade é hora de se preparar para voltar para casa. Todas as romarias carreiras partem sempre na segunda-feira após o Domingo de Festa, salvo alguns poucos carreiros que por ventura prolongam por mais alguns dias a estadia em Trindade. Mas a prática de permanecer na cidade após a festa é vista por muitos como algo que traz mau agouro, crença que é certamente uma forma eficaz de controle social. Várias

³⁶ Fonte: jornal O Popular, julho de 2005/2006.

³⁷ Fonte: jornal O Popular, julho de 2005/2006.

histórias eram conhecidas sobre carreiros que optaram por sair da cidade depois da segunda-feira foram acometidos por acidentes ou algum tipo de infortúnio na estrada.

Assim, sair no dia seguinte após o fim da festa era quase uma obrigação, era como se, para os carreiros que se deslocaram à Trindade como uma forma de devoção ao Pai Eterno, após o fim da festa não houvesse mais razão alguma para permanecer ali, e por isso era necessário voltar para casa. Não cumprir essa “obrigação” de retornar após o fim da festa acarretaria, então, infortúnios que podem ser compreendidos como punições por deslocar ou expandir o motivo da viagem, que a princípio deveria ser apenas o louvor ao Pai Eterno durante o período da Festa de Trindade.

Embora a partida dos carreiros aconteça na segunda-feira, muitos preparativos se iniciam logo no domingo, assim que os carreiros retornam ao acampamento após a Missa de Encerramento. Tudo aquilo que não será usado até a partida no dia seguinte, como alguns utensílios domésticos ou roupas, já é guardado para adiantar o trabalho, fazendo com que a última noite em Trindade adquira um ar de movimentação.

Durante o primeiro ano que acompanhei a romaria carreira (2005) participei somente dos dias de festa e do percurso de volta à Damolândia, e durante esse período era comum ouvir, principalmente dos mais jovens, entre treze e vinte e cinco anos aproximadamente, que o bom mesmo era participar do percurso de ida, porque era “mais animado”. Já das pessoas mais velhas eu ouvi algumas vezes que “a volta é desunida” ou que é melhor que a ida, comentários que demonstravam haver algumas diferenças, senão no trajeto propriamente dito, ao menos nas relações entre os peregrinos.

Ainda durante o domingo percebi porque a volta era, para alguns, considerada como desunida. Muitos daqueles que fazem parte dos “carreiros de Damolândia” enquanto grupo mais amplo, no domingo após a Missa de Encerramento, preferem voltar de ônibus ou mesmo de carona com algum conhecido, fazendo com que cada carro de boi perca parte de seus integrantes.

Quando a segunda-feira começa, começa também o início da peregrinação de volta. Muitos carreiros sequer esperam o dia clarear para levantarem acampamento. Aqui se segue o mesmo esquema de divisão das tarefas a partir do gênero, enquanto os homens vão em busca dos bois no pasto, as mulheres preparam as malas e utensílios para serem colocados no carro de boi.

Com o carro de boi já preparado só resta esperar pelo restante do pequeno grupo que realizará junto a peregrinação, geralmente as famílias que retornam juntos são as mesmas que realizaram junto o percurso de ida. Tudo pronto e começamos a sair de Trindade.

Embora a movimentação de retirada dos carros de boi chame a atenção daqueles que estão em Trindade, não há aqui toda aquela agitação encontrada quando a romaria partiu de Damolândia. Para o retorno encontramos apenas as famílias carreiras, em alguns casos desfalcadas. Alguns daqueles que durante a ida acompanhavam os carreiros nos três dias de jornada em caminhões, tratores ou mesmo em figueredos, geralmente voltam sem acompanhar a romaria, evitando dessa forma os pousos na estrada, muitos cavaleiros fretam caminhões para levarem os animais de volta e até mesmo alguns carreiros preferem acelerar o passo, fazendo o percurso, às vezes, em apenas dois dias.

Todas essas posturas corroboram a idéia de desunião que parece dominar a caminhada de volta.

A volta vem só a fãmia mesmo, de casa né. Cada fãfi seu não anda só. E pra ir não. Vai fãfi dos outro, fãmia dos outro, e junta tudo. A emoção deles é pra ir né. Pra voltã eles pensa que tem que vim embora, tem que cuidã do restinho do dinheiro, se não acaba né? (risos) (...) [na ida] mistura boi com cavalo fica difícil né?! Boi com carro não dá certo. Às vezes uma carroça, quando vai devagarzim, tudo bem, mas quando ela pega pra correr no mei dos carro, como é que cê vai desviar de carroça? Não tem como né! Aí estrova muito. A volta já tá mais calma, cê não vê cavalo, cê não vê figueredo, cê não vê aquele petequero de gente...O povo já tá mais cansado, o povo tá mais sem dinheiro... Aí eles vem tudo de boa. (Wilson, 2006 e.4)

Mas engana-se quem pensa que o clima mais tranqüilo da volta não agrade aos carreiros, muitos qualificam a tranqüilidade como uma das vantagens desse momento. Mas também não é só a tranqüilidade que faz com que a maioria dos carreiros prefira a volta, a satisfação de estar finalizando mais uma peregrinação colabora para que essa última etapa seja também vista como mais agradável.

A ida é muito boa, mas na volta... Toda vida que eu volto, eu volto achando melhor... Eu acho a ida muito boa, mas você tá ino, você não sabe o que vai te acontecer até lá. Quando você volta, já viu que deu tudo certim, você volta mais satisfeito né. Além de você saber se fez uma boa festa, além de voltar pra casa, porque não tem lugar melhor que a casa da gente. Cê acha bom sair de casa, mas quando você volta e você fecha a porta da sua casa, é o lugar mais importante que Deus te deu, seja lá ele do jeito que ele for. Então é aonde eu acho a volta mais gostosa né. Quando a gente gosta dá vontade de voltar de joelho, porque, nossa é bom demais, cê saber que to voltando, que fez uma boa festa, que graças a Deus não aconteceu nada né, e você tá voltando pra casa. Conta o caminho também é mais calmo né, cê mesmo viu né, é, é assim, é tipo você tá com um rádio ligado muito alto e com um rádio ligado mais baixo e fazendo o serviço da casa né, com todos dois faz, não faz? Mas você fica com a cabeça mais, mais tranqüila né. (...) Na ida vai gente demais, vai cavaleiro, vai

motoqueiro, vai carroceiro, vai...vai tudo aquilo, tratorista. No poso, não é aquela coisa serena, não é aquela coisa assim, de apreciar, cê viu né, a diferença muito grande mesmo, então eu acho a volta mais gostosa. Nossa Senhora! Cada ano que passa, na hora que eu volto pra casa, eu falo “esse ano foi melhor ainda”. (...) É um povo mais, cansado também né Valéria? A gente cansa, a cansa faz todo mundo ficar sereno, mas é um povo diferente, né... Pra te falar a verdade em cada carro mingua tanto, cê entendeu? Não vai, aquele tanto mesmo de gente que vai não volta, então aqueles que volta é companheiro, companheiro mesmo! Companheiro é companheiro né! Que gosta quando tem muita gente, gosta quando tem pouco, mas se eu tivesse que escolher, “Tânia você só tem jeito de ir de carro de boi, ou voltar”, eu falava assim, “Então eu vou voltar”, eu deixo de ir e volto. (...) Na ida tem muito mais [bagunça], nem se compara né, nem se compara. A juventude mesmo, vai mesmo só pra farrear né, aí cê já imagina, hoje em dia o que mais tem. E o povo vai mais fervoroso, e quando volta, eles volta com sono. Cê mesmo viu, sete horas a gente já tava dormindo, enquanto no dia de ir, sete horas tinha visita na sua barraca, você não podia né, ficar mexendo. (Tânia, 2006 e.3)

E sobre aqueles que gostam apenas da ida, Wilson tece uma breve crítica:

Tem que ir e voltá. Porque se for só pra ir eu não vou. Aí eu tenho que chega lá e tenho que saber que eu tenho que voltar de carro de boi. Se eu saí daqui e levá um carro e largá lá e depois eu não vou lá buscá? Não tem jeito né? Tem que ser feito direito, que aí a gente fica na metade uai. Não tem como ocê falá, “Ah eu fui de carro de boi”, só pra ir não. Tem que ajudar trazê pra trais né? Mesma coisa quando o povo vem pra ir comigo pra festa de Trindade, aí fala “Eu vou”, mas não adianta levá, que só vai! Pra voltá, cê tem que voltá sozinho, aí não presta uai. Diminói a famia né? Já leva os trem pra comê, tem que comê tudo. (Wilson, 2006 e.4)

Em pequenos grupos de quatro ou cinco carros de boi, as famílias carreiras vão então se retirando de Trindade e deixando para trás o Santuário do Divino Pai Eterno.

Na estrada

O caminho e os pousos da volta são os mesmos percorridos durante a ida. A Fazenda Arrozal, onde sempre ocorrem shows ou eventos para entreter os peregrinos quando estes se dirigem à Trindade, não realiza esses mesmos programas quando os romeiros estão retornando do santuário. O fluxo de pessoas é menor, assim como o número de barracas no acampamento.

Após a chegada no acampamento e organização das barracas, só resta jantar antes de dormir. A tranqüilidade e a falta de eventos para distrair é o que dá espaço para que surjam novas formas de distração³⁸. A janta no acampamento, que já carrega em si o caráter de ser um momento de interação familiar e/ou entre famílias, ganha durante a volta uma importância maior. Agora, sem ter o que fazer após a janta, ela tende a se prolongar, se tornando a principal forma e momento de interação.

A diferença perceptível da janta na volta, comparada à janta na ida, não se explicita apenas na questão quantitativa, no seu tempo de duração, a diferença também se expressa em questões qualitativas, o cardápio tende a ser um pouco diferenciado. É apenas durante a volta que a família Silveira, por exemplo, tem como prato principal da janta o churrasco. Este, por sua vez, é preparado pelos homens, que cavando um buraco no chão e colocando uma grelha na boca desse buraco improvisam uma churrasqueira, um deles fica sendo o responsável por assar a carne, enquanto isso as mulheres preparam o restante da janta, que acaba servindo de acompanhamento para o churrasco que é o prato principal.

Durante a volta os mantimentos de cada família já estão chegando ao fim, por isso é muito comum nesse momento, mais do que durante a ida, famílias se reunirem para prepararem a janta ou compartilharem os alimentos, principalmente as “misturas”. Na verdade o que acontece são distribuições de alimentos entre os próprios peregrinos, aqueles que possuem maior quantidade de determinado alimento distribuem parte dele com os outros, e esses outros irão distribuir aquilo que possuem em maior quantidade e assim sucessivamente. Esse sistema de trocas de alimentos é perfeitamente compatível com a idéia, corrente entre os carreiros, de que é necessário consumir todo o alimento levado para a peregrinação.

Embora levar alimento de volta para casa não seja visto como mau agouro, é muitas vezes associado a um caráter mesquinho e avarento da família carreira. Sônia expressou essa idéia quando, durante a volta, falava com satisfação que os mantimentos levados para a peregrinação foram a quantia certa para os dias fora de casa, dizia que não gostava de levar alimentos de volta, por isso os distribuía, e contou sobre uma determinada família de

³⁸ Durante os dois pousos realizados no percurso de volta, na falta de eventos para distrair os peregrinos, um grande grupo de adolescentes, todos homens, improvisaram um “rodeio”, uma alusão ao rodeio realizado durante a ida à Trindade, no segundo pouso, na fazenda Arrozal. No entanto, como não havia animais para montar, os próprios jovens serviam de bois e cavalos, onde aquele que subia nas costas de seu companheiro era o “peão”, enquanto aquele que carregava o “peão” representava o boi. Ora o que era o “peão” virava o “boi” e o que era o “boi” virava o “peão”. A graça da brincadeira não consistia apenas em ver o “peão” cair do “boi”, mas principalmente em se defender do “boi”, que após a queda do “peão” saía investindo em todos que estivessem por perto. Essa brincadeira atraiu a atenção de grande parte dos romeiros, e todos que estavam por perto acabavam, de certa forma, participando dela.

carreiros que preferia passar “dias comendo bolos e biscoitos velhos” à distribuí-los aos outros.

Dessa forma, os peregrinos tentam levar de volta o mínimo possível, mesmo quando após todo o consumo da família e distribuição dos alimentos entre os peregrinos restam mantimentos, muitos carreiros optam por distribuí-los, principalmente os quitutes (bolos e biscoitos), entre aqueles que deles se aproximam durante o percurso. Como são as crianças que com mais frequência se aproximam dos carreiros, puxando conversa ou pedindo para entrar nos carros de boi, são principalmente para elas que os peregrinos distribuem alimentos.

Essa distribuição dos alimentos e tentativa de levar o mínimo possível de volta para casa expressa uma espécie de potlatch que acontece entre os próprios integrantes da peregrinação, e entre eles e aqueles encontrados durante a caminhada, onde é necessário consumir todos os alimentos, que por estarem inseridos no ritual se tornam sagrados (Mauss, 2003). Quando os carreiros distribuem a comida excedente eles estão apenas retribuindo a comida recebida durante a ida à Trindade. A comida, vista como um objeto de partilha comum, e sacralizada por estar inserida no ritual de peregrinação, não deve ser guardada para si, ela deve circular, pois são dádivas que circulam e que serão retribuídas futuramente. O não cumprimento dessa “regra”, como bem colocou Sônia da Silveira, é associado a um caráter mesquinho e avarento, idéia que afeta diretamente a honra da família.

No último dia de caminhada todos estavam visivelmente alegres, mais falantes e animados. Tânia já não acompanhava os carros de boi, seguia à frente deles na carroça. Embora para alguns romeiros o fim da peregrinação se dava com a chegada à Damolândia para outros o percurso era mais breve, dois dos carreiros que faziam parte do nosso grupo ficaram pelo caminho. Como não habitavam em Damolândia e o percurso da peregrinação passava nas proximidades de suas casas eles não possuíam motivos para continuar a caminhada até a cidade, assim cada um tomou o rumo de casa.

Nos aproximávamos da estrada asfaltada, o último trecho que nos levaria até Damolândia, estávamos na reta final. Assim que chegamos ao asfalto encontramos alguns familiares dos carreiros que já esperavam pela romaria. A impaciência da espera fez com que eles se adiantassem pelo caminho, assim eles se dirigiram para a estrada para reencontrar os familiares peregrinos.

Ali mesmo, na estrada, começavam os cumprimentos de boas vindas, muitos abraços e beijos. Alguns carreiros, inclusive, faziam questão de anunciar sua aproximação da cidade queimando fogos de artifício durante esse último trecho do percurso.

Mas o ápice se deu mesmo na chegada à Damolândia. Não se tratava de uma recepção que mobilizava toda a cidade, como acontece durante a saída, mas apenas os familiares dos romeiros. Como a romaria chega à cidade em pequenos grupos a alegria se dá, de forma mais expressiva, basicamente entre os familiares daqueles carreiros que acabaram de chegar. Muitos familiares também queimam fogos de artifício assim que os carreiros entram na cidade, algo que pode ser interpretado como um aviso para toda a cidade de que mais um grupo de romeiros acabava de retornar do ritual de peregrinação e estava sendo reinserido no convívio social público. Já na entrada da cidade o grupo de carreiros que permaneceu unido até o momento por fim se desfaz, cada um, acompanhado de familiares e amigos, segue em direção à sua casa, e é dentro de cada grupo familiar que as comemorações do retorno continuam.

Entre a família Silveira há o “tradicional” almoço de chegada, na casa de Remarco, filho de Manoel. Embora a esposa de Remarco não goste que seu marido participe da peregrinação dos carreiros, todos os anos é ela a responsável pela preparação do almoço para recepcionar os romeiros carreiros da família Silveira.

Antes mesmo do almoço, a primeira preocupação é com os bois, é necessário dar-lhes o primeiro momento de descanso soltando-os do peso do carro. Geralmente eles são colocados nos quintais das casas, quando estes comportam, ou deixados em algum lote vazio, comuns no município. Só após soltar os animais todos estão prontos para o almoço.

O almoço preparado pela esposa de Remarco pode ser entendido como um ritual privado, já que se destina apenas aos peregrinos da família Silveira e àqueles que, por algum motivo, peregrinavam junto a ela, ou seja, no mesmo carro de boi. Trata-se agora de um ritual para reinserir esses peregrinos no âmbito privado. É o almoço que marca o fim do estado liminar dos romeiros.

Embora a peregrinação houvesse terminado, as coisas ainda não estavam nos seus devidos lugares rotineiros, era necessário descarregar o carro de boi e dividir as bagagens entre seus respectivos donos. Essa é a tarefa após o almoço, realizada na casa de Wilson, já que ele, como carreiros da família, era o responsável pelo carro de boi.

Cap. 3 – O carro de boi como símbolo dominante

Seguindo a sugestão de Turner (2005) para a análise dos símbolos rituais, e entendendo que eles estão envolvidos com o processo social, neste capítulo chamo a atenção para o lugar ocupado pelas romarias carreiras e pelo carro de boi no contexto da Festa de Trindade. Em seguida destaco as propriedades do carro de boi para analisá-lo como símbolo dominante da romaria dos carreiros e como aludindo a um modo de vida agrário importante na formação histórica da região Centro-Oeste.

Victor Turner (2005:49) entende o símbolo como “uma coisa encarnada pelo consenso geral como tipificando ou representando ou lembrando algo através da posse de qualidades análogas ou por meio de associações em fatos ou pensamentos”. Em sua visão, o símbolo é a menor unidade do ritual capaz de condensar muitos significados a um só momento. Tomando por base suas formulações é necessário discorrer, em uma série temporal, sobre o processo de acumulação e condensação desses muitos significados que se incorporaram ao carro de boi tal como usado no contexto da Romaria do Divino Pai Eterno .

Seguindo a metodologia proposta por Turner (2005), para a explicação do significado de um símbolo, discorro sobre a o contexto mais amplo do campo de ação em que o carro de boi está/estava inserido.

Os carreiros na Festa de Trindade: uma programação especial

Entre todas as programações da festa há algumas que são destinadas especialmente aos romeiros carreiros. Não que outras pessoas não participem dessas celebrações, mas trata se de eventos que focalizam especificamente essa categoria de peregrinos e contam com sua participação da maneira mais ativa possível. São eles: Romaria dos Carros de Boi e Desfile dos Carreiros, Encontro dos Carreiros e Missa dos Carreiros.

Nesses eventos há uma participação conjunta entre a Igreja e a prefeitura de Trindade. No entanto existe, em cada evento, a prevalência de uma das instituições na organização e condução dele. Os dois primeiros, Romaria dos Carros de Boi e Desfile dos Carreiros, são de responsabilidade da prefeitura, e a Igreja desempenha um papel coadjuvante no desenrolar dos eventos, como demonstra Pe. Agnaldo:

A prefeitura tem todo o controle do Desfile. Foi alguém da prefeitura que começou o Desfile, né, e depois, até o momento, é a prefeitura que tem todo o controle de organização. Tem alguém da prefeitura que é o responsável, o coordenador-geral. Entram em contato com o pessoal da segurança, os policiais, pra verem em que ponto ficam os soldados, etc. A presença da Igreja é no carro-andor e lá no Carreiródromo, onde eles passam, que é o ponto central, para informações, etc. Nada mais do que isso. (Pe. Agnaldo, 2006 e.2)

Já no Encontro dos Carreiros e na Missa dos Carreiros é a Igreja quem os organiza, ficando a prefeitura em segundo plano³⁹.

Romaria dos Carros de Boi e o Desfile dos Carreiros

A Romaria dos Carros de Boi e o Desfile dos Carreiros são considerados por muitos, inclusive por aqueles que participam do evento, seja como carreiro ou como espectador, como dois momentos diferentes de um mesmo evento, pois acontecem consecutivamente como partes integrantes de um processo que é percebido como único.

No entanto esses dois momentos recebem nomes diferentes, e são considerados pelos organizadores, a prefeitura, também de certa forma como dois eventos distintos. Adoto, por questões analíticas, a distinção feita pelos organizadores, pois os compreendo como eventos de natureza distinta, que em determinado momento se justapõem um ao outro e que podem ser vistos como seqüências complementares de um mesmo evento mais englobante.

Mas nem todos concordam com a forma pela qual esses eventos são distinguidos.

A prefeitura chama de Romaria de Carro de Boi, o que eu acho que deveria ser chamado de desfile. E pra prefeitura é Romaria de Carro de Boi, mas é uma dificuldade conceitual, né?! Porque Romaria de Carro de Boi é desde que o carreiro sai de sua casa, ele tá em romaria, e aqui uma parte da romaria é o Desfile de carro de boi, mas a prefeitura insiste em dizer... Não, desculpa! Não sei se é a prefeitura, né, mas vamos dizer assim, por parte da prefeitura de fixar a idéia do nome de Romaria ao invés de Desfile. Então, esse Desfile, chamado de Romaria de Carro de Boi, é um nome só, envolve os carreiros e o carro de boi, e também carroceiros, tropeiros, simplesmente cavaleiros e sempre com alguns destaques, ou alguns shows ou apresentações bem típicas assim. (Pe. Agnaldo, 2006 e.2)

³⁹ Para uma leitura sobre a relação entre religião e política ver Giumbelli (2002).

Pe. Agnaldo chama a atenção para a dimensão mais totalizadora da romaria que, do ponto de vista dos carreiros, integra todo o percurso realizado desde a partida em Damolândia.

De todo o modo, para a prefeitura a Romaria dos Carros de Boi, é uma espécie de procissão que parte da Igreja Matriz, no centro de Trindade, e se dirige ao Carreiródromo, localizado na periferia da cidade, onde se realiza o Desfile dos Carreiros. O Carreiródromo é constituído por uma passarela com arquibancadas e camarotes nos lados. Esse espaço foi criado em 2003, anteriormente o desfile acontecia em uma das ruas principais da cidade, onde se montava um Carreiródromo provisório.

É necessário esclarecer aqui que muitos romeiros carreiros não participam desses dois eventos, fazendo com que algumas romarias, vindas de determinados municípios, não tenham representação no evento, o que demonstra que não se trata de um momento totalizador como a romaria propriamente dita.

Pode-se dizer que essa Romaria dos Carros de Boi é uma transição entre o domínio propriamente religioso e o domínio laico e profano, entre a esfera religiosa e a civil.

Durante o percurso nas ruas da cidade, o primeiro carro de boi que encabeça a Romaria funciona como um carro-andor, levando uma das réplicas da imagem expressa no medalhão de barro, que é a imagem cultuada no Santuário, junto a um padre local. Durante esse primeiro momento, a presença e visualização da imagem é a causa e a finalidade desse evento.

No entanto, com a chegada dos carros de boi ao Carreiródromo se inicia o que é conhecido por Desfile dos Carreiros e, após a passagem da imagem pela passarela, se instaura o momento laico e profano desse evento, onde a causa e finalidade não estão mais relacionadas à imagem do Divino Pai Eterno. O foco é agora as romarias carreiras e seus “destaques shows” que desfilam pela passarela.

É a Romaria dos Carros de Boi, que antecede imediatamente esse desfile, entendida como uma espécie de procissão, que realiza a passagem entre o deslocamento religioso, a romaria propriamente dita, e o deslocamento laico e profano, o desfile realizado no Carreiródromo.

Como bem coloca Da Matta (1997) as festas religiosas combinam diversas relações sociais e orientações, possuem ao mesmo tempo momentos extremamente rígidos e “momentos semelhantes em forma e conteúdo ao carnaval, quando se estabelece um encontro legitimado de categorias e grupos sociais” (*op.cit.*:70).

Esses dois eventos, Romaria e Desfile, reúnem atualmente mais de 200 carros de boi vindos de mais de 15 diferentes cidades de Goiás. O público espectador chega a aproximadamente 95 mil pessoas⁴⁰. Dentre os eventos que possuem os carreiros como grupo focalizado, a Romaria e o Desfile é a atração principal, e para participar deles não é necessário inscrição prévia, basta comparecer ao local e se organizar na grande fila que se forma.

O interessante a ser destacado sobre esses eventos é que eles surgiram após um conflito, ocorrido há vinte anos atrás, entre a prefeitura de Trindade e os romeiros carreiros. O conflito girou em torno da circulação dos carros de boi pelas ruas asfaltadas. O estrago provocado pelos cravos (saliências de ferro localizadas nas bordas das rodas dos carros de boi, com função antiderrapante) sobre o asfalto levou o prefeito de então a proibir a circulação dos carros de boi nas principais ruas da cidade, obrigando os carreiros a percorrerem maiores distâncias para chegar aos respectivos acampamentos. Este conflito que pode ser entendido como um drama social (Turner, 1954; 1974a) ainda hoje é contado pelos carreiros como uma disputa pelo espaço, que era ao mesmo tempo público e sagrado, e que teve como desfecho a “vitória” dos carreiros e a criação da Romaria/Desfile como resultado de um acordo.

É o caso que fazia barraca no Sobradinho né, aí o Sobradinho resolveu não alugar mais lá esse lugar, os lotes lá, e nós passamos pra esse quintal aqui [o das mangueiras]. O prefeito aqui não aceitou nós atravessar a cidade com os carros de boi, nós tivemos que dar uma volta fora da cidade pra chegar aqui nesse local. O prefeito disse que estragava o asfalto, não sei o que. Aí quando foi no outro ano trocou de prefeito. O prefeito, no que entrou falou assim: “esse ano eu quero que os carros passem na porta da Igreja, asfalto nós fazemos outro e romaria não se faz de um dia pro outro não, então pode acabar com esse asfalto que nós fazemos outro”. Aí nós desfilamos na porta da Igreja, andamos em volta da Igreja nos carros de boi. E o povo achou bom e marcou o desfile pro outro ano. Foi que começou fazer esse desfile. (Manoel, 2006 e.1)

A Romaria e sua seqüência no Desfile acontecem sempre na quinta-feira antes do Domingo da Festa, e se inicia aproximadamente às oito horas da manhã, terminando por volta das três horas da tarde. A preparação para o evento começa cedo pois, além de todo o trabalho na arrumação do carro de boi, é preciso se organizar para a saída da Romaria.

A ordenação dos carros de boi não segue critérios pré-estabelecidos, como uma divisão onde se dispõem todos os carreiros de um determinado município, seguidos de todos

⁴⁰ Fonte: “Romaria do Pai Eterno” (2005), folheto explicativo da festa distribuído pela prefeitura.

os carreiros de outro município ou coisas do tipo. Ela se dá informalmente, a princípio de acordo com a chegada ao local de saída da Romaria, assim aqueles que chegam tarde ao local de saída se posicionaram entre os últimos da fila, os que chegam primeiro ficam entre os primeiros. A única exceção corresponde ao primeiro carro de boi que é aquele que leva a imagem cultuada no santuário e, às vezes, a rainha dos carreiros. Esta, geralmente, quando não segue no primeiro carro de boi, junto à imagem, vai logo no segundo carro.

O título de rainha é dado a uma criança proveniente de alguma das romarias que participam do desfile. No entanto não há um concurso para definir quem será a rainha, o que acontece é um sorteio, realizado durante a Missa dos Carreiros, ou seja, pela Igreja, que define qual o município que deverá apresentar a rainha do ano seguinte, e os critérios de escolha da criança são de responsabilidade dos próprios peregrinos.

O(s) carro(s) de boi que leva(m) a imagem e/ou a rainha dos carreiros se diferenciam dos demais pois, além de serem ornamentados com enfeites floridos, há um altar indicando que no primeiro carro de boi será transportada a imagem cultuada no santuário que, mesmo retratando a Santíssima Trindade e a Virgem Maria é denominada apenas como “imagem do Divino Pai Eterno”. Enquanto os carreiros e seus carros se organizam para o início da Romaria, muitas pessoas se aglomeram nas ruas e calçadas para apreciar o evento que, mesmo antes de começar já pode ser considerado um espetáculo. Entre aqueles que participam da Romaria não há somente carreiros e carros de boi, além das inúmeras crianças, em grande parte parentes e conhecidos dos carreiros, há também cavaleiros e carroceiros.

Há ainda, em meio aos carros de boi, alguns destaques um tanto distintos, como, por exemplo, o carro de cabritos, carro de búfalos, carro de vacas e o carro de porcos. Alguns deles, como o carro de cabritos, já são considerados “tradicional” dentro da Romaria, já que participam dela há vários anos seguidos.

Esses novos elementos que vem sendo inseridos na Romaria/Desfile nem sempre são introduzidos pelos próprios carreiros, embora seus “idealizadores” estejam de certa forma ligados ao campo. O carro de búfalos, por exemplo, um dos destaques de 2005, era de propriedade de um grande criador de búfalos de Goiás, já o carro de porcos, apresentado em 2006, foi levado também por um criador. Embora esses elementos não façam parte da peregrinação em carros de boi durante a Romaria/Desfile eles também se destacam.

São destaques shows, para chamar atenção, pra sair no jornal. Pessoas se oferecem, eu acredito que, eu não sei se alguém dentro da prefeitura, ou pelo menos nós do Santuário não incentivamos. Também se há incentivos eu não vejo problema nisso. Mas são destaques pra chamar atenção, que todo mundo que vê acha engraçado, interessante. É a expressão da

criatividade. Às vezes mais pra aparecer, né, porque o pessoal sobe no palco só naquele momento aí vai na mídia que vai ter espaço bom, de fama na televisão etc. e tal. Mas isso é o ser humano. Não vejo isso como maldade ou aproveitamento, porque se ganha alguns minutos de destaque apresenta também uma novidade, o camarada lá gastou muito tempo e dinheiro para adestrar aqueles porcos. Eu vejo isso com bons olhos. Não é legal quando se gasta muito tempo com isso e acaba atrasando pros carreiros. Mas, a prefeitura, por exemplo, a partir de reclamações e sugestões dos próprios carreiros, inclusive em Encontro de Carreiros, né, os cavaleiros que iam abrir o Desfile com bandeiras e etc. ficaram pra ser os últimos do Desfile de Carro de Boi. E isso foi importante para os carreiros porque os carreiros passam primeiro, vão pro seus pousos e depois vêm os cavaleiros, aqueles que vêm da cidade grande, pegam a mula bonita, toda traiada, só pra...vamos dizer, só pra aparecer, né. Mas eu não vejo assim. Eles vêm pra aparecer também? Também, né! Mas o padre Agnaldo quando ta diante da câmara está aparecendo também, e tem que ter consciência disso. Eu não vejo nenhum problema nesse acréscimo, desde que não aumente o tempo e o sacrifício para os carreiros, que devem ser os prioritários em qualquer organização, no sentido de facilitar a vida deles, com tempo, com pasto, etc. Os carreiros, aqueles que deixam lá suas casas e andam dias de carro de boi, esses devem ter todos os privilégios aqui no Desfile. Ter mais tempo, mais bem tratado pela polícia, alguns não são, e por fim, esses são os privilegiados e devem ser pelo menos. (Pe. Agnaldo, 2006 e.2)

Além dos carreiros, cavaleiros, carroceiros e dos “destaques shows” há ainda alguns grupos da própria cidade de Trindade que integram a Romaria, são eles: a banda municipal, os bombeiros mirins, a polícia militar mirim e três cavaleiros, cada um carregando uma bandeira, sendo elas a do Brasil, a do Estado de Goiás e a do município de Trindade. Esses três cavaleiros são todos de uma mesma família. A família Gratão, que além de possuir fazendas na região é proprietária de uma loja de carnes em Trindade. De acordo com alguns organizadores do evento a participação deles é algo “tradicional” no desfile, fruto de uma promessa de família.

A ordem se faz, então, da seguinte forma: primeiro está a banda municipal, em segundo os bombeiros mirins seguidos da polícia militar mirim⁴¹, em quarto lugar vem os três cavaleiros posicionados um ao lado do outro. Só após os três cavaleiros vem o primeiro carro de boi com a imagem, seguido dos outros carros.

Para que a Romaria se inicie de fato é necessário não apenas colocar o “santo” no carro de boi, ele precisa ser exposto aos olhares de todos. Durante os dois anos de pesquisa sempre que a imagem era colocada no altar do carro de boi ela permanecia coberta por uma manta até momentos antes do início da movimentação da Romaria, ao lado dela sempre permanecia um padre. (foto 16 e 17)

⁴¹ Os bombeiros mirins e a polícia militar mirim são programas municipais que visam a reabilitação de “alunos problemas”.

Durante toda a Romaria não há orações ou canções religiosas, as pessoas permanecem em silêncio. Há a música da banda municipal que encabeça todo o grupo ao mesmo tempo em que anuncia a passagem da Romaria, mas há ainda um outro som que é capaz de abafar o som da banda municipal, é o som dos carros de boi.

Na Romaria a visão e audição surgem como dois sentidos intimamente conectados. De acordo com Cavalcanti (1994) em sua análise do desfile das escolas de samba do carnaval carioca, “o sentido da visão traz novidades e acontecimentos em fragmentos de significados. A audição, por sua vez, relaciona essas imagens em fluxo irreversível a um conjunto semântico fixo e reversível”. Aqui na Romaria dos Carreiros, a visão apreende a imagem sagrada que domina e orienta toda a Festa enquanto que a audição acompanha a devoção dos romeiros simbolizado no ranger cantado das rodas dos carros de boi.

A Romaria/Desfile parece uma mistura de parada militar, devido à banda municipal, aos bombeiros e polícia militar mirim, todos em sua organização ordenada, e de procissão, devido ao carro-andor, e de desfile, enfatizado pela passagem pelo Carreiródromo⁴². Percorrendo um caminho sinuoso pelas estreitas ruas da cidade, os carros de bois seguem um atrás do outro em passos lentos, os espectadores que assistem à Romaria desenham um verdadeiro corredor humano por todo o percurso exigindo dos carreiros maior atenção com seus carros de boi. Era comum ver pessoas transitando entre os carros enquanto a Romaria passava, pessoas que queriam passar para a calçada do outro lado da rua ou pessoas que buscavam um bom foco para uma fotografia, esses comportamentos poderiam assustar os animais, o que exigia dos carreiros maior atenção com os animais durante o trajeto.

Chegando ao Carreiródromo é impossível não fazer uma analogia entre este e o Sambódromo, não apenas devido à terminologia, mas também em relação ao seu aspecto físico. Trata-se de uma passarela retilínea com arquibancadas e camarotes nos dois lados, há no meio da passarela uma grande tenda com dois palcos, um de cada lado da pista. Todo este espaço comporta, em uma extensão de aproximadamente 400 metros, cerca de 31.500 mil pessoas⁴³. Mas este, ao contrário do Sambódromo, é construído em um grande campo aberto na periferia da cidade. E não possui uma considerável estrutura fixa, praticamente tudo é montado na véspera do evento e desmontado após ele. O comércio de comidas e bebidas durante o Desfile fica por conta dos ambulantes, as arquibancadas são reservadas ao “povão”

⁴² Em Carnavais, malandros e heróis (1997), Da Matta analisa o carnaval carioca, o dia da Pátria e as procissões religiosas como três diferentes formas que a sociedade utiliza para falar dela e para ela mesma. Em cada uma dessas formas o autor destaca um mecanismo de ritualização que são respectivamente: inversão, reforço e neutralização. Embora Da Matta relacione cada um desses mecanismos a um momento ritual, durante a Romaria/Desfile pode-se percebê-los concomitantemente em uma mesma seqüência ritual.

⁴³ Fonte: “Romaria do Pai Eterno”, folheto explicativo da festa distribuído pela prefeitura.

em contraste com os camarotes nos quais só se pode entrar mediante a apresentação de convite⁴⁴, pois este é o espaço reservado aos políticos e ilustres da cidade.

Cavalcanti (1994), ao analisar o desfile das escolas de samba no carnaval carioca, chama a atenção para a criação da Passarela do Samba, o Sambódromo, ter significado o reconhecimento e alargamento da capacidade econômica do desfile. Embora o Desfile dos Carreiros tenha se iniciado no fim da década de 1980, o Carreiródromo, tal como é hoje, só foi criado em 2003, e até então o Desfile acontecia em uma das principais ruas da cidade, e o espaço em que se montavam as arquibancadas já era também denominado Carreiródromo. Nesses termos, a montagem do Carreiródromo em um espaço criado exclusivamente para o Desfile também demonstra o reconhecimento público e social desse evento enquanto algo relevante no contexto da Festa de Trindade⁴⁵.

Esse evento, literalmente um desfile de carros de boi, permite ao observador perceber alguns dos elementos que vêm sendo incorporados nas romarias carreiras, entre as inovações estão os já citados “carro de cabritos”, “carro de búfalos”, “carro de vacas”, “carro de porcos”, e a rainha dos carreiros, mas há também outros atores que participam do desfile embora não sejam carreiros, entre esses estão aqueles que chegam à Trindade a cavalo e alguns que desfilam montados em bois. (foto 18-21)

Quando a banda municipal chega à entrada da passarela, já há inúmeras pessoas nas arquibancadas e camarotes. Durante todo o Desfile dos Carreiros há um locutor que, além de anunciar as pessoas e grupos que desfilam, exerce a função de animador do público. Antes que o Desfile se inicie há sempre um momento “político”, onde são destacadas as benfeitorias promovidas na cidade pelo Estado e pela prefeitura, esse momento se deve em grande medida à própria presença do governador e do prefeito de Trindade, figuras constantes nesse evento.

Os carros de boi, quando chegam ao Carreiródromo, já estão todos enumerados e ali, na própria entrada, há uma equipe da prefeitura responsável pela coleta de informações sobre os carreiros: nome do carreiro, a fazenda e o município de origem, quantos quilômetros foram percorridos e há quantos anos participa da romaria em carros de boi. Essas respostas

⁴⁴ Em determinado momento do Desfile, buscando obter melhor visualização, me dirigi aos camarotes que eram de dois andares, ali fui impedida de entrar pela segurança que vigiava a entrada de acesso por não ter o “convite”, que, ainda de acordo com ele, era distribuído gratuitamente pelos organizadores do evento e não poderia ser comprado.

⁴⁵ A transferência do Carreiródromo de uma das ruas centrais da cidade para um espaço exclusivo e afastado do centro de Trindade é parte de um projeto mais amplo iniciado pela prefeitura e que comporta a criação de um local denominado “Cidade do Carro de Boi”, e do qual o Carreiródromo é uma de suas partes. De acordo com alguns membros da prefeitura, engajados nesse projeto, a Cidade do Carro de Boi possuirá, além do Carreiródromo com arquibancadas e camarotes permanentes, um museu dedicado ao carro de boi e ampla área de lazer.

eram transcritas para uma ficha intitulada “cadastro dos carreiros”, que recebia a mesma numeração dos carros de boi e que eram utilizadas pelo locutor à medida que os carros passavam pela passarela. Durante a divulgação dos dados de cada carreiro feita pelo locutor, este buscava dar ênfase no tempo de participação de cada família peregrina na romaria em carros de boi, expressando uma tentativa de reafirmar o compromisso das romarias carreiras, com um universo tradicional em que a família emerge como foco, ao mesmo tempo em que demonstrava, talvez involuntariamente, equivalência simbólica entre famílias peregrinas e carros de boi.

À medida que os carreiros passam em frente ao palco eles recebem uma “lembrança do desfile”, que varia de um ano para o outro, e que é entregue sempre ao carreiro, no caso de haver também outras pessoas acompanhando o carro de boi. No entanto nem sempre foi assim, quando o desfile foi criado, há aproximadamente 16 anos, havia uma espécie de concurso entre os carreiros, onde se determinava qual era o carro de boi mais enfeitado, a tolda mais arrumada, as juntas de bois mais emparelhadas, etc. Esses critérios eram avaliados por jurados que eram, de acordo com Pe. Agnaldo, pessoas envolvidas “culturalmente” na área, e como resultado do concurso os primeiros colocados recebiam premiações diferenciadas. No entanto, nos últimos anos a prefeitura optou por dar uma premiação igual a todos os carreiros, minimizando assim, o caráter competitivo do Desfile.

Após passar pela passarela acabou-se o Desfile, os carros de boi se dispersam, cada um “toma seu rumo”, pois é preciso levar os bois para o pasto. Com duração de aproximadamente sete horas a Romaria/Desfile contabiliza mais de 200 carros de boi.

Nos últimos anos, após o Desfile dos Carreiros, vem acontecendo também um outro desfile, embora desempenhe um papel secundário dentro do evento, é o Desfile dos Cavaleiros. O Desfile dos Cavaleiros, ao contrário daquele feito por carros de boi, é composto por pessoas e grupos de pessoas que, em sua grande maioria, habitam em meios urbanos. Trata-se também de indivíduos que possuem outra experiência com o campo, se comparado aos carreiros, são moradores de Trindade ou de cidades vizinhas, proprietários de haras, ou grandes fazendeiros, uns poucos são peregrinos de regiões distantes, e mesmo estes contrastam com a grande maioria que desfila em grandes cavalos com selas ricamente ornamentadas.

Nesse desfile busca-se uma distinção entre grupos que é expressa pelo uso de uniformes, muitos deles preparados exclusivamente para o evento⁴⁶. Além de uniformes

⁴⁶ A uniformização também é um elemento encontrado em algumas romarias de carreiros. Os carreiros da cidade de Taquaral, por exemplo, usavam uniformes com *slogans* de patrocinadores e também alguns cartazes

esses grupos são também distinguidos pelos nomes impressos nos uniformes, *cowboys* do laço, eternos *cowboys* e *cowboys* do asfalto são apenas alguns dos encontrados no desfile.

Dois últimos pontos que devem ser destacados entre os cavaleiros que realizam o desfile é que, além de não participarem da Romaria, sendo que eles apenas desfilam dentro do Carreiródromo, havia um grupo de cavaleiros da própria cidade de Trindade, demonstrando que essa apresentação guarda relativa independência da romaria propriamente dita ⁴⁷.

O Encontro dos Carreiros

O Encontro dos Carreiros tem como um de seus objetivos principais o diálogo direto com esses peregrinos. Encabeçado pelo Pe. Agnaldo, embora conte com a presença e participação de um representante da prefeitura, o Encontro acontece desde 1997 e visa o compartilhamento da experiência da peregrinação e dos problemas encontrados durante a caminhada, além de buscar também o resgate de aspectos histórico-culturais que fizeram e/ou que ainda fazem parte do cotidiano dos carreiros.

Buscando criar um ambiente familiar e agradável aos carreiros, ocorrem durante o Encontro apresentações de duplas sertanejas, grupos de folia, catiras, contadores de ‘causos’, de mentiras, e piadas, sorteio de prêmios, declamações de poesia, e até palestras com profissionais que atuam na área de cultura popular. De modo muito semelhante ao que ocorre hoje em rodeios como o de Barretos. Embora haja o interesse de passar informações aos peregrinos sobre várias formas de religiosidade popular, das quais as romarias fazem parte, o Encontro dos Carreiros se destaca por ser um momento onde os peregrinos reivindicam ações da prefeitura e do Santuário que promovam melhoramentos para as romarias e para a festa como um todo e para os eventos dos quais eles participam especificamente. É também durante o Encontro, através do diálogo, que surgem soluções para muitos problemas enfrentados durante a peregrinação, soluções que muitas vezes partem dos próprios peregrinos dispensando a atuação da Igreja ou da prefeitura de Trindade.

fixados nos próprios carros de boi. Embora tenha chamado a atenção para o uso de uniformes como uma forma de distinção, já que ele opera por meio de uma individualização do grupo, é preciso destacar também a função uniformizadora dessas vestimentas entre os membros do grupo. Como bem coloca Da Matta (1997) em sua análise do ritual do Dia da Pátria, o uniforme serve para tornar “todos os homens iguais no nível de sua posição” (Da Matta, *op.cit.*:60), para igualá-los, ao mesmo tempo em que promove uma individualização, “segregando rígida e nitidamente um papel dos outros” (Da Matta, *op.cit.*:61). Dessa forma, os uniformes usados por carreiros ou cavaleiros operam por esses dois meios: individualiza o grupo em relação aos outros, e iguala os indivíduos do próprio grupo.

⁴⁷ Entre os carreiros que participaram da Romaria/Desfile não havia nenhum do município de Trindade, todos eram provenientes de outros municípios.

Na condição de encontro deveria ser um momento em que os carreiros, como devotos, como católicos, partindo dessa idéia e considerando eles como católicos e que participando de algo distinto, poderiam se encontrar, partilhar a caminhada, como que foi, dificuldades e alegrias. Aí nós passaríamos para a prefeitura, para a polícia, para o corpo de bombeiros, as reivindicações deles e depois para a Igreja também, aquilo que seria nossa responsabilidade. Tem uma coisa básica que a gente faz todo ano que procura fazer é isso: eles falarem, partilharem, etc. E muitas conquistas tiveram a partir desse encontro, por exemplo, instalações sanitárias nos pousos, luz elétrica, banheiros, etc, têm sido conquistado mais rapidamente eu diria, porque com o passar dos anos a prefeitura, a meu ver, naturalmente ia fazer isso né. E a prefeitura ter um contato direto também antes [da peregrinação] com uma boa parte deles. Nesse encontro ontem, por exemplo, (...) surgiram lá idéias importantes, de eles se organizarem sem esperar o padre ou o pessoal da prefeitura daqui né, porque uma das dificuldades é como a prefeitura de lá fazer a sua parte, e a Igreja de lá fazer a sua parte, e não só o Santuário ter que encaminhar isso ou a prefeitura também. Então o encontro além de termos apresentações culturais, poesias, piadas, tivemos a presença já de artistas, André e Andrade, Irmãs Freitas, presença de pessoas de universidades (...) falando de folia de reis para os carreiros lá de Colônia, onde tem o santuário dos Santos Reis, etc. Esse conhecimento tem sido passado, e de coisas ligadas a eles: folia de reis, a tradição, o carro de boi, um pouco da história do carro de boi e etc. (Pe. Agnaldo, 2006 e.2)

A Missa dos Carreiros

A Missa dos Carreiros é uma missa criada em 1996 especialmente para esse grupo de peregrinos. Nela são evocados símbolos e signos do cotidiano camponês, e pode ser caracterizada pela espontaneidade, tanto dos celebrantes quanto dos participantes, por elementos utilizados na celebração que não fazem parte das celebrações mais tradicionais da Igreja, como por exemplo, o uso de chapéus pelos padres, o uso de berrantes durante a celebração, a utilização de cânticos estilizados a partir de músicas sertanejas e a participação de leigos durante a celebração.

Essa nova maneira de se relacionar com o devoto, onde os celebrantes passam a estar mais próximos do povo, pode ser remetida a contextos mais abrangentes da Igreja Católica. A partir de reformas implementadas pelo Concílio Vaticano II (1962) a Igreja Católica passa a visar novos vínculos com a sociedade, repercutindo em mudanças que atingiram o culto internamente em seus discursos e rituais (Steil, 1996). Essas mudanças “visam atingir o culto, reformulando o conteúdo da pregação e reestruturando os serviços oferecidos aos romeiros. Para fora do espaço do santuário, atuam como mediadores entre o Estado e os

romeiros, associando a romaria à solução dos problemas sociais que atingem o povo sertanejo” (Steil, 1996:251).

Buscando manter um clima descontraído, os carreiros são sempre convidados a participarem ativamente da celebração, seja no ofertório ou nas leituras bíblicas, há também sempre ao final da missa uma apresentação musical, geralmente duplas sertanejas dos próprios municípios de origem dos carreiros ou, quando possível, alguma dupla com renome regional⁴⁸.

A Missa dos Carreiros acontece sempre no sábado, antes do Domingo da Festa, no período da tarde, se trata de uma missa campal realizada na chamada Praça do Santuário que se localiza em um grande espaço atrás do Santuário Novo.

Embora seja uma missa para os carreiros, ela atrai muitos outros peregrinos que estão em Trindade nesse período mas, entre tantos romeiros, os carreiros são diferenciados por suas guias, varas de ferrão, e chegam sempre acompanhados dos familiares e amigos. A guia é, nesse momento, um símbolo que identifica esses peregrinos e é, com raras exceções, sempre carregada por homens. (foto 22)

Como se trata de uma missa que focaliza um grupo específico, o padre logo no início dela pede para que todos os carreiros presentes se posicionem em frente ao palco, que fica então repleto de varas de ferrão. Muitas delas com uma espécie de chocalho junto ao ferrão, que é feito de uma argola prendendo vários anéis, a vara quando colocada no sentido vertical e batia no chão produz o som de um chocalho. Esse som funciona como uma espécie de saudação dos carreiros, enquanto aqueles que não possuíam guias batiam palmas em determinados momentos da Missa, os carreiros batiam suas varas de ferrão no chão para expressarem suas saudações.

A Missa dos Carreiros, embora possua todas as etapas rituais que caracterizam uma missa católica (liturgias, homilia, oferenda e comunhão), se diferencia a partir do momento em que os celebrantes adotam uma postura informal perante os fiéis. Os padres, os seminaristas e todos aqueles que de certa forma colaboraram para a celebração da Missa permaneceram com chapéus na cabeça durante toda a celebração, contrastando com os fiéis que, na maioria das vezes, retiram o chapéu como forma de respeito ao momento sagrado. Mas durante essa missa especificamente, a permanência do chapéu na cabeça não é

⁴⁸ Esse estilo de missa, que utiliza a música como um importante elemento de animação na celebração, também foi encontrado por Steil (1996) em sua pesquisa feita no santuário de Bom Jesus da Lapa. Ele chama a atenção para as mudanças nas celebrações católicas que parecem aproximá-las dos cultos protestantes e dos meios de comunicação de massa, resultando em um culto que “envolve emocionalmente seus participantes” (Steil, *op.cit.* :124).

interpretada como desrespeito, alguns fiéis inclusive alternavam seus chapéus entre as mãos e a cabeça, retirando-o nos momentos considerados mais sagrados da celebração, como na homilia, na comunhão ou nos momentos de “exame de consciência”. O chapéu, dessa forma, funciona também como um símbolo capaz de criar identificação entre aquela coletividade e a própria Igreja.

A postura informal dos celebrantes da Missa também é expressa na própria forma com que estes se dirigem aos fiéis. A informalidade toma conta da cerimônia, o padre faz constantes exhibições como tocador de berrante, além de convidar alguma dupla sertaneja que eventualmente esteja presente entre os romeiros carreiros para subirem ao altar e darem “uma canja”. Os cânticos utilizados durante a celebração também são estilizados, embora as letras sejam religiosas o ritmo é sempre de alguma música sertaneja ou moda de viola conhecida pelo público. Em alguns momentos a Missa mais parece uma espécie de show, fazendo com que aquele que a assiste se esqueça que se trata de um ritual religioso que possui uma ordenação e inúmeras regras.

É também durante a Missa que se realiza o sorteio do município responsável por apresentar a rainha dos carreiros do ano seguinte. Demonstrando que, embora a Igreja possua uma participação limitada durante a Romaria/Desfile, essa participação tem espaços importantes bem definidos.

Vale destacar, ainda com relação à Missa dos Carreiros, que historicamente o catolicismo popular se caracteriza por uma religiosidade leiga desvinculada do controle clerical. Assim, as peculiaridades dessa missa, sua performance diferenciada, podem ser compreendidas como mecanismos e estratégias utilizadas pela Igreja para atrair um público que não possui o hábito de frequentar a missa em seus lugares de origem, principalmente se habitam em zonas rurais (Steil, 1996).

O carro de boi: um símbolo dominante

Neste item gostaria de propor uma análise do carro de boi enquanto um símbolo dominante, seguindo de perto as formulações de Victor Turner (1957; 1974a; 1974b; 1978; 2005)⁴⁹.

O ritual é tomado aqui como um mecanismo capaz de individualizar algum fato ou relação social, salientando coisas e aspectos da vida cotidiana através da dramatização. É o processo de deslocamento da esfera cotidiana para um novo contexto de significação que

⁴⁹Para uma análise de outros símbolos rituais ver Arno; Mello; Barros (1993).

permite a focalização de valores, relações e princípios de determinada sociedade ou grupo (Da Matta, 1997:36).

Já o símbolo é “a menor unidade do ritual que ainda mantém as propriedades específicas do comportamento ritual”, é a “unidade última de estrutura específica em um contexto ritual”, e sua principal característica é seu caráter condensador que lhe permite representar ao mesmo tempo várias coisas e ações (Turner, 2005:49).

Os símbolos dominantes “são encarados não meramente como meios para o cumprimento dos fins confessos de um dado ritual, mas também e com maior importância se referem a valores que são considerados fins em si mesmos, quer dizer, a valores axiomáticos” (Turner, 2005:50).

Para a análise de símbolos rituais Turner sugere a utilização de três tipos de dados de onde podem ser deduzidos a estrutura e as propriedades desses símbolos, o primeiro tipo de dado é construído a partir da forma externa e das características observáveis do símbolo, o segundo, a partir de interpretações feitas tanto por especialistas quanto por leigos, e o terceiro é construído a partir da elaboração de contextos significativos feito pelo antropólogo.

Os símbolos rituais possuem três diferentes propriedades: condensação, que é a capacidade de representar muitas coisas e ações ao mesmo tempo; unificação de significados dispares, onde “os significata díspares são interconectados em virtude de possuírem em comum qualidades análogas ou por associação em pensamento ou na prática” (Turner, 2005:58); e polarização do significado, que diz respeito a dois pólos de significados claramente observáveis encontrados em todos os símbolos dominantes, que são o pólo ideológico e o pólo sensorial.

O pólo ideológico é aquele onde se encontram “um arranjo de normas e valores que guiam e controlam as pessoas, enquanto membros de grupos e categorias sociais” (Turner, *op.cit.*:59), ou seja, diz respeito a “componentes da ordem moral e social”, a “princípios de organização social” ou a “normas e valores inerentes às relações estruturais”. Enquanto o pólo sensorial de sentido é aquele onde o conteúdo significativo é capaz de suscitar desejos e sentimentos, e que está “estritamente relacionado com a forma externa do símbolo” (Turner, *op.cit.*:59).

O ritual de peregrinação feito em carros de boi, pode ser compreendido através da categoria ritual de aflição que, segundo Turner abarca todos os tipos de peregrinações. Os rituais de aflição são dedicados a solucionar algumas espécies de tormentos que perturbam a vida social. De acordo com Brandão (2004:131) nos rituais de aflição o fiel se incorpora

“procurando obter, de sua atuação nele e da expectativa correspondente da divindade, a cura de seu mal”, que muitas vezes está relacionado a problemas de saúde, desemprego, trabalho, moradia, ou ainda a relacionamentos interpessoais.

Embora o número de peregrinos, entre os carreiros de Damolândia, que participam da romaria como uma forma de penitência seja mínimo, isso não lhe tira o seu caráter aflitivo, pois os devotos se incorporam ao ritual buscando obter a partir de sua participação nele e da esperança correspondente da divindade, algum tipo de graça, que não é necessariamente a cura de algum mal, mas pode ser algo menos específico como saúde para todos os familiares ou a solução dos conflitos no interior da família, por exemplo.

O carro de boi possui algumas características singulares para um meio de transporte: ele é puxado por bois, é feito artesanalmente de madeira com guarnições de ferro nas duas únicas rodas, é um veículo lento, e produz um som característico resultado do atrito entre duas de suas peças. O som produzido pelo carro de boi é, muitas vezes, designado como “canto do carro” ou “voz do carro”, e todos os carreiros com os quais conversei afirmaram que cada carro de boi possui um canto ou voz específica, ou seja, cada carro produz um barulho inconfundível aos ouvidos dos carreiros. Uma característica que os individualiza.

O canto do carro de boi é uma de suas características mais apreciadas, como coloca o carreiro Wilson: “o segredo do carro é cantá. Se ele não cantar fica sem graça! Tem que ter o barulho. Aí perde a noção da peça. Peça boa é a cantiga do bicho” (Wilson, 2006 e.4).

As três propriedades dos símbolos rituais (condensação, unificação de significados díspares e polarização do significado) são percebidas a partir da análise dos significados dados ao carro de boi pelos próprios romeiros. Quando se pergunta a algum peregrino porque utilizar o carro de boi como veículo de peregrinação eles não atribuem essa escolha a nenhuma de suas características observáveis, dizem que é uma questão de tradição iniciada pelos mais velhos e passada de pai para filho. Essa “passagem de tradição” não se refere apenas à forma de peregrinar, mas diz respeito, principalmente, à lida com o carro de boi. De acordo com Brandão (2004), a participação nos rituais demanda habilidades e conhecimentos específicos, assim, a lida com o carro de boi é um “princípio de inclusão-exclusão” que irá selecionar aqueles que são aptos a serem os atores principais do ritual.

Os peregrinos, no entanto, não sabem precisar uma possível data para o início da peregrinação ou uma indicação sobre em que geração familiar se situa o primeiro carreiro da família. É Tânia, filha de um velho carreiro, Manoel da Silveira, que nos dá algumas indicações sobre essa memória que remete não necessariamente a um passado diluído na

idéia de “antiguidade”. Mas também e sobretudo a um “outro mundo”, e a um mundo social que se organizava de modo diverso do atual⁵⁰.

O povo hoje quer andar de avião, de ônibus... Carro de boi aqui, em Damolândia mesmo, há uns anos atrás, levava o mantimento pra Anápolis e ia só de carro de boi. Por muitos anos, papai levou... por muitos anos de carro de boi. (...) Então eles ia. O carro de boi foi um transporte muito... tem muita música né, feita do carro de boi. Então realmente hoje em dia é outro mundo. Eles falam assim “oh, é o mundo”! Não vai acabar o mundo...já acabou! Agora tá começando tudo de novo. Essas coisa aí né, é outro mundo, não existia carro de pneu, agora o povo só quer isso né. Gado tocado mesmo...em Damolândia passou, esses tempo atrás, dois mil bezerros, e isso era direto mesmo... então não existe mais. A gente gosta porque a gente compara com a fé, com coisa...mas caso contrário, se você não levar por esse lado aí, ninguém quer mais não. (Tânia, 2006 e.3)

Além da utilização do carro de boi ser indicado como algo tradicional, essa “tradição” é passada de pai para filho, sempre por descendência masculina, já que não é nada comum que o ofício de carreiro seja desempenhado por mulheres. Já nas velhas “histórias de carros de boi”, ainda muito contadas por carreiros tão velhos quanto suas histórias, o carro de boi aparece sempre ligado ao meio rural e ao trabalho no campo, mas também surge como o meio de transporte para as viagens de lazer, como para a Festa de Trindade.

Há, no entanto, uma diferença importante percebida entre as interpretações sobre o carro de boi feitas pelos peregrinos idosos e por aqueles mais jovens. Os primeiros, ao falar do carro de boi, o associam a um passado nostálgico que não volta mais, e a um estilo de vida no campo, de onde se tirava o sustento familiar através do trabalho, sem máquinas industrializadas, mas com ferramentas produzidas na própria região e com o auxílio de animais, que muitas vezes eram bichos de estimação, já os peregrinos mais jovens vêm no carro de boi uma reprodução, deslocada no tempo, de um passado que eles não presenciaram e, principalmente, a representação de uma tradição religiosa.

⁵⁰ Neste ponto chamo a atenção para a idéia de memória coletiva que perpassa todo esse trabalho. A memória coletiva, como teorizou Halbwachs (1990) é pensada a partir dos laços sociais existentes entre indivíduos constituídos no presente. Dessa forma as lembranças do passado devem ser compreendidas como parte de construções sociais realizadas no presente, elas são pensadas a partir de “quadros sociais” que antecedem os indivíduos. A memória é parte de um processo social onde os indivíduos, ao longo da vida, interagem uns com os outros a partir de estruturas sociais determinadas, e nesse processo o passado passa a ser constantemente reconstruído no presente.

Colocando essas interpretações em pólos diferenciados podemos dizer que, para os primeiros, o carro de boi é visto como um meio de transporte e trabalho não mais utilizado a não ser para irem à Festa de Trindade, e lembrado com nostalgia por se referir a um “tempo que não volta mais”. Já para os últimos, ele é percebido como um elemento que persistiu ao tempo devido ao seu caráter religioso, reforçando assim a idéia de que a peregrinação, feita especificamente em carros de boi, é uma tradição religiosa que remete a um passado que preserva laços de continuidade com o presente.

Assim, para a geração mais velha a interpretação é feita com ênfase na relação do carro de boi com o trabalho no campo e de sua importância como meio de transporte num tempo passado, em um segundo momento, a interpretação se baseia apenas na sua relação com o caráter religioso da festa, ou seja, aqui o carro de boi passa a estar associado exclusivamente à fé, como bem colocou Tânia: “a gente gosta porque a gente compara com a fé, com coisa...mas caso contrário, se você não levar por esse lado aí, ninguém quer mais não” (Tânia, 2006 e.3).

Essas associações feitas pelos peregrinos, se referindo tanto ao passado quanto ao presente, destacam os significados do carro de boi que dizem respeito aos valores e princípios da organização social na qual eles estão inseridos.

O masculino e o carro de boi

Os romeiros carreiros são constituídos por grupos familiares que se diferenciam pelo nome de família. O nome de família, por sua vez, é transmitido de pai para filho por linha de descendência masculina (Abreu, 1980b). Assim como o ofício de carreiro, no entanto, ele é uma categoria que permite distinguir famílias, tanto no plano moral, quanto social, indicando a existência de relações hierárquicas dentro do grupo.

Esses grupos familiares mantêm estreita relação com o mundo agrícola, já que ainda é do cultivo da terra que a maioria das famílias tira seu sustento. O trabalho, por sua vez, está diretamente relacionado ao masculino e, por isso, também ao carro de boi, já que essas duas idéias “trabalho/carro de boi” por muito tempo andaram juntas. Nesse contexto estrutural o masculino, como coloca Abreu (1980b), possui como campo de atuação a esfera pública, e é nesse campo que o homem desempenha seu trabalho em busca de uma posição social que é avaliada a partir do plano econômico, ou seja, do desempenho nos negócios. Por outro lado, é a posição social que exerce grande influência no status do nome de família.

Nesse contexto, o carro de boi representa a patrilinearidade, um princípio do qual depende a continuidade do ofício de carreiro, que também está associado ao trabalho, e principalmente ao nome de família. Ambos dependem do masculino e de sua inserção em um universo social organizado a partir de famílias⁵¹.

A patrilinearidade surge, entre os carreiros, como um importante princípio de organização social que permeia o sistema total de inter-relações entre grupos familiares e entre pessoas que participam da peregrinação.

Quando os peregrinos falam da importância de realizar a peregrinação à Trindade em grupos familiares e do papel que a família ocupa no contexto mais amplo da festa, eles aludem a um ideal de harmonia e coesão do grupo familiar que deve ser alcançado durante a peregrinação.

Aí reúne a família né? Às vezes tem família lá daqueles mundo que tem muito tempo que você não vê, na Trindade eu encontro. Família junta tudo. (...) quando tem família que você passa o ano inteiro sem vê ele uai, aí encontra lá né?! Aí chega lá você encontra com eles e passa o resto do ano, 'É gente eu quero ir lá vê fulano', mas não vai, espera a Festa de Trindade, nós vamos lá. (Wilson, 2006 e.4)

Nossa, cada dia que passa, cada romaria que passa é melhor, pra mim é melhor, não tem nem que ver, (...) aumenta mais a convivência da gente, o amor, sabe, eu acredito que é melhor pra todo mundo que vai pela fé. (Tânia, 2006 e.3)

Embora nos discursos o caráter harmonizador e coesivo seja destacado, as relações de conflitos familiares estão também muito presentes na peregrinação. Na família Silveira, por exemplo, Manoel da Silveira é o patriarca da família, e possui oito filhos de três diferentes casamentos. Sendo um grande proprietário de bens na região de Damolândia (fazendas, granja de aves, imóveis residenciais e comerciais), Manoel mantém sob sua égide não só a maior parcela do patrimônio dos Silveira, mas também todos os seus filhos, que de alguma forma recebem sua ajuda, seja através de empréstimos financeiros, ou empréstimos de uma parcela de terra para cultivo, por exemplo.

⁵¹ Em alguns raros casos, os ensinamentos na lida com o carro de boi podem ser passados de avô para neto. Nesse caso, somos levados a pensar que o avô pode estar associado à linha materna de parentesco. No entanto, durante o desenvolvimento da pesquisa, não encontrei nenhum carreiro que tivesse aprendido seu ofício com o avô materno, encontrei apenas um carreiro que passava seus ensinamentos para seu neto durante a peregrinação, ele, no entanto, era o avô paterno da criança. (foto23)

Um dos principais motivos gerador de conflitos, não somente entre filhos, mas também entre netos, é a distribuição dessas “ajudas”. Enquanto os seus seis primeiros filhos não concordam com a ajuda financeira que Manoel dá aos seus dois filhos mais novos, fruto do seu atual casamento, esses dois filhos não concordam com a ajuda que o pai eventualmente dá aos outros filhos. Mas o mais interessante neste conflito é que se trata de um conflito silencioso, ao menos aos ouvidos de Manoel que, propositalmente, é poupado das discussões já que costuma repreender seus filhos e netos nas eventuais brigas familiares.

Os principais conflitos familiares dos Silveira giram em torno da figura paterna, e a Festa de Trindade acaba servindo de momento e local propício para a eclosão desses conflitos por reunir praticamente todos os membros da família.

Embora, em um primeiro momento, o caráter coesivo da peregrinação carreira pareça sobressair-se em relação aos outros, no plano das falas conscientes sobre a romaria, ao analisarmos o contexto concreto da romaria encontraremos, entre alguns de seus componentes, aspectos de oposições e de diferenciações sociais, que se expressam através do carro de boi.

O carro de boi, enquanto símbolo da romaria dos carreiros, distingue inicialmente a família patricêntrica enquanto unidade organizacional ampla. É dentro dessa lógica de organização que o nome de família possui maior força enquanto categoria capaz de estabelecer discriminações. Ele também expressa de algum modo a diferenciação entre rural/urbano, ou ainda, campo/cidade. Embora muitos dos carreiros que realizam a peregrinação habitem na zona urbana suas relações com o meio rural são intensas, e considerando que a memória coletiva percebe o carro de boi como estando intimamente relacionado ao meio rural, os romeiros carreiros passam a ser vistos e se vêem a si mesmos, sobretudo no plano ideológico mais do que no propriamente sociológico, como os representantes legítimos desse meio.

Outra diferenciação estabelecida pelo carro de boi é entre masculino/feminino, homem/mulher. Acredito ser esse um dos pares de oposições mais importantes que se pode perceber na organização social dos peregrinos, e que ganha maior visibilidade durante a romaria dos carreiros. São inúmeros os momentos em que essa oposição se expressa, desde os preparativos para a peregrinação, onde ocorrem divisões de trabalho, ficando a mulher a responsável pela preparação dos alimentos que serão consumidos, assim como dos utensílios da cozinha e das roupas de cama, mesa e banho, enquanto o homem se responsabiliza pelo trabalho “pesado”, e aqui se inclui, entre outras coisas, a preparação do carro de boi.

Durante a caminhada e permanência em Trindade, as oposições de gênero são percebidas em quase todas as tarefas diárias, enquanto os homens se encarregam da montagem e desmontagem das barracas e do cuidado com os bois no pasto, seja na estrada ou na cidade, as mulheres se preocupam com os afazeres de âmbito doméstico, como a preparação dos alimentos, higiene das barracas e o cuidado com os filhos.

No entanto, essa importante oposição que o carro de boi representa, pode ser melhor compreendida se olharmos para os momentos extraordinários da peregrinação, e não apenas para aqueles que reproduzem o cotidiano dos carreiros.

Durante a visita ao santo e a Missa dos Carreiros, por exemplo, são os homens que levam as varas de ferrão, ou guias, e ali se diferenciam não apenas das mulheres carreiras, mas também de todos os outros peregrinos. As guias podem ser interpretadas aqui como símbolos instrumentais e, como todo símbolo instrumental “deve ser visto em relação ao seu contexto mais amplo, isto é, ao sistema total de símbolos que constitui um dado tipo ritual” (Turner, 2005:63). Vale mencionar que fora do ritual de peregrinação, elas não passam de simples varas de madeira, que são cortadas no mato para serem usadas durante a peregrinação e descartadas após ela. Mas, durante a visita ao santo e a Missa dos Carreiros, a guia se torna um símbolo desses peregrinos já que está inter-relacionada ao carro de boi, como bem colocou Manoel quando lhe perguntei por que levar as guias durante a visita ao santo e durante a Missa dos Carreiros: “Pra representar os carreiros. Ele entrando com a guiada [guia] ta representando um símbolo dele” (Manoel, 2006 e.1).

No contexto da peregrinação o carro de boi às vezes é descrito também como representando a própria família: “Romaria, carro de boi, e ficar lá acampado é família (...) você sair daqui e por tudo dentro do carro é família” (Tânia, 2006 e.3). Assim, o carro de boi em um de seus aspectos simbólicos representa a própria unidade familiar mais ampla.

O carro de boi e seu campo de ação

Buscando chamar a atenção para os diversos significados do carro de boi e seu lugar na memória coletiva regional, utilizo, nesta última parte, com importante fonte, a obra *Mestre Carreiro* (1980), de Wilson Nogueira.

É necessário, no entanto, um breve esclarecimento sobre a utilização desta obra. Embora Nogueira (1980) seja um historiador preocupado com os aspectos sociais, culturais e históricos de Goiás, aqui, além de utilizá-la como fonte historiográfica ele é tomado também

como um informante exegeta, já que em sua obra se torna explícito, a partir de algumas narrações, seu envolvimento pessoal e sentimental com o universo do carro de boi.

De acordo com Nogueira (1980) primeiro carro de boi chega a Goiás por volta de 1800 a partir do processo de ocupação do interior do Brasil, a “marcha para o oeste”. Não apenas os carreiros, mas também os tropeiros serviam como vetores de comunicação e transporte até a chegada das ferrovias, no final do século XIX. Vindos de São Paulo e Minas Gerais, ambos foram causa e efeito do desenvolvimento regional através do crescimento de suas atividades.

O século XIX em Goiás é visto, pelas abordagens historiográficas (Nogueira, 1980; Chaul, 1988; Deus, 2000), como uma etapa de transição entre a mineração e a agropecuária. Essa transição pode ser verificada pelo aumento do número de estabelecimentos rurais na região, acabando por promover a ruralização da vida social na maior parte do território goiano (Chaul, *op.cit.*).

A pecuária, enquanto atividade principal em Goiás, surge, entre outros fatores, devido: a ausência de estradas, o que dificultava ou até impedia a comunicação entre diferentes localidades da província; devido às condições de produção (ausência de capitais e baixo nível de exigência de mão de obra na bovinocultura extensiva); e ao fato do gado, em Goiás, constituir um importante meio de ocupação territorial, da mesma forma que em outras regiões brasileiras como Minas Gerais e Mato-Grosso (Chaul, 1988). Mas ligada à pecuária extensiva estava também a agricultura de subsistência, constituindo assim a “fazenda” enquanto complexo produtivo.

O isolamento dos habitantes, que estavam divididos em grandes extensões de terras, ligadas por precárias estradas, dificultava a importação de mercadorias, fazendo com que os eles encontrassem no boi e na agricultura familiar a principal forma de subsistência.

O isolamento está vinculado à idéia de sertão⁸, dentro dessa perspectiva o papel social da pecuária e da agricultura era o de domesticá-lo. É esse empreendimento, o de “domesticação do sertão” um dos responsáveis pela identidade cultural de Goiás, assim como pela transformação do sertanejo em personagem principal na construção da idéia de nação. Seu modo de vida, a construção de sua moralidade e os seus valores se definem simultaneamente pelo isolamento, pela indiferenciação social e cultural e pela prodigalidade da natureza. (Sena, 2002).

⁸ Etmologicamente sertão diz respeito a um lugar distante, vazio, desconhecido e inóspito. Da perspectiva de um pensamento social, numa visão contemporânea negativa o sertão aponta para a noção de atraso quanto às formas de organização cultural e social, na dimensão positiva traz a idéia de fronteira interna onde se encontram os valores autênticos da nacionalidade e o estímulo civilizador. (Sena, 2002)

É nesse contexto de comunicação precária e de isolamento que o carro de boi teve ganho espaço. Respondendo à conjuntura econômica e geográfica era ele o principal responsável pelo abastecimento de sal, muito utilizado na alimentação bovina, e pelo transporte de mantimentos agrícolas. Suas rotas iam em direção às províncias de São Paulo e Mato-Grosso, passando por Minas-Gerais.

O romeiro carreiro Manoel da Silveira, hoje com 71 anos, relembra de sua infância quando o carro de boi ainda era usado como meio de transporte, não apenas de sal e produtos agrícolas, e o ofício de carreiro era uma profissão.

Meu pai foi carreiro há muitos anos lá em Minas. Lá em Minas eu vim com 12 anos e desde a idade de sete anos meu serviço foi guiar boi, puxando panela de barro de uma cidade pra outra. Naquele tempo não tinha panela de ferro, era panela de barro que nós fazia arroz, fazia tudo. Então tinha um lugar lá que eles fabricava as panela e nós puxava de carro de boi. A fábrica era lá em Itapecerica e trazia pra Formigas, que são seis léguas de Itapecerica à Formigas. Era o trajeto direto, secas e águas, não tinha negócio de..., era de janeiro à janeiro puxando panela. (Manoel, 2006 e.1)

O carro de boi também era o veículo empregado no transporte de curtas distâncias. Conhecidas por “viagens de porta” os pequenos trajetos eram muitas vezes utilizados para transportar pessoas. Embora esse tipo de transporte não possuísse caráter profissional, como era o caso do transporte de cargas, principalmente aqueles feitos por longas distâncias, ele era de grande importância, sobretudo nos casos de enfermidades, onde o doente necessitasse de atendimentos especiais e não estivesse em condições de fazer uma viagem a cavalo, nos casos de mudanças de domicílio, onde as viagens eram remuneradas embora não fossem profissionais, e, por fim, nos casos de viagens para lazer de famílias (Nogueira, 1980).

As viagens de lazer utilizaram os carros com frequência relativamente alta. Muitas delas eram realizadas, dentro dos costumes de então, para passeios que duravam dias, para uma família inteira, em visita a outra família amiga em cuja casa a primeira se hospedava. Em outras oportunidades, o lazer era proporcionado a toda uma comunidade familiar pela participação em festas profano-religiosas, que foram a alegria maior de muitos arraiais goianos. (...) Festas religiosas de mais prestígio popular, como a romaria de Trindade, atraíam número muito grande de carros, vindos de longe e de perto e de todas as direções. Carreiro de Vianópolis, que participou daquela romaria em 1937, falou-me de um fato que lhe não saía da memória: eram mais de cem os carros nela reunidos. (...) Atos semelhantes podiam ser observados em Piracanjuba, por ocasião da Festa de Agosto, ou em Santa Cruz, na festa de São Sebastião, ou em todas as localidades do Estado. (Nogueira, 1980:74)

No entanto, a partir dos anos de 1930, e intensificando-se nos anos de 1960, Goiás entraria em um crescente processo de “modernização” e carro de boi passa a ser visto como um símbolo do atraso contraposto ao automóvel.

A disputa entre automóveis, principalmente os caminhões, já que automóveis de passeio eram raros na década de 1930 em Goiás, e os carros de bois, tinha como pivô central os estragos causados às estradas pelas pesadas rodas dos carros, que eram circundadas por pregos de ferro batido, conhecidos por “cravos”, que possuíam cabeças avolumadas formando saliências antiderrapantes. Eram os cravos os causadores dos estragos nas estradas, pois abriam sulcos paralelos pela extensão dos caminhos (Deus, 2000).

No intuito de fazer com que o automóvel se tornasse o principal meio de transporte o Estado cria leis que dificultavam a circulação de carros de boi através da cobrança de pedágios e de multas para os carros que transitassem em determinadas cidades. Um exemplo dessas medidas legais é citado por Nogueira (1980):

Decreto n.473, do ano de 1932, baixado pelo Prefeito Municipal de Santa Rita do Paranaíba. Este ato estabeleceu, taxativamente, a proibição do trânsito de carros pelas ruas daquela cidade até mesmo para apenas atravessá-las. A multa para os infratores era fixada em cinquenta cruzeiros, acumulada com reparação de danos que caso fossem causados ao leito da rua percorrida ou atravessada. (Nogueira, 1980:69)

Imbuídos de um imaginário construído sob os ideais do progresso, os homens públicos queriam livrar-se, na medida do possível, de tudo aquilo que lembrasse a presença do que consideravam atraso, e as retaliações aos carreiros acabaram gerando uma decadência dos carros de bois. Algo que se refletiu, durante algum tempo, até mesmo nas romarias carreiras que se dirigiam à Trindade.

Muitos carreiros que se dirigem à Trindade se lembram claramente dessas retaliações. Foi inclusive, como foi visto, a partir de um conflito entre os romeiros carreiros e a prefeitura de Trindade, no final da década de 1980, que se originou o Desfile dos Carreiros, evento que trás os carreiros como grupo de destaque.

Como já foi dito, nas interpretações dadas ao carro de boi pelos peregrinos, como símbolo de memória coletiva, ele também é diretamente associado à religiosidade, e atualmente ele está ligado à devoção ao Divino Pai Eterno. É durante a peregrinação que

todo o conteúdo significativo do carro de boi é acionando e é capaz de despertar sentimentos, desejos e emoções.

De acordo com Turner (2005), os significados capazes de despertar sentimentos e emoções se relacionam ao pólo sensorial de sentido e seu conteúdo significativo está diretamente relacionado ao conteúdo concreto do objeto em ação.

A simples utilização do carro de boi, seja para peregrinar, ou mesmo para a realização de algum tipo de trabalho, algo, hoje em dia, muito raro em Goiás, é vista atualmente como associada a certa dose de sacrifício. A utilização do carro de boi por si só já é um sacrifício diante tantas inovações tecnológicas capazes de proporcionar conforto, rapidez e praticidade, qualidades não encontradas no carro de boi.

Essa idéia me foi passada quando, conversando com os peregrinos, lhes perguntava sobre a utilização do carro de boi fora do contexto da peregrinação, ou seja, no cotidiano deles. Todos, sem exceção, não consideravam utilizá-lo para o trabalho, ou transporte, destacando as vantagens de seus veículos motorizados, mais rápidos, confortáveis e econômicos, e de suas máquinas de trabalho, como tratores, caminhões, etc. Em outro momento, quando conversava com uma moradora de Trindade enquanto observávamos a chegada de uma romaria carreira, essa moradora me dizia que achava muito bonita a fé dos carreiros, por serem “pessoas sofridas” que enfrentavam toda a poeira das estradas, caminhando lentamente naqueles “carros de madeira barulhentos”.

Dessa forma a idéia de sacrifício associada ao carro de boi só se torna explícita a partir do momento em que ele é contraposto aos atuais meios de transporte e trabalho. Mesmo tendo adquirido mais esse significado do ponto de vista da população citadina, os romeiros carreiros não vêem a peregrinação em carros de boi exclusivamente como uma forma de penitência, onde o principal objetivo seria sobretudo sacrificar. Ao contrário, enfatiza também o prazer trazido pela experiência da romaria, sintetizado na idéia de “sofrimento gostoso” expressa abaixo por Tânia.

Não é cansativo, é dificultoso. Mas de carro de boi não é cansativo. Só quem não gosta, só quem não imagina, eu penso, que não imagina igual eu imagino, que cansa, que não agüenta: “eu não agüento isso, que eu não agüento aquilo”, porque é realmente poeira, romeiro tem que comer poeira, romeiro come poeira, a mão ta suja ele come, ele tem que ir embolado ali, como se diz, igual a peregrino mesmo, e ir embora.

- Mas porque ir de carro de boi?

Eu, eu entendo que...eu entendo que tem que ir. Se cê tem jeito de ir de carro de boi, cê não acha jeito de ir de camionete, cê entende? E, inclusive

o Zé deixou o carro tordado, mas ele passou mal, ele deu uma dor na boca do estômago, ele não foi [de carro de boi]. Então, se ele não tivesse dado essa dor, ele tinha deixado a camionete dele na garagem e tinha ido, entendeu? É um gosto dele. Tem jeito de eu ir, eu vou. Eu não vou esperar o amanhã que eu não sei se não tem jeito. Nós mesmo... é igual eu te falei, no ano que vem Deus sabe né, só a Deus pertence, e às vezes eu posso não ir, cê entendeu? Não significa que eu tenho que ir porque os boi tá lá, não. Mas todo mundo que tem um jeito de ir, ele não fica sem ir. Não fica mesmo! Qualquer pessoa que gostou um poquim, volta sempre. (...) Bem uns 90% não faz [a peregrinação em carro de boi] por penitência. A gente gosta mesmo. É igual eu te falei, ele é um sofrimento gostoso. Todo mundo sofre, tá ali naquele frio, fazendo, comendo aquele vento lá. Nós banhô na água geladinha, aquele frio. Mas é o gosto, não é um...é um sofrimento gostoso né. Hoje a gente já ta em casa, já tá aliviado, e o ontem a gente vai lembrar muitos anos pra frente. (...) Dói no lado bom, graças a Deus! Eu tava ali firme né, e não achei custoso, pelo menos eu considero assim. (Tânia, 2006 e.3)

O carro de boi por muito tempo também exerceu sua influência na formação da linguagem regional. Nogueira (1980) destaca algumas palavras e expressões muito usadas até os anos de 1950. No entanto, durante o desenvolvimento da pesquisa pude constatar que a maioria dos vocábulos e expressões já não estão mais presentes nas falas dos carreiros, por isso destacarei apenas algumas palavras e expressões, a partir do levantamento feito por Nogueira (1980), que me pareceu capazes de elucidar parte do conteúdo significativo do carro de boi relacionado ao pólo sensorial de sentido e não formulado de modo mais consciente ou explícito pelos carreiros⁵².

“-**Cabeçalho**: com conotação de pênis. A rigidez e a posição relativa, como parte do carro e do corpo humano, tornam afins duas idéias;
 -**Cocões**: com conotação de testículos. A razão anterior se repete no caso. Demais a idéia de cabeçalho longo e rijo, sobrepondo-se à linha mediana entre os cocões, acrescenta aqui afinidades de idéias;
 -**Carro parado não canta**: significando que nada se produz sem trabalho;
 -**Pular cambão**: diz-se da mulher que se entrega a relações sexuais ilícitas, especialmente em atos de adultério. É que, por vezes, em curvas, bois maus no trabalho saltavam lateralmente o cambão, e ficavam indevidamente juntos de seus companheiros de parêlha;
 -**Dançar de fueiro**: dançar com pessoa do mesmo sexo. Como fueiros do carro, iguais entre si, e opostos lateralmente em pares;
 -**Andar de fueiro**: andar com pessoa do mesmo sexo;
 -**Estar cangado**: estar preso a outrem, ou a uma situação inarredável, por amor ou por compromissos diversos;
 -**Apanhar no recavém**: apanhar nas nádegas, cuja posição no corpo humano é comparável à do recavém do carro;

⁵² Ver anexo III para melhor compreensão das palavras e expressões.

- Ser boi de cabeçalho**: ser responsável principal pela condução de uma situação;
- Brocha**: qualificativo designativo de fraqueza sexual masculina. A brocha pende, um tanto flácida, quando solta no canzil em uma de suas extremidades;
- Marmelo**: conotação de clitóris. Similitude com as expressões laterais do cabeçalho, que o eixo deste parece atravessar.” (Nogueira, 1980:133)

O carro de boi, através de suas partes, em seus pólos sensoriais de significado, representa temas como os órgãos sexuais masculinos e femininos, relações de gênero e trabalho, demonstrando que esses significados, construídos a partir de suas características observáveis, ou seja, de sua forma externa estavam em sintonia com a estrutura social do grupo, onde esses temas são de grande importância para a organização social.

Mas porque destacar palavras e expressões cuja maioria já não fazem parte do linguajar do grupo? Ainda que a maioria não seja mais utilizada, elas fazem parte da memória coletiva do grupo, as palavras “brocha”, “cocões” e a expressão “carro parado não canta”, por exemplo, ainda é encontrada com muita frequência no linguajar dos peregrinos.

Embora os pólos ideológico e sensorial sejam claramente distinguíveis, como coloca Turner (2005) eles são justapostos. A palavra “brocha”, por exemplo, quando usada metaforicamente conotando a fraqueza ou incapacidade sexual masculina, traz à tona comportamentos que não são aceitos em um grupo onde o masculino possui lugar de destaque. Assim como a expressão “pular cambão”, quando se refere à infidelidade feminina.

Dessa forma percebe-se claramente que o carro de boi é capaz de condensar inúmeros significados desde a idéia de “sacrifício gostoso” até um complexo de relações sociais próprio da organização social dos grupos carreiros.

No entanto para compreendermos o contexto significativo que liga o carro de boi ao Santuário do Divino Pai Eterno é necessário considerar e retomar alguns pontos, pois o simbolismo que liga esses dois elementos também diz muito sobre a organização social dos carreiros.

Em uma das interpretações dadas ao carro de boi ele aparece como associado direta e exclusivamente ao meio rural. De acordo com Nogueira (1980) o carro de boi surge em Goiás como um instrumento de trabalho e transporte compatível com as condições econômicas e geográficas da região, no período que se estende do início do século XIX à primeira metade do século XX, e está associado direta e exclusivamente a um modo de vida rural, o que o faz, em sua interpretação, um símbolo desse meio. Com as inovações

tecnológicas nos meios de transporte e trabalho, implementadas principalmente a partir dos anos de 1960 em Goiás, o carro de boi perde gradativamente seu lugar de destaque como principal meio de transporte e trabalho. No entanto desde então, as peregrinações em carros de boi no Santuário do Divino Pai Eterno embora tenham sofrido alguma diminuição elas permaneceram como formas ressignificadas, ocupando hoje lugar central no contexto regional.

Com a criação do Desfile dos Carreiros no final de 1980 as peregrinações carreiras ganham novo fôlego, pois passam a ter o aval social para continuarem a existir. Como vimos as iniciativas para a criação do Desfile, que partiu da prefeitura de Trindade, influenciou para que o carro de boi se tornasse um símbolo, agora oficializado, de um tipo de peregrinação ao Santuário do Divino Pai Eterno ao mesmo tempo em que agregou a ele uma dimensão pública laica, uma vez que o Desfile, propriamente dito, foi idealizado e é ainda hoje organizado pela prefeitura, e não visa enfatizar o caráter religioso da festa.

Mas a origem do Desfile está ligada a um conflito, ocorrido na década de 1980, entre a prefeitura de Trindade e os romeiros carreiros, devido ao estrago que os carros de boi provocavam no asfalto.

O conflito, que resulta na criação do Desfile, expressou dramática e simbolicamente mudanças econômicas e sociais que já vinham acontecendo na região, e pode ser analisado a partir do conceito de drama social.

O conceito de drama social, desenvolvido por Turner (1957)⁵³, abrange episódios públicos em que uma tensão irrompe em situações de conflito. Os efeitos que então se sucedem se dividirão em quatro fases de ação pública, são elas: transgressão, crise, ação compensatória e reintegração.

A fase de transgressão é marcada por uma transgressão pública ou por um não cumprimento de alguma norma que regula as relações entre as partes, quando ocorre a transgressão segue-se a crise. A fase de crise é o momento onde a transgressão ganha maiores proporções e possui característica liminais, pois se encontra entre fases mais ou menos estáveis do processo social. Após a crise segue-se a fase de ação compensatória, que ocorre para limitar expansão da crise através de mecanismos de ajuste e compensação colocados em operação pela chefia ou por membros estruturalmente representativos do sistema social perturbado.

⁵³ *Schism and Continuity in an African Society: a study of Ndembu village life* (1957) é o primeiro trabalho de campo de Victor Turner. É aqui que ele desenvolve pela primeira vez o conceito de drama social, utilizando-o como uma ferramenta analítica e descritiva da sociedade Ndembu. É a partir do conceito de drama social que Turner irá elaborar, com o auxílio da teoria de Van Gennep, os conceitos de *communitas* e *liminaridade*.

Os mecanismos desta fase variam desde a mediação informal, até meios legais e jurídicos, e, para a resolução de alguns tipos de crise ou para a legitimação de outros modos de resolução, pode ocorrer a performance de um ritual público. Esta é a fase considerada como sendo a mais liminal, pois se encontra no meio entre a crise e a resolução. Em alguns casos estes mecanismos podem não surtir efeito, levando a um retorno da crise. É nessa fase, de ação compensatória, que o ritual pode proporcionar a resolução da crise e assim providenciar a realização da fase final, a reintegração.

A reintegração, por sua vez, envolve a resolução do conflito através da reintegração do grupo social na sociedade, ou a partir do reconhecimento e legitimação social de uma ruptura irreparável.

Dessa forma, o conflito entre a prefeitura de Trindade e os romeiros carreiros surge, de forma legítima, a partir da violação, por parte dos carreiros, de leis e decretos que dificultavam e/ou proibiam a circulação de carros de boi nas estradas e nas ruas da cidade. Uma disputa que se arrastou desde o início do século XX entre carro de boi versus veículos motorizados, onde estes últimos possuíam o apoio do Governo Federal, como documentou Nogueira (1980) chamando a atenção para a mensagem proferida por Eugênio Jardim ao Legislativo em 13 de maio de 1922: “recente decreto do Governo Federal, que subvenciona os Estados que construírem e conservarem estradas, impõe a exclusão dos chamados carros de bois que por elas não poderão transitar”⁵⁴.

No entanto, de acordo com a historiadora Deus (2000), em Trindade, apenas em 1960 foi decretada uma lei que estabelecia o fim do transporte de romeiros em carros de boi, sendo cobrada multas na entrada da cidade. A insistência dos romeiros em se dirigirem para o Santuário do Divino Pai Eterno em carros de boi se configurava em infração de uma recente lei, e pode, por um lado, ser vista como sendo a primeira fase do drama social, a transgressão. No entanto há de se observar que os romeiros carreiros não transgridem uma ordem tradicional, já que a instituição da lei foi prévia ao conflito. Por outro lado a partir do momento em que a prefeitura de Trindade consente com a continuidade das romarias carreiras através da criação do Desfile, ela não faz valer a lei, acarretando em uma dupla transgressão.

Após a transgressão da lei por parte dos carreiros instaura-se a crise entre a prefeitura de Trindade e os romeiros. O mecanismo utilizado para limitar a expansão da crise foi a sugestão da criação do Desfile dos Carreiros, um ritual público que foi sugerido pelo prefeito de Trindade que iniciava seu mandato, e por isso era um membro estruturalmente

⁵⁴ Correio Oficial (Goiás), 14/09/1933 *apud* Nogueira, 1980:68.

representativo. Com a criação do Desfile esse drama social entra na sua quarta e última fase, a reintegração, pois os romeiros carreiros são reintegrados no contexto da Romaria do Divino Pai Eterno a partir do reconhecimento social do grupo⁵⁵.

É necessário destacar que o desfecho desse drama social acarretou mudanças nas romarias carreiras, atualmente além de receberem espaço na mídia regional, onde são apresentadas como expressões religiosas tradicionais, elas recebem também incentivos e patrocínios municipais, e às vezes até de empresas particulares. Sua permanência na Festa de Trindade exigiu que ela fosse ressignificada a partir da adição de significados que fossem compatíveis ao contexto social, cultural e econômico do fim do século XX.

Assim, podemos dizer que a romaria carreira sofreu, nos termos utilizados por Hobsbawm (1997) uma reelaboração de significados, ela foi ressignificada a partir de seus velhos modelos, visando novos fins.

No entanto, ainda resta uma questão: porque o carro de boi se tornou símbolo da Romaria do Divino Pai Eterno? Porque os carreiros persistiram em dar continuidade à peregrinação em carros de boi somente para a Festa de Trindade? Pois eles não peregrinam com seus carros e família para outros santuários.

Longe de querer dar uma resposta que não possibilite outras interpretações, apenas chamo a atenção para alguns pontos que indicam que a ligação existente entre o carro de boi e o Santuário do Divino Pai Eterno não existe por acaso, e nem foi construída a partir da criação do Desfile, embora este tenha corroborado para a cristalização e ressignificação dessa relação.

Como já foi exposto anteriormente o mito de origem do Santuário do Divino Pai Eterno gira em torno do achado de um medalhão de barro que retrata a Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria, do seu lado direito está o Pai, Deus personificado, do esquerdo está o Filho, Jesus Cristo, no alto de sua cabeça uma pomba branca, o Espírito Santo. No entanto, essa imagem retrata não apenas a Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria, mas também, sob outro olhar, a Sagrada Família sendo abençoada pelo Divino Espírito Santo.

Pai, mãe e filho também estão na base da constituição das romarias carreiras, a família é seu ponto focal. Por outro lado, embora a imagem contenha as figuras do pai, da mãe e do filho, o culto propriamente é devotado apenas ao Pai Eterno tratado como uma

⁵⁵ Os eventos que foram descritos e são hoje conhecido por Romaria dos Carros de Boi e Desfile dos Carreiros, eram, inicialmente, considerados um só evento. Apenas após a criação do Carreiródromo é que a prefeitura, enquanto instituição organizadora do evento, instaurou essa distinção tomando como referência o percurso feito nas ruas de Trindade (Romaria dos Carros de Boi) e o realizado no Carreiródromo (Desfile dos Carreiros).

espécie de santo, enquanto que entre os carreiros é nitidamente a figura masculina do pai que ocupa lugar de destaque na organização social do grupo.

Essa sintonia entre organização social dos carreiros e o universo simbólico agregado à figura cultuada no Santuário de Trindade parece indicar que o significado do carro de boi que o associa à religiosidade não está pautado apenas na tradição da peregrinação em carros de boi, ligando-se também a dimensões cosmológicas mais abrangentes da devoção católica.

Considerações finais

A romaria dos carreiros de Damolândia expressa, desde seus primeiros preparativos, formas de organização próprias dos grupos romeiros. Nelas, a família surge como uma unidade organizacional básica, e o nome de família como uma categoria capaz de estabelecer distinções e de organizar um expressivo universo moral e simbólico que perpassa a experiência ritual da peregrinação.

Desde os preparativos, que se dão no âmbito familiar, as divisões das tarefas são nitidamente marcadas por relações de gênero, uma divisão que acompanha todo o período de peregrinação demarcando posições e papéis sociais dentro do grupo. Ao feminino cabem as tarefas ligadas aos afazeres da casa, alimentação, higiene e o cuidado com os filhos, o masculino está associado aos trabalhos “pesados” como a preparação das barracas, o transporte das cargas para a viagem e tudo aquilo que se relaciona ao carro de boi.

O masculino desempenha um papel singular na conservação das romarias carreiras, além de estar diretamente relacionado ao nome emblema de família, já que este é herdado por linha masculina de descendência, o ofício de carreiro só é desempenhado por homens e transmitido também por descendência masculina. Dessa forma, tanto as romarias carreiras, quanto o ofício de carreiros dependem em grande medida do masculino e de sua inserção num universo social organizado a partir das “famílias” para continuarem a existir. No entanto a “família” entendida como um universo social emerge como uma totalidade que engloba o masculino e o feminino como duas noções complementares.

Assim, embora as romarias carreiras e os nomes emblemas de família utilizados para criar distinções destaquem o masculino, eles não independem do feminino, já que mesmo sendo o ofício de carreiros desempenhado apenas por homens, a romaria em carros de boi só pode ser pensada a partir da família e do papel desempenhado pelo feminino nesse universo. E mesmo sendo o nome emblema de família herdado por descendência masculina, é o feminino o elemento responsável pela posição e continuidade moral desse nome emblema.

A peregrinação engloba também formas de sociabilidades específicas desses momentos extraordinários. Entendendo-a como um ritual propício ao surgimento do estado de *communitas* (Turner, 1978) nela se desenvolvem relações de companheirismo que se expressam, por exemplo, a partir do compartilhamento dos alimentos até à prestação de ajuda durante os imprevistos na estrada. Compartilhar alimentos e prestar socorro aos companheiros de caminhada também estão em sintonia com alguns preceitos da

peregrinação carreira, como nunca recusar o alimento oferecido e sempre, ao fim da peregrinação, retornar com o mínimo de alimento possível, e também nunca ir contra o sentido da peregrinação.

As idéias sobre a aceitação e consumo dos alimentos diz respeito, por um lado, à idéia de consagração que o próprio sistema sacrificial sugere, pois a inserção dos alimentos no sistema do sacrifício implica sua consagração, recusar o alimento consagrado é abrir mão dos efeitos úteis que do sacrifício; por outro lado, dentro do sistema das prestações totais (Mauss, 2003), recusar o alimento significa “recusar aliança e comunhão”, recusar uma dádiva (Mauss, *op.cit.*:2003). Consumi-lo ao máximo, ou doá-lo, voltando para casa com o mínimo de alimento possível nos aproxima também à idéia de potlatch e de circulação da dádiva, uma vez que quando não há o consumo do alimento pelos próprios peregrinos eles deverão ser doados, forçando assim uma circulação de dádivas, dadas e retribuídas. O não cumprimento dessa “regra” de consumir ou doar o alimento é associado a um caráter mesquinho e avarento da família carreira, idéia que afeta diretamente sua honra.

Já a prescrição do movimento, que necessariamente deverá ser realizado quando se está inserido no ritual da peregrinação, nos remete também, e ao mesmo tempo, à idéia de sacrifício e de circulação da dádiva. O sacrifício possui como um caráter essencial a “perfeita continuidade que nele se requer. A partir do momento em que é iniciado, deve continuar até o fim sem interrupção e na ordem do ritual” (Hurbert e Mauss, 2001:166). Assim, ir contra o movimento da peregrinação é interferir na sua perfeita continuidade.

É também seguindo o movimento da peregrinação que a prestação e contraprestação de ajuda circula entre os romeiros carreiros. Quando é necessário prestar algum tipo de socorro nos inúmeros imprevistos que ocorrem durante a caminhada, esse socorro sempre virá do grupo de carreiros que segue atrás daquele que necessita de ajuda, enquanto que o grupo que segue à frente prossegue viagem. Dessa forma, o sistema de prestação e contraprestação de ajuda utilizado na peregrinação dos carreiros segue o mesmo sentido da peregrinação, consiste em dar, da parte de uns, e receber, da parte de outros, de forma que o sentido dessa dádiva nunca seja o sentido contrário ao da peregrinação.

É também durante a peregrinação que homens e mulheres experimentam formas de se relacionar com parentes e amigos que diferem daquelas experimentadas no cotidiano, trata-se de um convívio intenso, em um momento extraordinário.

A intensa convivência familiar se expressa em todos os momentos da peregrinação, seja na permanência de vários membros de diferentes famílias nucleares, constituintes de uma família mais ampla, em uma mesma barraca, seja durante a preparação dos alimentos,

ou mesmo durante os passeios por Trindade. Em todos os momentos da peregrinação é praticamente impossível para cada um desvincular-se da companhia familiar.

É, no entanto, nesse ambiente de intensa convivência que muitos dos conflitos latentes e internos, não apenas relacionados aos grupos familiares, mas também ao grupo de carreiros de forma mais ampla, se tornam manifestos. Dando a possibilidade de serem resolvidos ou agravados.

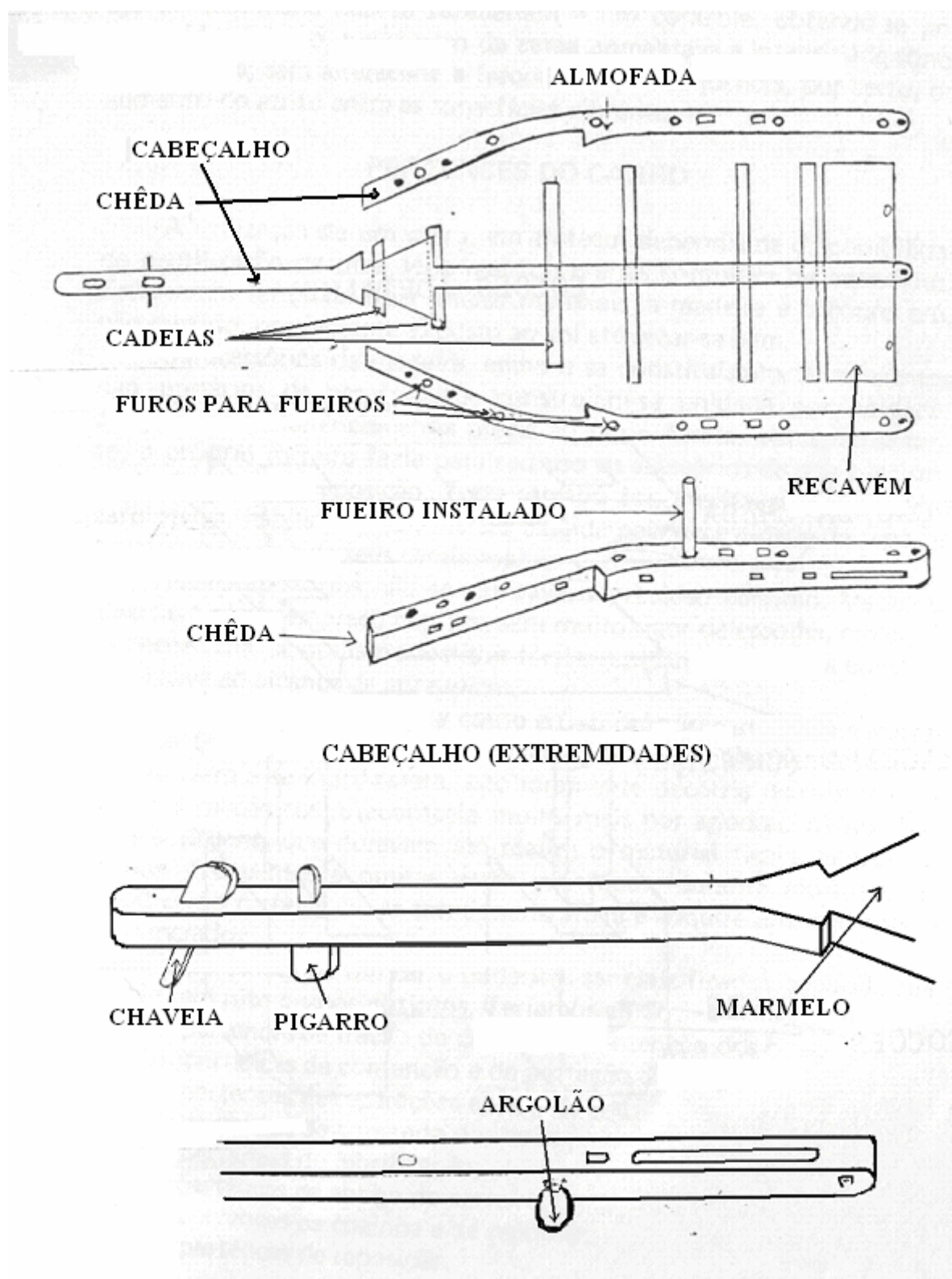
Já o carro de boi, enquanto símbolo dominante da romaria dos carreiros, surge na peregrinação como um condensador de significados e valores desses grupos. Todos os significados (trabalho, descendência masculina, masculino/feminino) são aspectos inerentes e fundamentais à organização social dos grupos, que emergem da análise da romaria dos carreiros de Damolândia como um processo ritual contemporâneo.

Anexo II

Mapa de Trindade

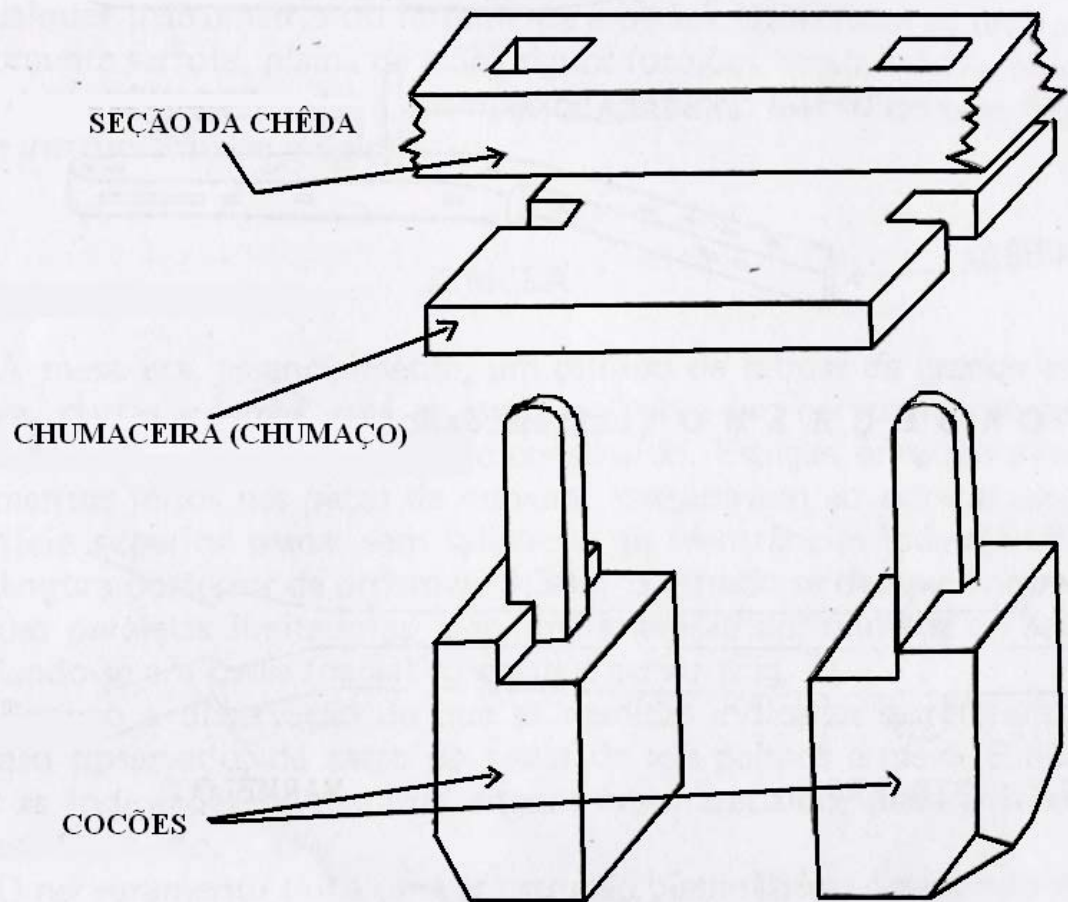


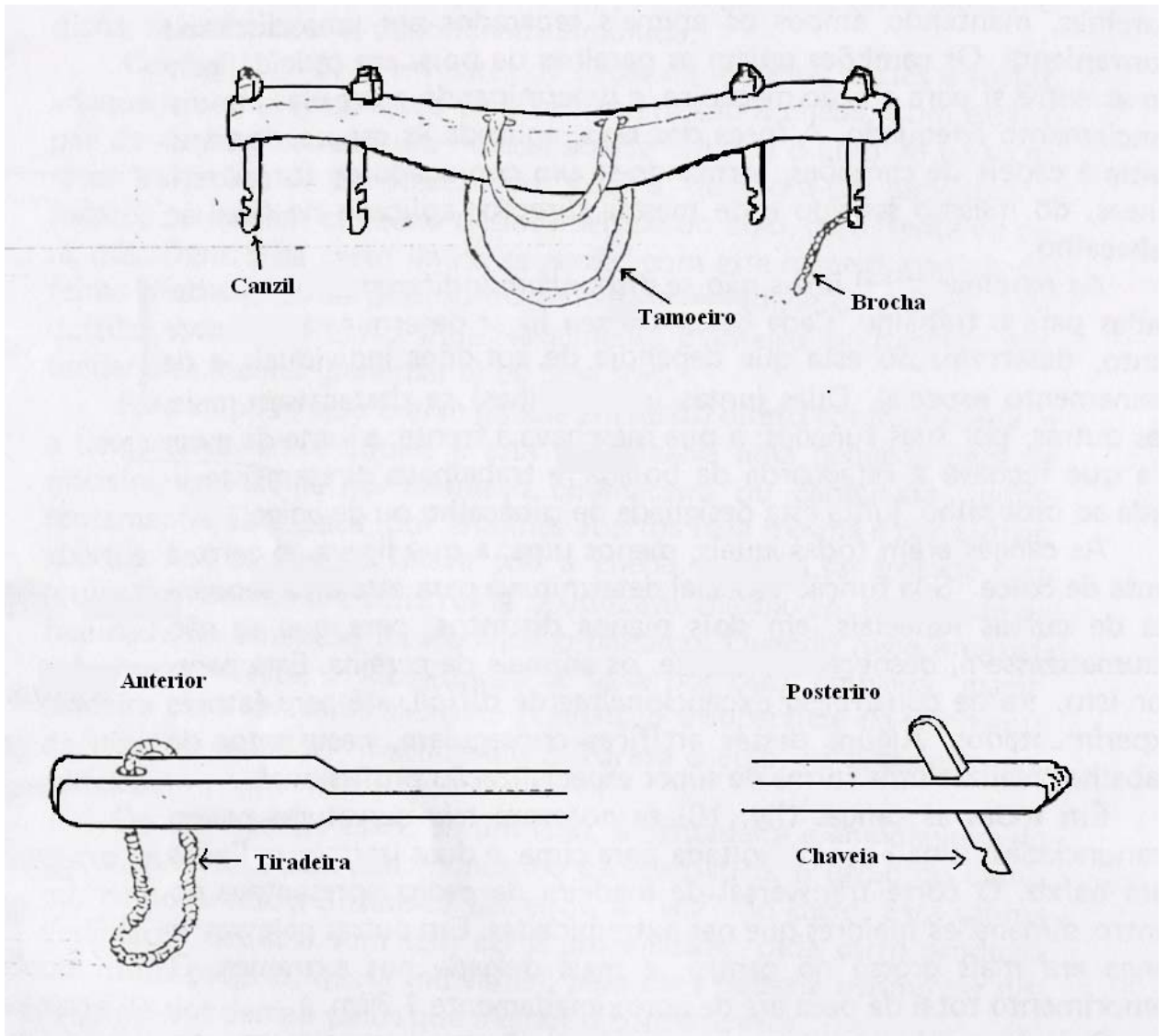
Anexo III Peças do carro de boi⁵⁶



⁵⁶ FONTE: Nogueira, 1980.

COCÕES (DETALHE)





Fotos



Foto 1* – O medalhão de barro.



Foto 2* – Imagem cultuada no Santuário de Trindade, conhecida por “Imagem do Divino Pai Eterno”.



Foto 3 – O figueredo.



Foto 4 – Um carro boi com seis juntas.



Foto 5 – Um carro de boi com duas juntas.



Foto 6 – Preparando a viagem.



Foto 9 – Wilson, o carreiro dos Silveira.



Foto 7 – A Missa de Despedida (Damolândia).



Foto 10 – A carroça dos Silveira, com Tânia (direita) e Flávia (esquerda).



Foto 8 – “Rumo à Trindade”. Uma das réplicas da imagem do “Divino Pai Eterno”.



Foto 11 – Crianças pegando carona no carro de boi.



Foto 12 – A montagem da barraca.



Foto 15 – As barraquinhas.



Foto 13 – A preparação da comida.



Foto 16 – A santo encoberto à espera do início da Romaria.



Foto 14 – Igreja Pe. Pelágio.



Foto 17 – Pe. Agnaldo Gonzaga na Romaria dos Carros de Boi (2005).



Foto 18 – Carro de búfalos no Desfile dos Carreiros.



Foto 19 – Carro de cabritos no Desfile dos Carreiros.



Foto 20 – Desfile dos Cavaleiros.



Foto 21 – Carro de porcos.



Foto 22 – Missa dos Carreiros.



Foto 23 – Aprendendo a carrear.



Foto 24 – Jovem candeeiro.



Foto 27 – Chegando em Trindade. Ao fundo o Santuário do Divino Pai Eterno.



Foto 25 – “Romeiro tem que comer poeira”.



Foto 28* - Vista aérea do Santuário Novo.



Foto 26 – Homens e carros de boi.



Foto 29 – A Banda Municipal na Romaria/Desfile.



Foto 30 – Polícia Militar Mirim.



Foto 33 – Preparando para voltar. Sônia (direita), Tânia (esquerda) e Remarco (dentro do carro de boi).



Foto 31 – Entrada do Carreiródromo.



Foto 34 – Colocando os bois no carro.



Foto 32 – O candeiro Remarco da Silveira.



Foto 35 – Parte da família Silveira que realizou a peregrinação em 2005.

* As fotos 1, 2 e 28 foram retiradas do site: <http://www.santuariodetrindade.com.br>

Bibliografia

ABREU, Ovídio. Dona Beija: análise de um mito. In: M. L. CAVALCANTI, B. FRANCHETTO e M. L. HEILBORN (orgs.). *Perspectivas antropológicas da mulher 3*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. pp.73-108, 1983.

_____. Parentesco e Identidade Social. *Anuário Antropológico*. Rio de Janeiro, vol. 78, pp.95-118, 1980a.

_____. *Raça, sangue e luta: Identidade e parentesco em uma cidade do interior*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro / MN, Rio de Janeiro, 1980b.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas: Papirus, 1989.

_____. *De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás*. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

_____. *O divino, o santo e a senhora*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

CAMURÇA, Marcelo Ayres; GIOVANNINI Jr., Oswaldo. Religião, patrimônio histórico e turismo na Semana Santa em Tiradentes (MG). *Horizontes Antropológicos*. vol. 9, no.20, pp. 225-247, 2003.

CAVALCANTI, Maria Laura V. C. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: FUNARTE/UFRJ, 1994.

_____. O Boi-Bumbá de Parintins: breve história e etnografia da festa. *Revista História, Ciência e Saúde: Visões da Amazônia*. Rio de Janeiro, vol.VI, p. 1019-1046, 2000.

_____. O indianismo revisitado pelo Boi-Bumbá: notas de pesquisa. *Revista de Estudos Amazônicos*, ano II, n.2, pp. 127-135, 2002a.

_____. *O mundo invisível. Cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

_____. *O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. Os sentidos do espetáculo. *Revista de Antropologia*. vol. 45, no.1, pp. 37-78, 2002b.

CHAUL, Nars N. Fayad. *A construção de Goiânia e a transferência da capital*. Goiânia: Centro Editorial e Gráfico da UFG, 1988.

CONTINS, Márcia; Gonçalves, José Reginaldo dos Santos. *A Escassez e Fartura: cosmologia e subjetividade nas festas do Divino Espírito Santo*. Rio de Janeiro, 2006.

ELIAS, Norbet; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. *Mana*, vol.6, no.1, pp.7-29, 2000.

DEUS, Maria do Socorro de. *Romeiros de Goiás: a Romaria de Trindade no século XX*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

DUARTE, Valquiria Guimarães. *O carreiro, a estrada e o santo: um estudo etnográfico sobre a Romaria do Divino Pai Eterno*. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Gestão do Patrimônio Cultural) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.

FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura V. C.; HEILBORN, Maria Luiza. Antropologia e feminismo. *Perspectivas antropológicas da mulher 1*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, pp. 11-47, 1981.

FORTES, Meyer. Édipo e Jô na África Ocidental. *Cadernos de Campo*. Rio de Janeiro, ano VI, no.5 e 6, pp. 217-250, 1997.

GIUMBELLI, Emerson. *O fim da religião: dilemas da liberdade religioso na Brasil e na França*. São Paulo: Attar Editorial, CNPq/PRONEX, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. *Infel: notas de uma antropóloga*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GRUNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Turismo e etnicidade. *Horizontes Antropológicos*. vol. 9, no. 20, pp. 141-159, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

- HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HUBERT, Henri; MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a natureza e função do sacrifício. In: *Marcel Mauss. Ensaaios de Sociologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- JELIN, Elizabeth. Família y gênero: notas para el debate. *Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, vol.3, no 2, pp.394-413, 2005.
- LINS DE BARROS, Myriam. Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas. In: Lins e Barros, Myriam (org.). *Família e gerações*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. (Coleção Família, geração e cultura).
- MARIZ, Cecília Loreto. A Santa do povo: o catolicismo dos leigos no santuário de Santa Quitéria. *Comunicações do ISER*. Rio de Janeiro, vol. 10, no 41, pp. 42-57, 1991.
- MARTINS, João Otávio. *Os peregrinos do Divino Pai Eterno: os carreiros e a reinvenção da tradição*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2001.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MEAD, Margareth. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- NASCIMENTO, Silvana de Souza. A festa vai à cidade: uma etnografia da Romaria do Divino Pai Eterno, Goiás. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, vol. 22, no.2, 2002.
- NOGUEIRA, Wilson Cavalcanti. *Mestre carreiro*. Goiânia: Instituto Goiano de Folclore, 1980.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Identidade e estrutura social. *Anuário Antropológico*. Rio de Janeiro, vol. 78, pp.243-263, 1978.
- REESINK, Mísia Lins. A antropologia, os católicos e a noção de Deus. *Religião e sociedade*. Rio de Janeiro, vol. 25, no.1, pp.11-38, 2005.
- ROCHA, Gilmar. “Fazer a praça”: A Montagem do Circo como um Processo Ritual. *Laboratório de Análise Simbólica*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 2005.
- SAHLINS, Marshall. *Cultura na prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- SANTANA TALAVERA, Agustín. Turismo cultural, culturas turísticas. *Horizontes Antropológicos*. Rio de Janeiro, vol. 9, no.20, pp. 31-57, 2003.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo: Annablume, 2003.

- SENA, Custódia Selma. De sertões e sertanejos. In: BERTRAN, Paulo (Org.) *Goiás 1722-2002*. Brasília: Mediale Comunicação, 2002.
- SILVA, Antônio G. da. *O Divino Pai Eterno e o Santuário de Trindade*. Brasília: Centro Pastoral Popular, 2005.
- STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. *Romeiros e turistas no santuário de Bom Jesus da Lapa*. *Horizontes Antropológicos*. vol.9, no.20, pp. 249-261, 2003.
- TRAVASSOS, Elizabeth. *Romaria do Bom Jesus da Lapa na Bahia. Folclore e cultura popular*. Rio de Janeiro: Funarte, INF; [Salvador]: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1986.
- TURNER, Victor. *Dramas, fields and metaphors: Symbolic action in human society*. Ithaca: Cornell University Press, 1974a.
- _____. *Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: EdUFF, 2005.[1967].
- _____. *O processo ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974b.
- _____. *Schism and Continuity in an African Society: a study of Ndembu village life*. Manchester, England: Manchester University Press, 1957.
- TURNER, Victor W.; TURNER, Edith L.B. *Image and pilgrimage in Christian culture: Anthropological perspectives*. New York: Columbia University Press, 1978.
- VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- VEIGA, Felipe Berocan. *A Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, Goiás: polaridades simbólicas em torno de um rito*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.
- VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antônio da Silva; BARROS, José Flávio Pessoa de. *A galinha-d'angola: iniciação e identidade na cultura afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas, 1993.
- VOGEL, Arno. *O pastor peregrino: ritual, simbolismo e memória da primeira visita de João Paulo II ao Brasil*. Niterói: EdUFF, 1997.
- ZALUAR, Alba. *Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- ZUMTHOR, Paul. *La medida del mundo*. Madrid: Cátedra, 1993.

Outras fontes:

“*Romaria do Pai Eterno*” (2005), folheto explicativo da festa distribuído pela prefeitura.

Jornal O Popular – junho e julho (2005/2006)

Site: <http://www.santuariodetrindade.com.br/fotosantuarioefesta.htm>

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)